

Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia

Mateus Elias Abumanssur
**A Construção da Abordagem de Cada Psicólogo:
Um Estudo Exploratório**

São Paulo
2023

Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia

Mateus Elias Abumanssur

**A Construção da Abordagem de Cada Psicólogo:
Um Estudo Exploratório**

Linha: Problemas Teóricos e Metodológicos da Pesquisa Psicológica

**Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de mestre**

Programa de Pós-Graduação - Psicologia
Experimental - Linha: Problemas Teóricos e
Metodológicos da Pesquisa Psicológica

Orientadora: Professora Associada Doutora
Livia Mathias Simão

Versão Original

São Paulo

2023

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Abumanssur, Mateus Elias

A Construção da Abordagem de Cada Psicólogo: Um Estudo Exploratório / Mateus
Elias Abumanssur; orientadora Livia Mathias Simão. -- São Paulo, 2023.

160 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental) -
- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Construtivismo semiótico cultural. 2. Epistemologia. 3. Ética em psicologia. 4.
Abordagens em psicologia. 5. Formação profissional em psicologia. I. Simão, Livia
Mathias, orient. II. Título.

Folha de Avaliação

Nome: Mateus Elias Abumanssur

Título: A Construção da Abordagem de Cada Psicólogo: Um Estudo Exploratório

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre

Aprovado em: _____

Banca examinadora

Profa. Dra.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Agradecimentos

Aos outros,

Em um trabalho que fala tanto sobre discordâncias, a todes de quem discordo. Vocês são cada vez mais numerosas e fortes, e o mundo lhes pertence

À minha categoria profissional, com todas as suas contradições que justificam esse estudo acontecer

Na interface entre discordância e identidade coletivas, também ao pessoal do Oré, pelas intrigas e produções que qualificam nosso modo de trabalho.

Nessa mesma toada, também ao pessoal da música, da pintura, da dança e outras artes. Tanto os que servem de inspiração quanto os que servem de companhia.

Aos meus pais, que me ensinaram a importância de demonstrar gratidão aos pais

Aos meus pais de novo, que presenciei recentemente discutirem entre si quanto a quem se deve agradecer no início de publicações

A todes que tomaram a vacina, e que consideram a terra no mínimo mais ou menos esférica (geóide também serve)

Ao financiamento público de pesquisas científicas, entre tantas outras formas de financiamento público necessárias

A Swartz e Elbakyan, de grande ajuda logística e prática na viabilização deste projeto

A minhas colegas de programa, cuja existência permaneceu um mistério por tanto tempo. Esse trabalho sobre a troca com pares não seria o mesmo sem vocês.

Aos professores, à banca, e, em ambas as categorias anteriores e ainda na de orientadora, à Livia. Com vocês não só aprendi quase tudo que estiver bom da teoria e do método aqui, mas, através da interlocução sobre esta e outras obras, também novos modos de repensar e perceber minha própria produção

A todes que por ventura lerem esse trabalho, em especial a quem se atenta a detalhes no nível de ler a seção de dedicatórias. Vocês são o que torna válido a quantidade de atenção minuciosa investida nesse texto. Espero ter deixado quantidade suficiente de erros e deslizes menores para satisfazer o anseio daquele que é meu público mais provável.

E por fim, aos outros

ABUMANSUR, Mateus Elias. *A construção da abordagem de cada psicólogo: um estudo exploratório*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Resumo

A psicologia se divide em diferentes sistemas, cada um com uma tradição com seus próprios postulados, pressupostos, metodologia, temas e ética. Essa divisão, não sendo puramente teórica, está imbricada na institucionalização da psicologia, moldando trajetórias profissionais e identidades na área. Para cada psicóloga, se posicionar em relação a essas linhas divisórias é uma imposição prática. Mas a experiência do que são essas divisões, o que representam, e como essas escolhas são feitas, têm grande variação de uma psicóloga a outra, e nós não somos completamente conscientes do processo. Nessa pesquisa qualitativa, desenvolvida na perspectiva do Construtivismo Semiótico Cultural, nosso objetivo é investigar as seguintes quatro questões interconectadas: Qual relação as psicólogas atuantes têm com o cenário teórico da psicologia? Como se posicionam entre uma linha teórica e outra? Como essa escolha se relaciona com sua prática? Essa escolha afeta a maneira como se vê enquanto psicóloga? A maneira como se vê enquanto psicóloga afeta essa escolha? Foram conduzidas entrevistas com dois psicólogos atuantes sobre suas experiências, estabelecendo três eixos de análise para o que foi trazido, nomeados aqui como “desenhando as linhas”, “direcionamento” e “negociação”. Na parte final, dividida em oito ensaios reflexivos, são propostos alguns processos e dimensões para conceber nosso entendimento qualitativo de como as psicólogas constroem seu próprio posicionamento teórico na psicologia, como um processo que ocorre tanto nos níveis individual quanto coletivo, considerando as implicações de nossa perspectiva para a formação em psicologia, a institucionalização, a negociação teórica da psicologia e a metodologia de tais estudos.

Palavras chave:

Construtivismo semiótico cultural; epistemologia; ética em psicologia; abordagens em psicologia; formação profissional em psicologia;

ABUMANSUR, Mateus Elias. *A construção da abordagem de cada psicólogo: um estudo exploratório*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Abstract:

Psychology is divided in different systems, each a tradition with its own postulates, assumptions, methodology, themes and ethics. This division, not being purely theoretical, is built into the institutionalisation of psychology, shaping career paths and identities within this field. For the individual psychologist, positioning herself in relation to those dividing lines is a practical imposition. But the experience of what those divisions are, what they represent, and how such choices are made, varies greatly from one psychologist to another, and we are not fully self-conscious of the process. In this qualitative research, developed in the framework of semiotic cultural constructivism, we aimed at investigating the following four interconnected questions: what's the relationship that acting psychologists have to the theoretical landscape of psychology? How do they position themselves across theoretical lines? How is this choice related to their practice? Does this choice affect the way they see themselves as psychologists, and vice-versa? Interviews were conducted with two acting psychologists about their own experiences, creating three axes of analysis to what they brought, in here named as "drawing the lines", "directioning" and "negotiation". From this, in the final part, divided in eight reflective essays, it's proposed a few processes and dimensions to conceptualise our qualitative understanding of how psychologists build their own theoretical positioning within psychology, as a process that happens both in individual and collective dimensions, considering what our standpoint implicates for the learning of psychology, the institutionalisation, the theoretical negotiation of psychology, and the methodology in such studies.

Keywords: semiotic-cultural constructivism; epistemology; ethics in psychology; approaches to psychology; professional formation in psychology;

Sumário

1. Introdução.....	9
1.1 Apresentação do tema, da organização do Projeto, e do pesquisador:.....	9
1.2 Objetivo.....	17
1.3 Justificativa.....	18
1.4 Contextualização: A construção da psicologia, entre individual e coletiva.....	21
2. Metodologia.....	52
2.1 A Construção do Método.....	52
2.2 Participantes.....	54
2.3 Coleta.....	56
2.4 Construção do Corpus Empírico Qualitativo.....	58
3. Corpo de Dados.....	66
3.1 Desenhando linhas:.....	66
3.2. Direcionamentos:.....	71
3.3. Negociação:.....	80
4. Reflexões.....	86
4.1: Redefinições e novas questões.....	86
4.2 Aderir, recriar, reconhecer, declarar.....	89
4.3: Estruturas, critérios de validação, intuição.....	92
4.4: Unificação ou redesenho?.....	97
4.5: Instituições para a Incerteza e a Divergência.....	100
4.6: Educação e produção do conhecimento.....	105
4.7: Jogo de perspectiva: A figura toda.....	110
4.8: Jogo de perspectiva: A unidade com o lado de fora da imagem.....	118
5. Referências.....	122
ANEXO A.....	129
ANEXO B.....	144
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	161

1. Introdução

1.1 Apresentação do tema, da organização do projeto, e do pesquisador:

Ao entrar em contato com a instituição, a ciência, a prática e tudo que convencionamos chamar de psicologia, uma das primeiras descobertas comuns pela qual passamos é a quantidade de linhas teóricas diferentes internas a uma mesma psicologia, pegando desprevenidos e frustrando algumas expectativas daqueles que chegam.

E, bem, porque não haveria de ser assim? É característico da ciência elaborar diversas teorias, e, mais do que isso, é característico da ciência também não ter (explicitamente) dogmas inquestionáveis para nos encerrarmos sobre seu objeto. O que torna essa aprendizagem mais contraintuitiva (e, creio, mais marcadamente única) em relação às nossas expectativas, até mesmo na comparação com demais áreas do conhecimento e de atuação, não é haverem simplesmente teorias que concorrem entre si, e sim “sistemas teóricos” que concorrem entre si, cada um com suas teorias baseadas em pressupostos, métodos, objetivos e critérios próprios, relacionando diversos de seus avanços internos uns aos outros, de certo modo concorrendo para uma visão completa do campo maior.

Esses sistemas teóricos a princípio são no mínimo *aparentemente* independentes e encerrados em si mesmos, *a princípio* excludentes uns aos outros quando entendidos em sua totalidade. O maior indicativo para reconhecê-los está no fato de que muitos estão agrupados por nomes conhecidos, com os quais as psicólogas¹ se identificam fazendo parte. Assim, temos algumas psicólogas que são “psicanalistas”, enquanto outras são “behavioristas”, mais algumas que são “fenomenólogas”, e assim por diante. Haverem nomes não quer dizer que internamente não haja cisões entre membros de uma mesma abordagem, e também não significa que não haja outras cisões e teorias concorrentes sem um rótulo facilmente reconhecível, como veremos adiante, e, talvez, a proposta teórica e declarativa não seja exatamente o fator que une ou desagrupa todas as tendências que encontramos, mas isso também é adiantar parte da discussão posterior.

¹ Aqui faço um esclarecimento de que, seguindo a tendência atual das publicações do Conselho Federal de Psicologia, entre outras publicações na área, ao me referir coletivamente a profissionais da psicologia, onde a linguagem neutra dificultar demais o texto, o farei no feminino, salvo instâncias que o vício de linguagem ou trechos escritos anteriormente à essa decisão escapem à revisão. Essa referência à coletividade no feminino não implica excluir desse grupo profissionais que se reconheçam de outra forma. O gênero masculino foi mantido no título, para evitar um entendimento equivocado sobre o conteúdo desta dissertação por leitoras em potencial que não tenham chegado a essa nota de rodapé.

A primeira constatação inicial de que parte este trabalho é que na psicologia existem muitos modos de se pensar, de se fazer, de se exercer a profissão, e que, por consequência, não se pode simplesmente aprender e aplicar “a” psicologia, porque não há um campo de conhecimento *único* e completamente coeso referido por esse nome. Na psicologia, cada psicóloga necessariamente fará escolhas, conscientemente ou não. O objetivo primário desta pesquisa, que ainda será refinado a partir daqui, é entender *o que guia a escolha das psicólogas por uma abordagem psicológica ou outra, e qual a relação que isso tem com seu modo de “ser psicóloga”*.

Mas ao definir esse primeiro direcionamento, temos uma primeira característica que será tanto um potencial quanto um limite (mas não um obstáculo, obstáculos no mínimo tentamos ou queremos superar porque estão no caminho de nosso objetivo). Estou aqui enquanto psicólogo me propondo a utilizar da psicologia para construir um conhecimento sobre como as psicólogas constroem e se relacionam com a psicologia. E ainda mais, quanto mais penso e estudo o tema, menos certeza tenho de como cheguei a acreditar no que agora acredito, ainda que isso não implique em dizer que conheço menos desse processo por refletir sobre ele.

A “figura principal” que estará em foco neste trabalho será a relação de meus interlocutores, ou das psicólogas em geral, com o conhecimento da psicologia, mas o “fundo dessa imagem”, o contexto dessa figura principal estará sempre aí compondo seu significado. Reconheço que minhas interlocutoras são colegas igualmente qualificadas em situações no mínimo em parte semelhantes, trazendo as respostas que encontram para problemas nos quais também me insiro, e essa dissertação vem como um processo *posterior* ao estabelecimento dessa base comum, justamente construído sobre ela. Ao mesmo tempo, seria falso dizer que sou “igual” a elas. Ao assumir esse trabalho, trouxe um interesse prévio por esse debate e, obviamente, estou na posição de pesquisador, com um controle muito maior e um direcionamento particular sobre as condições iniciais e o resultado final. Justamente por isso, tanto maior minha responsabilidade com o que está sendo escrito, porque fico encarregado de definir os temas, a metodologia, e interpretar o que encontrarmos.

Ultimamente acredito que toda fala é em *algum nível* também auto-referente; uma questão, por exemplo, pode explicitar que a autora da fala tem essa dúvida e pede pela resposta; ao dar uma ordem, a autora deixa explícito que é quem a está dando essa ordem e talvez a impondo; ao escolher um tema, explicita que o tema lhe é importante; ao declarar o valor nutricional da rúcula, demonstra que isso é o que a autora acredita ou pelo menos quer que você acredite sobre a rúcula. Acho, de modo semelhante, que toda pesquisa seria um tanto auto-referente, mas que esse exercício mental de tomar consciência e tornar essa dimensão mais explícita é

especialmente vital para o presente estudo, onde as fronteiras entre uma coisa e outra são tão sutis.

Antes de expor uma conceituação teórica e o encontrado na pesquisa propriamente dita, vamos então à minha própria breve apresentação pessoal em relação ao tema, um pouco do caminho que percorri até aqui e como começou esse interesse. Isso deve ajudar as leitoras a compartilharem o que vejo como limites e potenciais do presente projeto, e entender a base na qual está construído.

Ao ingressar na graduação em psicologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2010, tinha já um interesse por alguns conceitos de Freud, ainda que acessados através de material de divulgação, e por análises junguianas sobre mitologia, ainda que chegasse nessas à partir de um interesse primário em mitologia e a análise desta quando muito como um interesse secundário. Não sabia ainda que ambos se propunham em correntes diferentes, não contava com a decepção que teria ao descobrir que não há uma única psicologia em que há um consenso científico que eu poderia aprender e reproduzir de maneira técnica, seja na clínica individual ou na análise de mitos, e muito menos seria capaz de imaginar que meses depois eu mesmo já estaria um tanto desapontado com ambos Jung e Freud, sem imaginar que ainda outros anos depois iria rever novamente minhas opiniões sobre os dois algumas vezes. Por um período, nos primeiros anos, tive algum interesse em Piaget, e depois na obra de Vygotsky, assim como em textos de Fritz Perls, ainda que com ressalvas: o que eu definitivamente não concebia gostar num primeiro momento era da análise do comportamento. Assim como também não concebia, anos depois, voltar a achar valor em algumas analogias e metáforas da gestalt para falar de nossa percepção, e utilizar metáforas como a separação entre figura e fundo em uma dissertação de mestrado². Os interesses não eram, de modo algum, pareados somente por abordagens teóricas, sendo ao menos alguma curiosidade por temas relativos à educação e diferentes teorias sobre linguagem e comunicação, talvez as maiores constantes nesse tempo. Eventualmente, conversando com uma professora, que era uma de minhas favoritas apesar de eu não gostar da matéria que lecionava, ela me indicou alguns textos de referência sobre as dúvidas e críticas que eu tinha à análise do comportamento e ao behaviorismo radical. A partir daí, de um momento para outro, meu interesse foi primariamente a análise do comportamento, e qualquer outra abordagem teria que competir espaço com essa. Foi o meu momento de “mergulhar de cabeça” em uma

² Uma ressalva à leitora é que, apesar de citar acima um interesse prévio por algumas ideias e discussões de Fritz Perls, quando trago figuras de linguagem comuns à Gestalt, as utilizo por uma aproximação maior à Teoria da Gestalt do que à Gestalt-Terapia de Perls, e, de toda forma, tomo a liberdade de me apropriar de algumas de suas metáforas e analogias sem necessariamente me referir a suas teorias.

abordagem. Até aqui, desconfio que essa é uma história um tanto quanto comum e talvez até um clichê para quem atravessa a graduação em psicologia, substituídos alguns dos nomes e denominações.

Uma pequena quebra de perspectiva vem nesse momento. O último ano da graduação era dividido em núcleos optativos, agregando disciplinas complementares sobre um mesmo tema, com cada aluno optando por dois núcleos. Um dos núcleos que escolhi foi, naturalmente, o de Análise do Comportamento, e o outro, de Psicanálise com foco em educação. Esse último devido ao meu interesse em educação mais do que na Psicanálise mesma. Nesse momento vem uma primeira observação interessante: a graduação em psicologia era majoritariamente composta por mulheres, sendo comum que houvesse três ou quatro homens em uma turma de trinta ou até quarenta estudantes. Para efeitos de comparação, de acordo com o censo do Conselho Federal de Psicologia (2022), por exemplo, 79,2% da categoria se identifica com o gênero feminino. No núcleo de Psicologia Comportamental, por algum motivo, aproximadamente metade dos colegas eram homens (não tenho dados numéricos exatos, no entanto). Ainda assim, de algum jeito, não parecia ser uma coincidência, pois comecei a reparar como isso estava ocorrendo também nas disciplinas optativas em análise do comportamento dos anos anteriores, e, ainda mais marcante, eu estava lá para ser mais um caso confirmando minha percepção: homem que se pretendia um futuro behaviorista.

Se parássemos aí, apenas considerando que a psicanálise ou o behaviorismo são pura e simplesmente a opção correta, e que optar por essa ou aquele é uma questão de ser melhor, estaríamos atribuindo uma desproporção entre os gêneros sobre terem capacidade de perceber ou de cometer o erro de escolher a melhor ou pior opção. Mas ainda, dentro dessa lógica, a qual não subscrevo, nada estaria explicado. Qual seria esse motivo para tal “desproporção”? Se perguntasse a qualquer um sobre si mesmo, creio que dificilmente alguém diria algo na linhas de “*eu aprecio o pensamento de Skinner porque me reconheço no gênero masculino*”, e, no núcleo com base psicanalítica, também não creio que alguma diria “*eu discordo dos princípios do behaviorismo radical porque sou mulher*”, e de qualquer jeito, nenhum dos dois era um preditor absoluto da escolha, havendo mulheres e homens em ambos. A explicação individual, creio, costuma ser o quanto sua própria abordagem é evidentemente melhor, independente do gênero da profissional que a adota. Seria a análise do comportamento um jeito de performar alguns dos nossos indicadores de gênero dentro da psicologia? Ou seria contra o que socialmente se estabelece como “feminilidade”? Seria uma influência das pessoas e modelos que víamos seguindo por cada linha? Talvez influência das expectativas de

carreira profissional dentro da psicologia, ou até mesmo de experiências anteriores à graduação, como, por exemplo, a desproporção entre gêneros na posição de pacientes?

Uma segunda constatação que estará fundamentando o resto deste trabalho é a de que não somos completamente conscientes do processo inteiro que guia nossas escolhas, crenças e tendências, e o mesmo ocorre no caso de nossas escolhas dentro da profissão e direcionamentos teóricos.

Após a graduação, apesar de chegar a ser selecionado na mesma instituição para o programa de mestrado em psicologia experimental, inteiramente voltado à análise do comportamento, por motivos práticos optei por ingressar a Residência Multiprofissional em Saúde Mental, da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, em que pouco convivemos com esse debate entre abordagens nas aulas teóricas, e estudávamos outros temas de interesse como gestão de saúde pública, luta antimanicomial, redução de danos, processos de desinstitucionalização e afins. Algo relevante sobre a Residência é que ela tem uma carga horária majoritariamente prática, com 48 horas de prática semanais (tempo maior até mesmo do que exerciam as psicólogas contratadas das instituições em que trabalhávamos, a quem se aplicava a Consolidação das Leis do Trabalho). Essa carga horária prática ocorria em serviços de saúde da Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde. O que ficou para mim evidente nesse momento foi que tanto com minhas colegas de serviço, de residência, ou frente aos usuários dos serviços, não me bastava uma única linha teórica para entender os pormenores do trabalho, e nenhuma linha seria capaz de sequer prever toda a diversidade de situações com as quais nos deparamos, ainda menos considerando a diversidade de serviços pelos quais passamos e a necessidade de travar um diálogo entre eles, e ainda, que a linguagem de nenhuma linha era inteiramente apropriada para a coordenação entre todas as demais pessoas, mesmo que em discussões de caso que contassem apenas com colegas psicólogas do mesmo serviço.

De algum modo, era necessário aprender um jeito de me comunicar, e, conforme isso ocorria, percebia haverem também alguns entendimentos comuns mesmo entre profissionais de diferentes linhas. Além disso, havia toda uma discussão ética e prática, como aquela referente à luta antimanicomial e à redução de danos, que absolutamente não era pressuposta a priori pela base de nenhuma dessas abordagens, ainda que houvesse uma discussão entre adeptos sobre qual poderia se adequar melhor a esses novos direcionamentos, e a que cada um tentasse se adaptar.

Desde o final da residência, cheguei a trabalhar em alguns períodos em Centros de Atenção Psicossocial, em um Centro de Acolhimento, e em uma Unidade Básica de Saúde, além de

atendimentos psicológicos particulares com distintos públicos e formas de organização. Não deixei em momento algum de encontrar conceitos ou teorias com as quais concordasse na psicologia, ou, talvez ainda mais importante, com as quais eu discordasse. O que não pude mais foi conseguir me reconhecer como “sendo” de uma abordagem. Não consegui mais me propor a aceitar teorias e métodos de uma linha como um “pacote”, ainda que entendesse que eles deveriam ser aprendidos juntos e com frequência tivessem uma progressão; também não me propus mais a rejeitar ou parar de aprender teorias e métodos externos à aquilo que já estou acostumado e com que concordo, ainda que muitas vezes os rejeitasse de todo modo por meus próprios critérios.

Até onde percebo, isso não traz muitos prejuízos para a minha própria prática, fora talvez pelo trabalho de convencimento necessário frente alguns colegas, para quem tenho sempre que explicar que não é como se eu “não tivesse uma abordagem”, porque de alguma forma abordo meu trabalho, e não me torno menos consciente, congruente ou responsável pelas minhas crenças e escolhas profissionais do que se fosse de outro modo.

O que é direcionado a partir dessa posição, evidentemente, é com quem terei trocas profissionais mais intensas: apesar de estar frequentemente discutindo casos com psicanalistas e behavioristas, por exemplo, isso é mais frutífero em geral com psicanalistas e behavioristas que tenham também uma prática e interesse em discutir com pessoas de fora de suas abordagens, mesmo que às vezes isso signifique somente estabelecer uma boa base para que possamos “concordar em discordar”. Agora, em retrospecto, desconfio que ao menos em parte esse jeito de lidar com a psicologia enquanto área de atuação influenciou o modo como esse texto tem sido construído.

Nesse ponto, vale trazer uma terceira constatação inicial de que parte esse texto, que é a de que o posicionamento teórico de uma psicóloga, ainda que assumindo um nome já tipificado e socialmente aceito no campo (como os já ditos “behavioristas”, “psicanalistas”, “fenomenólogos” e demais), constitui uma diversidade de possibilidades e relações muito maior do que aquilo que nomeamos e tipificamos. Há behavioristas, psicanalistas e fenomenólogas das mais distintas entre si.

O modo como se apresenta a estruturação do texto a seguir é um reflexo do modo como ele foi se estruturando no decorrer de seu processo de construção, e tenta deixar isso evidente, como convite ao leitor a seguir caminho mental parecido, ainda que de seu próprio lugar diferente. A ideia não é impor, mas abrir a base para o diálogo.

Em um texto com um teor majoritariamente reflexivo em uma parte tão grande, e, em que na outra parte os dados qualitativos são profundamente situados em seu contexto específico de

troca e criação, creio que expor ao máximo sua linha de pensamento de base é o melhor trabalho que poderia fazer para que a dissertação tenha um valor “socializável”, e o melhor argumento que poderia apresentar em sua defesa aos leitores que decidem por si aceitá-los ou não, e como. Em retrospecto, também desconfio que o meu entendimento disso tem forte influência da maneira de conceber o trabalho na psicologia de modo geral.

Outra peculiaridade dessa dissertação, capaz de causar alguma estranheza a quem é pego desprevenido, é o movimento de trazer questionamentos, meus próprios ou de outros autores consultados, e não necessariamente respondê-los imediatamente. De fato, seu maior uso antes de chegarmos à delimitação de nosso próprio método, é justamente expandir nossos questionamentos, e quem sabe expandir nossos modos de procurar pelas respectivas respostas. Contudo, eles não estão aí à toa: servirão mais adiante para compor as perguntas de pesquisa específicas e a metodologia do projeto, e para nos tornarmos mais cientes dos aspectos relevantes que se relacionam a elas, e, conseqüentemente, à nossa metodologia e análise.

Poderíamos também, nas cinco páginas anteriores, ter assumido conceitos de comunicação, identidade, instituição, conhecimento, entre tantos outros, conforme necessários para coerência interna do texto. Seguramente há linhas com conceitos e validação teóricos suficientemente estabelecidos para isso, e em seu processo, uma delas será adotada: o Construtivismo Semiótico Cultural (CSC), perspectiva desenvolvida no Laboratório de Interação Verbal e Construção do Conhecimento (LIVCC) (Simão, 2004; Guimarães e Simão, 2021; Guimarães e Simão, 2022). O mesmo se aplica à metodologia e considerações sobre seus potenciais e validade dos dados construídos. Mas desde o início precisei me haver com uma questão, que considero válida expor também nesta introdução: como justificar a escolha de um sistema conceitual *a priori* em um trabalho que estuda a escolha sobre sistemas conceituais?

Como não fazer um texto que, ao leitor externo, soe como uma psicanalista situando na resolução da fase oral a tendência de seus colegas optarem pelo behaviorismo, ou de uma behaviorista montando contingências que dêem uma explicação funcional à opção de algumas pela psicanálise? Como fazer um estudo que se insere em uma linha, mas se destina a um entendimento maior sobre seu tema de escolha, e não se destina primariamente a um aprofundamento dessa linha teórica que o embasa para aquelas que já a conhecem e concordam inteiramente, através da expansão para englobar um novo tema?

Na aposta de que assim o texto será mais compreensível e seus argumentos melhor defendidos, os posicionamentos do CSC presentes neste trabalho serão explicitados a partir da contextualização (seção 1.4 em diante), que não é só uma contextualização teórica, mas

também ética, e servirá de base para as considerações metodológicas posteriores, além de uma contextualização do cenário em que se produz o estudo. O movimento de apresentar todas essas dimensões que busco é o de ressaltar os motivos e as relações não só entre ideias, mas, especialmente, através de como entendo que trazem um enquadramento próprio ao objetivo descrito a seguir, que conseqüentemente demandará novas questões e aprofundamento em outros temas, antes de voltarmos ao foco inicial. Pode ser um caminho maior e talvez mais intenso, mas, novamente, creio que o seu todo será melhor aproveitado assim, com uma base mais sólida para as leitoras trazerem para si o diálogo, concordando e se opondo. É o que quero dizer quando, frases atrás, disse que a linha será exposta “em seu processo”.

Isso é feito de maneira intencional, mesmo que porventura necessitando que para tanto o texto fosse algumas tantas vezes reescrito, reordenado e corrigido, para aumentar sua inteligibilidade para quem não está lendo daqui, a partir de dentro de minha própria perspectiva.

Vamos em frente.

1.2 Objetivo

Chegando aqui, apresento o objetivo deste trabalho dividido na investigação de quatro questões:

- Qual relação as psicólogas atuantes têm com o cenário teórico da psicologia?
- Como se posicionam entre uma linha teórica e outra?
- Como essa escolha se relaciona com sua prática?
- Essa escolha afeta a maneira como se vê enquanto psicóloga? A maneira como se vê enquanto psicóloga afeta essa escolha?

É importante notar que elas não estão aqui em uma ordem hierárquica, em que a anterior irá determinar a próxima. Como se tornará mais evidente nas próximas páginas, nos interessa saber se e como se relacionam, o que inclui também o questionamento de como as últimas podem alterar e servir de contexto para o entendimento das primeiras. Portanto, propõe-se um objetivo sistêmico de identificar e refletir sobre os pontos de contato e intercâmbio do campo teórico com a prática, autopercepção e posicionamento de profissionais nesse campo.

1.3 Justificativa

Ao iniciar esse projeto, oficialmente em 2021, na prática algum tempo antes, creio que as questões acima eram já suficientemente relevantes. Entender possíveis respostas a essas é pertinente àqueles que estão, eles mesmos, fazendo parte da psicologia e daqueles que diretamente ou indiretamente se beneficiam de seu trabalho. Elas incluem compreender não só como chegamos a optar por uma teoria ou outra, mas, como veremos em breve, essa opção está imbricada também na opção por uma ética, por métodos de trabalho, e como essas escolhas afetam nossas experiências e escolhas posteriores, inclusive na manutenção ou abandono de tais posições.

Porém, os eventos externos não param de acontecer durante o período de realização de um mestrado, e os significados e relevância do que já tem sido feito precisam ser frequentemente repensados também à luz desses eventos, o que ocasiona reescrever mais algumas vezes a dissertação. Nesse meio tempo, tivemos alguns eventos que fizeram muitos dos temas aqui tratados circularem em discussões em certos meios da psicologia, e vejo agora também alguns motivos mais institucionais para entendermos melhor como nos posicionamos entre diferentes linhas teóricas.

Enquanto escrevia essa dissertação, o Conselho Federal de Psicologia (2022) realizou um censo nacional da profissão, já citado anteriormente, que incluiu perguntas sobre gênero, raça, renda, interesse por temas em noticiários, práticas e condições de trabalho, e, entre tantas, a opção por abordagem teórica. Com os dados divulgados em dezembro de 2022, temos que no contexto nacional, não há uma única abordagem com uma parcela majoritária da categoria: temos psicanálise (37%), comportamental (25%), Fenomenológica/Humanista (que são apresentadas em conjunto, 24%), Cognitivista(23%), Socio-histórica (16%), Existencialista (8%), e outras (4%). Há ainda regiões em que a ordem se inverte: na região norte, temos comportamental (36%) à frente da psicanálise (30%), e tanto na região norte quanto na região sul as posições entre cognitivista e fenomenológica humanista se invertem (27%-24% na região norte, 23%-18%, na região sul, respectivamente). No nordeste, a fenomenológica-humanista aparece em segundo lugar, com 29%, e no sul, “outras”(8%) aparece à frente da linha existencialista (6%). O questionário do censo não listou a abordagem Cognitivo-Comportamental, mas reconheceu que muitos (não especificado) marcaram tanto a opção Comportamental quanto a opção Cognitivismo, enquanto autores dessa linha totalizam 26% das citações.

Outro ocorrido com que estive em contato maior, dado meu próprio círculo social se

interessar mais por discuti-lo, foi a articulação e eventual criação de uma Associação Brasileira de Psicologia Baseada em Evidências (2021-2022), que não se restringe a psicólogas de uma única abordagem, mas, ao que tudo indica, orbita em especial ao redor de linhas como a Análise do Comportamento, o Cognitivismo, e a Terapia Cognitivo-Comportamental. Enquanto isso, discussões nos mais diversos meios têm ocorrido sobre quais abordagens têm evidências que merecem ou não nosso crédito para continuar na psicologia, e, o mais importante, o porquê. Qual o tipo de evidência que precisamos para aquilo que estudamos? Para exemplificar como essa discussão não está restrita à associação citada, até 14 de março de 2023, os três vídeos recentes do Professor Christian Dunker, da Universidade de São Paulo, no youtube (Christian Dunker, 2021a, 2021b e 2021c) sobre a psicanálise ser ou não baseada em evidências já somam 170 mil visualizações. Caso conteúdos de divulgação, vídeos em plataformas online e redes sociais pareçam um contexto menos impactante, acho válido dizer que apenas assisti a esses vídeos depois que em uma mesma semana algumas pessoas *de fora* da psicologia institucionalizada vieram pessoalmente me perguntar se deveriam prezar por escolher terapeutas de linhas que fossem “científicas”, e se eu pessoalmente concordava com a análise de Dunker.

O mais importante aqui é que o objetivo da ABPBE, no entanto, não é apenas a discussão teórica interna entre aqueles que se reconhecem mutuamente como tendo pontos em comum em suas abordagens, e tampouco uma discussão epistemológica puramente sobre metodologia científica, mas uma articulação política para a conquista da confiança do mercado e das políticas públicas, ou reclamar a confiança de outros grupos que no momento a tenham, e, o mais relevante para nós no momento, a justificativa de tal associação passando pela contestação de uma organização do campo dando igual validade entre as diferentes abordagens teóricas, em especial a validade do método de escolha entre uma e outra pelo seus aderentes. Isso é evidente pela própria introdução do manifesto desta associação:

“Na psicologia ainda é tradição apresentar uma grande diversidade de abordagens teóricas e terapêuticas durante a formação dos estudantes, deixando a cargo dos mesmos fazer uma escolha. O único critério pregado como relevante é o nível de afinidade e identificação pessoal que eles sentem por determinada abordagem. Consoante a isso, também é pregado que todas as abordagens são dignas de confiança...” (trecho da versão em vídeo do manifesto, ABPBE(2022), em 0:00-0:30)

Nesse meio tempo, ocorreu também o primeiro congresso da ABPBE, (Associação Brasileira de Psicologia Baseada em Evidências, 2022), que possuía em sua grade falas como “*Pseudociência e buracos negros epistêmicos: O curioso caso da Psicanálise*”, “*Importância*

da ciência para o progresso”, *“Implementação da Psicologia Baseada em Evidências nos currículos”*, o que aparentemente reforça o caráter de articulação conscientemente política para redirecionar o ensino e a prática da psicologia como um todo, ainda que eu não possa garantir os rumos tomados nas falas, uma vez que não participei do evento.

Enquanto isso, no ramo da psicanálise, que já há mais tempo convive com as discussões sobre ser ou não psicologia, filosofia, método interpretativo, entre outras possibilidades, e conseqüentemente sobre sua posição dentro das instituições voltadas para a psicologia, houve a aprovação pelo Ministério da Educação de uma primeira graduação em Psicanálise (Uninter, 2021). Isso ocasionou algumas discussões mais internas à psicanálise, como ser ou não conteúdo para uma graduação com todas as regulações que surgem a partir disso, ao invés de um processo de formação que inclui não só o estudo e estágio supervisionado, mas também a posição de analisando. Já nesse ponto a discussão é interessante para nosso presente projeto, pois trata, como tem feito há gerações, da discussão sobre aquilo que compõe nossa formação profissional para além do estudo teórico e da prática conscientemente direcionada. Além disso, para fora dos meios da psicanálise, a criação desse curso trouxe novamente à tona discussões sobre nos reconhecermos mutuamente em contextos de trabalho profissionais que se formam em apenas uma abordagem sem conhecimento satisfatório das demais, e a base que tem para essa escolha; discussão essa, que bem sabemos, pode espiralar para muito além da possibilidade desse mestrado, mas que reforça a relevância do tema sobre como lidamos com um campo cindido e nos posicionamos nele.

Ainda mais um evento marcante do mesmo período foi que, ao final de dezembro de 2022, foi apresentada à Câmara dos Deputados a PL 3081/2022 (BRASIL, 2022) que visa desregulamentar diversas profissões, entre as quais a psicologia, usando como argumento a existência de uma massa de profissionais qualificados que é impedida de atuar por não atenderem a critérios formais burocráticos, ainda que atuem por décadas e possuam clientes satisfeitos. Naturalmente, a própria existência e tramitação de tal projeto nos traz novamente à tona questões como: o que esperamos da regulamentação da psicologia? Quais são as bases comuns que esperamos de todas as profissões aptas a atuar? Como os percursos de prática e formação possibilitam que partilhemos dessas bases comuns, e garantem que apenas quem as possui esteja de fato atuando?

Como dito antes, não estamos conscientes de todos os fatores e dimensões relacionados à escolha por uma abordagem, e, mesmo dentre aqueles fatores sobre os quais poderíamos estar de alguma forma conscientes, nem sempre estamos atentos ou em condições de percebê-los no momento. Justamente por isso, o presente estudo se torna mais relevante como ferramenta

para encontrarmos meios de estarmos mais atentos e conscientes ao jogo entre esses processos. Com isso, podemos não apenas repensar ou refinar nossas escolhas e práticas, mas também nossa relação com outras profissionais, em especial aquelas que percebemos até o momento com uma possibilidade menor de trocas devido à divergência teórica, e, quem sabe, ter todo esse processo em foco ao pensar nas instituições que porventura desenhamos.

Isso não significa que eu ache que todas precisam concordar ou que estejam já falando a mesma coisa e o que falta é apenas entendimento mútuo. Negar o dissenso é se fechar para o que é dito. Também não significa aceitar o motivo de dissenso como inofensivo independente do contexto. Às vezes, é necessário tomar decisões conjuntas e escolher por uma opção ou outra, até mesmo negando possibilidades como aceitáveis. Também precisamos saber quando conferir votos de confiança ou de desconfiança àqueles que não entendemos inteiramente ou não concordamos. O que acredito é que é relevante entender os diferentes percursos para a construção de entendimento mútuo, nem que para chegarmos a conclusão de que coletivamente não aceitamos tudo o que entendemos.

E isso passa por entender como cada profissional tem construído a sua própria psicologia ao entrar “na” psicologia.

1.4 Contextualização: A construção da psicologia, entre individual e coletiva

Se esses objetivos definem uma “figura principal” do que temos olhado, e se antes descrevi um pouco do que poderia ser um “fundo” para esse estudo, é agora o momento de discutir alguns dos detalhes que compõem a figura que estamos desenhando, para podermos entendê-la de modo diferente em seu todo mais adiante.

Antes de seguirmos, há ainda uma expansão importante quanto às diferentes dimensões do que temos discutido, a ser levada em conta durante o restante do trabalho: a divisão da psicologia de que temos falado, por mais que se reconheça mais facilmente através da separação teórica, não tem caráter puramente teórico.

Como detalharemos adiante, há diferenças entre conceber uma ciência enquanto um conhecimento, enquanto a prática em formas sistematizadas de construir tal conhecimento, ou enquanto as instituições construídas com o objetivo de seguir tais sistematizações para aumentar seu conhecimento. É nesse caso necessário entender que as questões sobre como descrever essas sistematizações, prescrever melhores formas de sistematizá-las, entender o que e como buscam os membros ao ingressar em tais instituições, estudar os efeitos dos fluxos internos dessas instituições, como se selecionam e quais teorias têm sido aceitas, entre

tantas outras questões, apesar de relacionadas, não se resumem a variações de uma mesma resposta final e nem podem ser entendidas como efeitos agregados de um mesmo fator único. A partir daqui, é tendo em mente essas diferenças que a presente pesquisa se desenvolve.

Na primeira seção, mencionei uma possível decepção com como se organiza a diversidade teórica da psicologia, mas ela não é uma regra, e, de qualquer modo, não é a partir desse momento que começamos a nos constituir como profissionais que viremos a ser.

Nosso primeiro contato com o tema enquanto estudantes universitários se dá, em geral, ao menos aos 17 anos de idade, período no qual muitas outras relações já foram estabelecidas. Primeiramente porque a essa altura, e com o acesso a informação que temos hoje, é comum que os jovens já tenham ao menos feito alguma pesquisa sobre o que é psicologia antes de ingressar no curso, com resultados bastante variáveis, e isso sem excluir os muitos que já estiveram na posição de clientes ou pacientes, parentes e amigos de psicólogos, seguidores em redes sociais de influencers e consumidores de podcasts que produzem conteúdo específico, com resultados também bastante variáveis, dentre tantos outros modos. Mesmo sem um contato com a psicologia institucionalizada em si, essa história está já longe do início, ainda mais porque ela trata de - e está imbricada em - muitos conceitos populares, características de nosso ambiente, experiências na situação de estudantes escolares ou de outros cursos universitários, e temas de interesse do público em geral, de modo que dificilmente chegaríamos a ingressar em um curso, seja de psicologia ou de outra área de conhecimento, sem alguma forma de suposição, propensão ou opinião a respeito de temas que tocam à psicologia, tais como alma, mente, sonho, amor, ansiedade, socialização, personalidade, aprendizagem, maturidade. Brockmeier (2015), por exemplo, aponta que o senso comum ocidental acerca da memória é muito influente na visão que as psicólogas têm sobre este tema, e teve grande impacto em muitas das visões clássicas do campo.

Uma primeira perspectiva a indicar aqui como proveniente do Construtivismo Semiótico Cultural (Guimarães e Simão, 2022), e que irá acompanhar a continuidade desse trabalho, é a de que o senso comum é parte integral dos conhecimentos que elaboramos, não só porque na cultura de que fazemos parte, e que co-construímos, estabelecemos nossos conceitos e valores, mas também, porque através da existência de uma base comum com os outros podemos compartilhar conceitos e valores que servirão de base para um entendimento mútuo, para a troca, para a coordenação, e, eventualmente, para a confiança. Dentro de uma mesma sociedade, é verdade, existem diferentes ideias e costumes, e diferentes modos nos quais podemos receber e articular aquilo que nos é oferecido socialmente como possibilidade, isto é, existem diferentes tradições, com seus próprios conteúdos a que cada um terá acesso e se

apropriará de dado modo. A confiança em certas tradições nos confere, mesmo que temporariamente, abertura para confiança compartilhada com os demais naquilo que é baseado nessas tradições.

Algo que nos será relevante, é que aprendemos a observar inclusive a nós mesmos através dessa mediação social dentro das tradições. Acredito que o exemplo mais compreensível é através de juízos de valor moral, em que aprendemos a agir e nos julgar de acordo com os costumes da sociedade em que vivemos, inclusive ao nos culpar pelo que não deveríamos ter feito por ferir os bons costumes.

Mas até mesmo perceber nossa ação, inclusive nossa ação mental, e a separação daquilo que é nosso em relação ao mundo, passa por essa mediação. Construindo um exemplo: perceber que não é exatamente a rúcula que é saborosa, mas que você é quem gosta de rúcula, enquanto talvez as crianças pensem diferente. Perceber que nem tudo o que você sabe, o outro também sabe, em especial suas próprias reflexões internas sobre a importância do valor nutricional da rúcula. Assim, entram em nosso horizonte conceitual, ao tentarmos convencer as crianças a comerem a rúcula, nossas próprias capacidades de perceber e de gostar em si, que são diferentes das experienciadas pelas crianças em questão.

Foi a partir desse ponto que se iniciou minha aproximação com o CSC, para enquadramento não só do problema direto desta pesquisa, mas também para lidar com o caráter meta-teórico descrito anteriormente como necessário para esse tipo de estudo. Para Simão (2015), as diferentes abordagens da psicologia são diferentes tradições, o que a leva a compreender a construção e o compartilhamento do saber da psicologia como uma produção cultural, propondo assim que se estude a psicologia como tal, que é o que faremos adiante.

Mas antes, precisamos pensar o que é cultura e o que implica esse termo. Para um primeiro aspecto de cultura com o qual trabalharemos, a relação eu-outro, invoca-se outro texto de Simão (2016). A autora nos traz a cultura como um processo afetivo-cognitivo que está na base da interpretação do mundo, e portanto, da construção das relações simbólicas entre “eu”, “outro” e “mundo”. Esse processo ocorre em uma fronteira simbólica entre o que a pessoa reconhece como seu ou alheio, negociando o movimento dessas bordas com os outros, levando assim a que a pessoa se construa e reconstrua nessa relação de alteridade. Voltaremos adiante ao conceito de bordas, e a um conceito correlato, o de fronteiras, no diálogo com outros trabalhos e autoras.

Para trazermos essa discussão anterior a nosso tema mais concreto: Simão (2007), traz o contato de estudantes e a reflexão diante da diversidade das teorias em psicologia como sendo baseada na relação com os outros, incluindo colegas, professores, textos, e a comunidade

maior, a partir da abertura para o contato com a posição desses, para um tensionamento e avaliação da posição pessoal, que resultaria em uma constante construção e reconstrução da identidade a partir desse tensionamento no espaço compartilhado, ressoando em suas opções e percursos na área. O estudante se apropria da construção de sua identidade somente na medida em que, concomitantemente, se abre ao processo de negociá-la em relação com "seus outros", durante o curso. É proposta, assim, uma responsabilidade mútua de todos em zelar para que nesse processo haja efetivamente uma troca.

Essas ideias me foram a princípio um tanto densas, e demandaram algumas reuniões, leituras e participação em disciplinas, e ainda voltaremos a aprofundar o que significam alguns de seus enunciados e conceitos. A partir disso, algumas questões para mim ficam em aberto, mas são relevantes em especial para pensarmos nossa confiança e reconhecimento mútuo enquanto membros de uma classe na psicologia, tanto quando encontramos semelhanças quanto quando encontramos diferenças: o que é efetivamente um “entendimento comum”? O que valida em nossa experiência de que houve de fato um entendimento compartilhado de modo satisfatório? Quando um behaviorista pode dizer que compreendeu ideias trazidas por psicólogos humanistas, e até mesmo, quando pode dizer que compreendeu uma teoria behaviorista de que falam seus colegas? Quais dimensões são usadas para entender esse entendimento, e quais deixam de ser? É a concordância mútua de que houve tal entendimento? É, não só declararmos um ao outro de que nos entendemos, mas agir visivelmente de acordo com as expectativas mútuas criadas por esse entendimento? Em que nível de entendimento é possível entendermos uma informação ou ideia e discordar em como a julgamos?

Vou admitir que apesar das dúvidas, tendo ao entendimento de que o modo com que cada um lida com as expectativas de entendimento mútuo também irá direcionar as expectativas para o desentendimento e como lidar com sua ocorrência. Ainda voltaremos a questões como estas, mas antes, podemos olhar dessa perspectiva para alguns primeiros dados relevantes para nosso tema.

Como exemplo aplicado do crescimento do horizonte conceitual através da troca, em especial sobre concepção que alunos tinham sobre o que é ser um profissional psicólogo, Bettoi e Simão (2002) relatam estudo em que analisam; respostas dadas pelos alunos à pergunta de o que significa "ser um profissional", feita no início e ao final de uma disciplina da graduação, após trabalho de campo em que entrevistam psicólogas atuantes. De antes das entrevistas a após sua discussão pelas alunas, houve uma mudança de ênfase na visão sobre o que é ser psicólogo, que passou de majoritariamente ancorada em atributos pessoais do

sujeito, para um foco dividido entre esses atributos, a ação do profissional, o modo dessa ação, o objetivo da ação, e o beneficiário daquela ação. Os autores apontam ao final desse artigo que a relação com a psicologia e sua atuação profissional estará possivelmente influenciada pela prática que cada uma vislumbra e a concepção que tem do campo.

Com resultado análogo na Itália, Falgares, Venza & Guarnaccia (2017), perceberam através de textos produzidos por estudantes de mestrado, em que eram convidadas a dar continuidade a uma frase cujo início era “ser psicólogo é...”, que a representação sobre o que é ser psicólogo para eles era a princípio altamente idealizada, técnica, e com base em características relacionais percebidas primariamente como individuais e inatas. Após a participação em 8 grupos semanais de 4 horas cada para a discussão entre si do trabalho e características do psicólogo, treino de habilidades sociais e de percepção em relação ao tema, os estudantes escreveram outro texto com a mesma deixa. As principais diferenças encontradas foram uma propensão maior a ver o processo de ser psicólogo como incluindo habilidades que se desenvolvem e se treinam, e um balanço entre habilidades relacionais e conhecimento técnico.

A influência do senso comum, no entanto, nem sempre é nítida para quem a vive. Em experimento com alunas de psicologia na Espanha, Castro-Tejerina (2014) acompanhou discussões em fórum online sobre o trabalho de psicólogo escolar e as expectativas quanto a esse profissional em seu contexto prático. O autor, ele próprio, descreveu o experimento como um “fiasco”, devido a não alcançar a reflexão esperada por parte dos participantes; porém, os resultados obtidos e a discussão que levantam são relevantes para o presente projeto. O autor aponta a expectativa dos alunos pendendo majoritariamente a conceber uma psicologia racional, objetiva, e agindo a favor da integração entre si mesmos em um contexto multicultural e respeitoso, identificando com esses valores seu futuro trabalho. Ao mesmo tempo, diz, avaliam pouco suas próprias falas e expectativas pessoais quanto à diversidade de culturas e, em especial, religiões e presença de símbolos religiosos no contexto escolar, sem perceberem como estas impactam suas opiniões profissionais frequentemente em sentido oposto ao do que indicariam como sendo responsabilidade do psicólogo. Esse resultado é especialmente relevante para a posição que temos construído até aqui na presente pesquisa, pois é uma demonstração factual do quanto não estamos adotando um lugar “neutro” nem para a construção do conhecimento, e muito menos para nos apropriarmos dele e utilizá-lo.

A própria relevância do tema foi notada em documento do Conselho Federal de Psicologia (2013), em seguimento sobre a formação básica de psicólogos, em que se observa uma lacuna em relação à percepção das implicações éticas e políticas de sua formação, a percepção do contexto e proposta a que se volta cada teoria diferente, além de um forte foco na prática

clínica em detrimento de outras. Essa lacuna afetaria a prática desses futuros profissionais e favoreceria um modelo hegemônico específico. Existem atualmente tensionamentos articulados justamente sobre a identidade da psicologia e seu papel social, devido à maneira como a psicologia reproduz estruturas da sociedade e das classes que a tem composto até aqui. Entre esses, como resposta contrária a modelos hegemônicos, existem, por exemplo, movimentos como os de descolonização e aquilombamento (Veiga, 2019) na psicologia, o que nos lembra que, além do contexto teórico e das vivências individuais, a própria entrada na psicologia se dá num contexto de expectativas pessoais articuladas a relações de raça, classe e gênero, e, não menos importante, lógicas que operam justamente no/devido ao contexto cultural em que estão desenhadas tais relações.

As psicologias indígenas ao redor do mundo, ao se tornarem conscientes de seu aspecto socialmente e culturalmente localizado, questionam abordagens hegemônicas que se pretendem generalizantes, e, por essa perspectiva, dentro de nosso próprio Laboratório tem-se feito a discussão sobre o caráter meta-teórico que carrega e reproduz cada linha na psicologia: de acordo com Guimarães e Simão(2022), cada abordagem da psicologia entende a relação eu-outro-mundo diferentemente, de acordo com o que entende pela própria natureza do ser. Quando acessamos os aspectos não pensados de cada trajetória de construções semióticas, nos tornamos abertos para trocas e aprendizagens mútuas sobre essas construções.

E aqui voltamos a uma das características que ao mesmo tempo dificultam, ao mesmo tempo justificam, essa pesquisa. Há muito o que se considerar sobre a construção do conhecimento, o intercâmbio com a cultura e aprendizagem de qualquer ciência ou tradição, mas: como se dá isso para uma mesma pessoa em contexto em que há várias abordagens paralelas? Como fazemos para nos posicionar em um meio onde não há consenso? Não queremos estudar a constituição da psicologia *per se*, mas sendo essa a constituição, pela própria definição desse estudo e pela linha adotada, estamos lidando com um processo de dúvidas, mudanças de opinião, incertezas, desconhecimentos, seleção e rejeição de ideias. Justamente por isso é possível dentro da psicologia, hoje, alguns adotarem algumas abordagens, enquanto outros as rejeitam, e alguns rejeitam ainda o campo maior, enquanto mais um grupo se propõe a reconstruir ou reformar a psicologia que temos.

Mas com isso, já nosso objeto de estudo e conseqüentemente nosso objetivo se tornam um pouco diferentes, ou ao menos um pouco mais complexos. Se o termo *psicologia* designasse apenas uma teoria imutável, poderíamos apontar métodos como *a* psicologia é construída em uma sociedade e os usos que se faz dela. Ao delimitar o centro do presente estudo, não estamos apenas nos referindo a um processo de “acúmulo do conhecimento”, mas talvez a

ideias que poderíamos chamar de “construção da crença”, paralela a uma “construção da descrença”, “direcionamento do conhecimento”, “redirecionamento das opiniões”, “estabelecimento de interesses”, entre tantos outros modos de conceber esse processo, e um posicionamento num campo muito maior e mais complexo. É diferente assumir que alguém conhece o bastante de construtivismo, por exemplo, e assumir que alguém se identifica e acredita no que aprende como construtivismo. Às vezes, nos identificamos com uma linha teórica ainda que sem conhecê-la a fundo, o que nos leva justamente a querer estudá-la mais, e às vezes, podemos estudá-la profundamente, porém não nos convenceremos inteiramente de sua validade ou de todos seus postulados e conclusões, ou, ainda, mudar de ideia entre uma e outra.

Mais especificamente sobre a formação no contexto da diversidade teórica, Ferrarini e Camargo (2014) nos trazem algumas reflexões baseadas nos resultados de três pesquisas qualitativas diferentes, com métodos diferentes, envolvendo alunos e professores de duas universidades diferentes, acerca de o que é psicologia, seu objetivo e objeto. As autoras identificam uma diferença entre uma universidade em que os professores se voltam mais à pesquisa e outra em que os professores tiveram em geral experiência maior no mercado amplo de trabalho, especialmente na clínica, em que essa diferença afetaria a construção do curso como mais voltado para uma ou outra área. Porém, um fator que não pode passar despercebido, é que as autoras também apontam que tanto professores quanto alunos afirmam a existência de várias psicologias independentes entre si, separadas pelo sistema teórico que as instruem. Para os estudantes pesquisados, o que torna a escolha de abordagem teórica um processo de maior importância é que esta define tanto o que é psicologia quanto quem é a psicóloga.

Essa última ideia encontra consonância em estudo bibliográfico recente, em que Zagaria, Ando e Zennaro (2020) encontraram uma variação na própria definição do conceito de psicologia, de modo geral orbitando em torno de ser caracterizada como o estudo da “mente” ou do “comportamento”, ou ambos, sendo que nenhum dos conceitos tampouco tem uma definição bem estabelecida. Essa variação, apontam, dificulta a troca entre as diferentes áreas e linhas da psicologia, levando a conflitos por desentendimento ou criação acidental de conceitos paralelos com nomes diferentes.

Dado esse cenário, apesar de considerar um tema pouco debatido publicamente, o presente trabalho não é o primeiro a se propor a focar o direcionamento das psicólogas dentre as possibilidades teóricas de seu campo. Há uma tradição de autores produzindo neste exato momento que precisa ser notada, ainda que não de todo adotada.

Lee, J. A., Neimeyer, G. J., & Rice, K. G. (2013), categorizam três diferentes tendências epistêmicas, sendo elas “racionalismo”, “empirismo” e “metaforismo”, e que acompanham as preferências teóricas, as relações terapêuticas e as propostas de intervenção. Os autores chegam a fazer uma separação de abordagens com propensões para diferentes tendências epistêmicas, e relacioná-las a 5 dimensões antinômicas do estilo terapêutico (flexibilidade-rigidez, distanciamento-proximidade expressivas, engajamento de maior ou menor grau, atenção com foco amplo ou estreito, operatividade espontânea ou planejada). É necessário, no entanto, observarmos que a contextualização teórica que propõem está ancorada em textos majoritariamente de autores associados ao construtivismo e à abordagem cognitivo-comportamental, mesmo que falando sobre outras linhas, e, a meu ver, tendem a associar mais fatores negativos aos classificados como “empiristas” e mais fatores positivos aos “metaforistas”, com quem parecem se reconhecer.

Seguindo linha semelhante e citando os autores anteriores, mais recentemente e no Brasil, Palma, Gondim e Aguiar (2018), adaptaram inventário padronizado sobre Perfil Psico-Epistemológico, com perguntas de múltipla-escolha produzindo resultado quantitativo sobre a autopercepção dos processos e tendências epistemológicas individuais, e aplicaram a 674 terapeutas, dos quais 88,6% se reconheciam como psicólogos. Duas diferenças que estes trazem em relação aos autores anteriores são que; (1) ao invés de trabalharem com a categoria de “metaforismo”, trabalham com outra, de “intuitividade”, e, (2) enfatizam não tratar de uma divisão total entre os modos de conhecer através desses três fatores, mas de uma tendência a priorizar um ou outro. Um resultado interessante é que os autores encontram, através desse processo, uma divisão em dois grandes blocos, entre as abordagens que tendem ao “racionalismo” (cognitivismo, análise do comportamento), e abordagens que tendem a um modo mais intuitivo de conhecer (psicanálise, analítica, humanista-existencial, sistêmica...), ao invés de três. Um fator para considerarmos é que os participantes do estudo foram encontrados majoritariamente através de organizações divididas segundo a abordagem teórica, o que é interessante para o resultado que buscavam, qual seja, o de comparar a tendência de quem está nessas abordagens; este aspecto, porém pode não ser generalizável a todos aqueles que ocupam espaços inter-teóricos ou sem uma cobrança identitária com abordagens específicas, ou ainda por vir a ocupar tais espaços.

No presente estudo, no entanto, apesar de adiante adotar alguns pressupostos em comum e considerar um grande incremento a possibilidade da pluralidade teórica não se dar apenas no campo de *qual* o conhecimento e *o que* conhece, mas também quanto a tendências de *como* conhece, não me proponho a adotar todos os apontamentos dessa última linha de autores, por

algumas objeções: a primeira, de que mesmo que consideremos que um psicólogo dê maior valor ao racionalismo e depois ao empirismo, por exemplo, este ainda pode se basear em mais resultados empíricos e estar mais atento a estes do que alguém dito empirista, assim como alguém que prioriza a intuição enquanto forma de conhecimento pode ainda racionalizá-la, e assim por diante. Nesse sentido não me proponho a falar de uma tendência a priorizar um modo ou outro relativamente, sob o risco de ver a tendência a investir em um como a desinvestir nos demais. Outra consideração é que a visão anterior por si só apresenta uma teoria implícita sobre como funcionam os modos de conhecer possíveis, e, gostaria de ao menos deixar em aberto que, por exemplo, podemos definir racionalidade como dependente de pressupostos; podemos definir a percepção empírica como um processo mental, tanto intuitivo quanto racional; e podemos definir a intuição como um processo de que não estamos conscientes, mas que é ainda influenciado por reflexões racionais ou experiências empíricas. O mais interessante a retirar desses dados é, no entanto, adotar como questionável a relação entre o modo epistêmico e a escolha por pressupostos teóricos, sem atribuir ainda uma relação de determinação ou causalidade entre um âmbito ou outro como variáveis.

Quanto à preocupação dos parágrafos anteriores sobre o modo de construção do conhecimento: para o CSC (Guimarães e Simão, 2022), conhecimentos diversos são diversamente elaborados. A proposta com a qual lidamos aqui é, conseqüentemente, entendê-los em suas diversas maneiras de elaboração.

Meu interesse nesta dissertação está em grande parte naquilo que está além do conteúdo mais “declarativo” de cada sistema teórico. Imagine que um dia nos aparece uma colega, explica suas novas conclusões sobre a natureza da linguagem, com as quais nos encantamos e concordamos plenamente. Ao perguntar como chegou a tão brilhantes resultados, ela nos diz que foi através de revelação divina em um sonho, e a partir daí decidimos que não aceitamos o método a que chegou a essa resposta. Enquanto isso, pode ser que nós mesmos tampouco não saibamos dizer bem porque concordamos com seu conteúdo “declarativo”. Entre aquelas que padecem de sonhar com trabalho ou estudos, ainda pode ser que algumas na mesma noite tenham sonhos apontando direções contrárias às suas crenças sobre a natureza da linguagem das que assumem na vida “em vigília”.

Esse interesse pelo que escapa ao “declarativo” não precisa se restringir ao método, mas podemos pensar também na própria possibilidade do objeto a que a psicologia se propõe a estudar. Podemos pensar essa diferença através da comparação com a psicologia de séculos atrás, que era bastante congruente com o prefixo “psico” e se entendia como o estudo da alma, um princípio imaterial da vida que habita nossos invólucros mortais. Nisso cabia estudar o

que faz a alma, como é criada e transmitida, e dentro disso, o que talvez fosse ou não a ação direta da alma e influenciasse nessa. Hoje, raramente e apenas nas margens a psicologia fala sobre algum princípio de alma ou determinação imaterial. Para os filósofos e teólogos de outras épocas, com outros e conceitos, estudar “comportamento e mente” sem dizer que com isso estaríamos estudando a alma talvez fosse quase o mesmo que dizer que estaríamos estudando “maçãs e laranjas” sem estudar temas relacionados a vegetais e frutas. (para dois estudos históricos com perspectivas diferentes sobre essa mudança do objeto de estudo da psicologia, ver Reed, 1997; Mengal, 1988)

Tendo em mente as considerações anteriores sobre nosso tema, é agora propício trazer alguns conceitos teóricos que serão úteis para olharmos o tema a partir de outros pontos de vista. A exposição passará por diferentes possibilidades que parecerão estar se referindo a temas diferentes, mas que em conjunto serão importantes tanto para re-contextualizar nossa busca, quanto para desenhar nosso método mais adiante. Antes de voltarmos a discutir o entendimento, o conhecimento e a verdade em uma ciência, vamos nos aprofundar em ideias sobre o que são entendimento, conhecimento e verdade enquanto processos e possibilidades.

Respeitadas as muitas e profundas diferenças entre as linhas de cada autor, parece haver alguns pontos de encontro entre diversas correntes teóricas e filosóficas discutindo a linguagem no século passado, em que se define o “significar” como algo processual, que ocorre através do funcionar ou agir significando. Entre essas, podemos ver tal congruência entre autores como (o segundo) Wittgenstein (1991), Austin (1975) e Gadamer (2013): de certo modo, para todos eles, em um nível mais individual, se nós pensamos em algo como se esse significado estivesse lá, efetivamente está aí o significado, ainda que não saibamos explicar como. Se pensamos em um cão, sabemos a que estamos nos referindo mentalmente, com a generalidade ou especificidade em que definimos este cão. Em um nível coletivo, se os envolvidos agem como se algo (uma palavra ou um símbolo) tivesse um significado, efetivamente esse algo tem esse significado. Se nosso amigo usa a palavra “cão”, e nós agimos de acordo com as expectativas de entendimento mútuo sobre o mesmo animal, efetivamente a palavra significou o animal.

Tendo em mente tais possibilidades, podemos voltar e nos aprofundar na noção de intuição, e seu papel no entender e no conhecer, à qual já nos referimos algumas vezes nesse texto com considerações para o andamento posterior do trabalho. Dentre as linhas de pensamento que se ocupam de tais questões, nos fundaremos para esse trabalho mais em Gadamer (2013), para quem, a princípio, intuição é aquilo que não sabemos explicar conscientemente; intuir algo significa não estarmos conscientes de como chegamos a esse

algo. Poderia-se dizer que em um nível intuitivo, entender é concordar consigo mesmo antes de se justificar porque.

Todo entendimento consciente é percebido através de um processo que pressupõe também intuição: enquanto processo, o “entender” mesmo se mantém despercebido por se referir a algo mais. O entendimento, enquanto tal, é vivido como imanente àquilo que é entendido. Ao nos olharmos no espelho reconhecemos uma imagem de nós mesmos, ao invés de pensar somente em cores e formas para então calcularmos o que olhamos. Ao ouvir a palavra cão, pensamos em um animal, e não na palavra em si, e nem no processo cognitivo que nos leva entre um estímulo sonoro e o conceito de um animal. Assim, pensar numa diferença entre a palavra que usamos e seu significado, por exemplo, é um ato de auto-reflexão secundário ao primeiro significar, e que tem suas próprias significações e intuições em si. A palavra é efetivamente uma palavra enquanto é aplicada com esse significado, e não existe uma diferença no momento dessa aplicação entre a palavra e seu significado.

Mas, assim como para as referências anteriormente trazidas, de nenhuma forma na obra de Gadamer a compreensão dos fatos é uma simples projeção do mundo no indivíduo. Para ele, com efeito, todo ato interpretativo é também uma forma de recriar aquilo que interpreta a partir de sua própria posição. Nos resta então entender o modo no qual, para Gadamer (2013), o entendimento é possível.

O entendimento enquanto um processo, em sua perspectiva, ocorre entre o estranhamento e a familiaridade, na busca por algo que desconhecemos mas que esperamos encontrar. Ao lermos um texto, nossas concepções prévias e nossas expectativas são usadas no contraste com o texto e postas em risco. Entender a fala de outrem não é esquecer seus a priorae para absorver o conteúdo do que é dito, mas estar consciente deles enquanto ponto de partida, e da tensão entre eles e o inesperado.

Mas o que precede e dá bases a nosso entendimento não é apenas um conjunto de declarações prévias. Entender uma afirmação pressupõe entender a que questões poderiam estar respondendo, mesmo que não tenham sido nomeadas. Ao mesmo tempo, questionar revela a questionabilidade, e a questionabilidade só é possível se estão concebidas junto diferentes possibilidades de resposta. Por exemplo, um autor de séculos atrás pode ter tido algumas intenções ao escrever um texto e seu público compartilhar de modos que não entenderíamos hoje, porém, podemos abordar o mesmo texto com questionamentos típicos de nosso tempo e dele tirar novos entendimentos que nos sejam próprios. Se lemos que está chovendo, podemos pressupor que era questionável para o autor o tempo, ou a opinião ou

sinceridade do autor sobre o clima, e que essa afirmação vem a contrapor a possibilidade de que a informação contida no texto fosse diferente.

Mas essa interpretação ocorre porque o texto o pede, a partir do que é encontrado no texto. Interpretar é uma resposta à questão possível que encontramos, e, na verdade, a questão que baseia o entendimento só é possível ao final, em retrospecto. Nessa perspectiva, só o que constitui uma unidade de sentido é inteligível: cada sentença é compreendida quando percebida como completa, quando a encontramos como possível resposta a uma possível questão, ainda que sentenças posteriores mudem seu entendimento, ou que ainda seja compreendida a necessidade de um entendimento posterior de algo mais. Haver essa base de pré-entendimento é uma condição para o que poderá se constituir numa unidade de sentido.

Ficando por hora com essas considerações sobre o entendimento enquanto possibilidade e quanto ao caráter intuitivo envolvidos nessa possibilidade, vamos mais uma vez olhar por outra perspectiva não só ao entendimento, mas em especial àquela que compreende.

Dadas as considerações anteriores já trazidas sobre nosso tema, sobre o agir, o pensar e o perceber, parece também o momento adequado para introduzir primeiro nesse texto como tais conceitos aparecem na obra de Ernst Boesch, que também servirá de referencial para análises posteriores.

Este autor usava de um grande repertório de ideias interligadas, produzindo um todo integrado em uma teoria sobre a ação simbólica no mundo, com considerações, repercussões e implicações nas mais diversas áreas que estão de fundo no que temos discutido até aqui. Tão grande era esse repertório, na verdade, que em cada versão deste projeto a explicação sobre o mesmo acaba sendo escrita e reescrita algumas vezes, não só a fim de produzir uma melhor exposição nas opções entre aglutina-la em um único trecho ou intercalá-la com a discussão do demais da dissertação, mas também porque diferentes textos do autor eram lidos e relidos nesse meio tempo para tentar entender melhor a “imagem geral” da obra, e o que desse todo ressaltar para trazê-lo aqui em relação a nosso tema. Chegando ao momento da análise das entrevistas, por vezes aspectos que antes haviam sido deixados de fundo pareciam agora os mais relevantes para o que estávamos discutindo.

Para Boesch (2012), toda experiência humana é ação simbólica, seja uma ação que performamos, seja a percepção, ou a imaginação, e as relações que estabelecemos com o nosso mundo são, nesse ponto de vista, ações simbólicas. Todos se enquadram, então, no que ele define por ação simbólica, com suas características e funcionamento.

O primeiro parâmetro para as ações a entendermos aqui é o do conteúdo objetual da experiência. Todos os objetos da nossa experiência tem esse caráter por possuírem um valor

afetivo e um valor “acional”, ou seja, um modo em que podemos agir em relação a esse objeto (Boesch, 2012; Boesch, 1997). Mas o jeito que agiremos, e o valor afetivo desse objeto, não está no objeto mesmo. Um símbolo religioso será um objeto muito diferente para pessoas diferentes, mesmo entre aquelas que partilham de uma mesma religião ao se relacionarem com um mesmo objeto. Com isso, chegamos a outro parâmetro, que é o das propensões de ação pessoais de cada um. Alguns terão aprendido alguns modos de agir em relação a um objeto, relativos a seus próprios objetivos, no contexto de suas demais propensões de ação e objetivos, enquanto outros têm propensões diferentes, ainda que com isso preservando a possibilidade de um grau de semelhança dentro de seu grupo cultural e contexto compartilhado.

Nessa perspectiva, os objetivos envolvidos não se dão de maneira isolada e direta para cada ação, mas se organizam em complexas estruturas, assumem hierarquias, se complementam e competem entre si. Algo não deve passar despercebido, pois nos será particularmente relevante depois, é que nessa relação entre esquemas, estruturas e hierarquias, às vezes ações aparentemente diferentes podem fazer parte de uma estrutura comum para objetivos comuns, e às vezes, pode parecer que houve toda uma reelaboração naquilo que o sujeito faz, sente, anseia, mas pode haver apenas um redirecionamento que preserva uma estrutura de objetivos anteriores.

A ação, de maneira concreta, depende de um contexto do campo cultural que possibilite e direcione que essas ações sejam realizadas. Para o leitor que tiver maior familiaridade, temos um paralelo apontado pelo próprio autor, de que esse conceito de campo é análogo, em que pesem as diferenças teóricas sobre sua composição, aos conceitos de campo presentes na Gestalt, em especial como usado por Kurt Lewin em sua obra. Nisso, recapitulando de maneira mais simples, concebe-se que o indivíduo está em um “campo”, um campo no qual se posiciona e com o qual interage, um campo em que os objetos têm valor afetivo e de ação, se relacionando a seus objetivos. O importante para ressaltarmos neste trabalho é a ideia de um campo pressupõe uma totalidade, uma simultaneidade, e uma complexidade de interações dentro da experiência humana.

O “conhecer”, como ação que é, também se enquadra nesses parâmetros e como interação com esse campo. Esse processo de conhecimento implica que só conhecemos a partir de nossas estruturas, mas, por outro lado, o próprio construir dessas estruturas implica modos de relação com esses objetos que sejam possíveis em nosso contexto. (Boesch, 2012) Uma característica a que gostaria de chamar a atenção é que, nessa acepção, o conhecimento não é um ciclo vicioso; não são ideias explicando ideias que são explicadas sucessivamente

por mais ideias. O conhecimento, enquanto ação simbólica, se engendra desde algo mais, de uma relação com o mundo, que interpela e exige novas ações simbólicas do sujeito.

Outra característica importante é que, por esse enfoque, a percepção nunca é neutra e nem de algo neutro, mas sempre ocorre através da ótica do valor afetivo e do valor acional, na relação entre indivíduo com seu contexto. Do mesmo modo, na visão de Boesch, não há em nossa experiência uma distinção de partes ou uma dualidade entre afetivo e cognitivo; essas dimensões acontecem no mesmo processo.

A compreensão não é, desse modo, uma junção que agrega objetos a serem compreendidos individualmente, mas é um processo que ocorre no todo, através da conotação que se apreende no campo maior para cada compreensão. Toda a ação, como descrita por Boesch, é sempre dotada de simbolismo, e o próprio agir se dá de maneira simbólica, com conotações e afetos que lhe são próprios.

Chegamos então a outro parâmetro para as ações: as regras culturais. Para Boesch(2012), a cultura é um campo de ação que, ainda que com caráter em parte compartilhado e transmitido, também possui caráter inerentemente individual. Um mito, uma narrativa comum, uma crença, só terão seu valor se a experiência de vida o preencher assim. Os tópicos de fundo presentes no que é transmitido em uma cultura, junto às valorações e os padrões de comportamentos, só fazem sentido se a experiência individual assim os fizer. O exemplo que usa, o do patriotismo, é o de que esse só é aprendido através de diversas experiências em que seu valor acaba sendo visto e vivido, como a simbologia nacional, os feriados, a participação da queima de fogos em desfiles nacionais, etc... Mas o modo que cada um participa dessa cultura é profundamente peculiar. Alguém se reconhecer como não-patriota não significa a ausência de um conceito de patriotismo, mas uma relação a esse conceito diferente àquela do autoproclamado patriota. Ainda assim, a experiência é peculiar, mas a existência e a prática coletiva e comum, fazem com que haja certa constância e forma interpretativa socializada dessas experiências.

A relevância dessa sociabilidade das formas interpretativas das experiências já foi apontada anteriormente, ao falarmos sobre o papel das tradições na troca interpessoal, mas não se restringe àquele momento do texto. De fato, estará de fundo nas reflexões posteriores, e aponto aqui para que não seja perdida de vista.

Uma outra referência para o CSC, Valsiner(1996), constrói sua abordagem através do questionamento de como podem indivíduos serem únicos e tão diversos mesmo se desenvolvendo num ambiente de pressões sociais comuns que pareceriam direcionar à homogeneização. Para ele, no entanto, a unicidade do indivíduo é justamente um indicativo da

origem social desse desenvolvimento; a gama de diferenças entre os indivíduos indica não só um ambiente variado para a troca, mas também um ambiente social amplo que guia de diferentes modos e provê diferentes recursos suficientes para sustentar os modos individuais de ser. Nessa perspectiva, uma observação que utilizaremos na metodologia é a de que a divergência nas interações sociais e a necessidade de negociação trazem a necessidade de emergir a novidade, ainda que dentro dos limites daquilo que é possível em seu contexto. Essa lógica é chamada de “indeterminação restringida”, que pode mais adiante nos ajudar a entender a relação do indivíduo com as tradições da psicologia.

Em um paralelo, podemos pensar que a psicóloga irá escolher sua abordagem, se aprofundar e se especializar, se direcionar teoricamente de vários modos, mas, de algum jeito, os percursos e resultados geralmente nos são reconhecíveis e compreensíveis em sua trajetória geral e imagem maior, pois partem de tradições comuns, com trocas e negociações em espaços comuns, pressões externas e necessidades comuns, até mesmo às pressões da vida em nosso tempo e espaço, que não se restringem apenas à psicologia, ainda que com detalhes diferentes e preservando certo grau de originalidade.

Uma pequena reflexão pessoal, é a de que nosso contexto define caminhos possíveis a serem percorridos, e, no mesmo movimento, define caminhos a *não* serem percorridos, igualmente previstos desde certo ponto de vista, porém por sua negativa, mas estabelece também seu “ponto cego”, aquilo que nem sequer estaria previsto como possibilidade ou transgressão, e que se tornaria visível apenas a partir de outra perspectiva. Explico com um exemplo: o estabelecimento de faixas de trânsito define que aqueles que querem chegar de um ponto a outro tem algumas opções, como várias combinações de faixas e sentidos a serem escolhidos pelas ruas, e ainda define a inadequação de se atravessar por entre as faixas em locais proibidos e seguir na contramão, ainda que alguns possam fazê-lo justamente pelo caráter previsto de transgressão. É diferente não conhecer uma possibilidade (como o significado cultural compartilhado da faixa de trânsito), e conhecendo optar por não segui-la ou ainda optar por transgredi-la. Todas essas possibilidades, no entanto, são previstas pela conceituação cultural das faixas de trânsito, que deixam de fora outras possibilidades de locomoção que não dependam do uso da rua, por exemplo, e que então não estariam previstas nem como transgressão. Essa última possibilidade, da originalidade a partir do imprevisto por estar em um ponto cego, creio, tem toda uma diferença em relação ao que não foi previsto, mas era previsível através do já estabelecido. Podemos expandir para imaginar que, ao nos localizarmos em todo o campo de conhecimento que é a psicologia, temos as linhas que reconhecemos como válidas, aquelas que aprendemos como indesejáveis dentro de nossos

esquemas pessoais, aquelas que aprendemos a prever como uma transgressão, e, conseqüentemente, as possibilidades que até poderiam ser válidas para nossos objetivos, mas a produção cultural da psicologia jamais chegou a abarcar, ou não tem estrutura para abarcar. Nesse paralelo, é como se o presente trabalho se propusesse a estudar como as psicólogas se portam frente às “faixas de trânsito” da psicologia, e talvez, como vieram ou podem vir a se portar frente a elas, inclusive transgredindo as normas impostas, mas em geral, não conseguimos prever aquilo que a psicologia não prevê nem como uma transgressão de si mesma, a não ser que olhando de um ponto de vista distinto. Essa reflexão será retomada nas sessões finais.

As observações dos últimos parágrafos preservam algumas dúvidas anteriores, ao mesmo tempo que abrem alguns caminhos novos sobre como explorá-las: porque ocorre essa separação da psicologia em diferentes teorias paralelas, e porque ocorre do jeito em que ocorre? Mesmo que estejamos assumindo muito da psicologia através de grandes votos de confiança, porque isso ocasionaria diversas linhas diferentes, muitas vezes encerradas em seus próprios grupos de discussão e sociedades teóricas? Porque não lidamos com dogmas generalizados da psicologia, se é que já não o fazemos sem perceber? Não teria cada psicólogo sua mistura pessoal de dogmas, pressupostos, prescrições e teorias? Porque ao optar por algumas teorias, é costume optar por elas em um grande conjunto com muitas outras, e excluir as que estão fora desse grupo?

Há alguns jeitos diferentes de olhar essas questões.

Podemos olhar para a divisão da psicologia através do foco na diferença entre as próprias ideias de cada linha teórica, as relações entre elas, possíveis oposições e incompatibilidades nessa dimensão, para, a partir daí, entender como a psicologia como um todo se divide em diferentes caminhos, com diferentes instituições e modos de atuação, e, disso, como temos nos direcionado em nossa categoria, ou poderíamos vir a nos direcionar.

Como um primeiro jeito de pensarmos nessa dimensão, Vygotsky (1927/1997) aborda o tema, atribuindo a separação teórica da psicologia a diferenças com base nos objetos de estudo, e por consequência nos métodos e pressupostos das teorias. Para ele, havia uma divisão de base entre teorias materialistas e teorias idealistas que não se referia a uma divisão de como olhar um mesmo objeto comum à psicologia, mas à própria definição de objetos diferentes, ocasionando duas ciências distintas concorrendo por um mesmo nome de psicologia. Mesmo que ambas tenham sua razão de ser e possam ser válidas enquanto ciência, tentar realizar manobras teóricas para unificá-las sem se dar conta dessa diferença seria, para ele, uma produção teórica que não se referiria a nenhuma realidade concreta. É necessário

levar em consideração que essa visão se integra à visão maior do próprio autor sobre o objeto da psicologia, na qual atribui a diferença entre materialismo e idealismo em psicologia como uma diferença entre níveis de complexidade: a psicologia materialista, mais próxima à biologia e ao estudo de reflexos, seria o nível de complexidade inferior que serve de base para o nível da psicologia idealista, de caráter mais próximo à filosofia, à identificação de tipos ideais e à interpretação, o qual funciona, por outro lado, como um nível integrador e coordenador dos impulsos e tendências do nível mais baixo. A situação problemática geradora de confusão quanto ao objeto e objetivos da psicologia, seria agravada por uma tendência dos autores de organizarem suas ideias em construções teóricas a partir de generalizações e acréscimos de novas teorias com base naquilo com que lidavam melhor. Vygotski, que se mantinha favorável à psicologia se manter unida como uma única instituição, à época tinha a previsão de que com o tempo o mais provável seria uma vertente tomar o papel principal de “psicologia geral”, e outra assumiria um papel complementar para diversas áreas em que se aplicasse bem; em especial se se compreendesse a diferença elementar entre ambas, ao invés de se forçar qualquer unificação através da generalização de conceitos.

Já nos anos 1960, mas ainda cronologicamente mais próximo da época em que escrevia Vygotsky do que dos dias atuais, Watson (1967), então presidente da Associação Americana de Psicologia, atribuía a diferença elementar entre sistemas teóricos como baseadas em diferentes pressupostos, muitas vezes despercebidos para quem os assume, em antinomias de base. Além da antinomia materialismo/idealismo a que nos referimos anteriormente, ele citava outras 15, apontando que enquanto não houvesse um consenso paradigmático para unificar teoricamente a psicologia, resolvendo definitivamente essas antinomias, observava-se que as abordagens prescreviam que se assumisse diferentes posições em relação a elas. À diferença de Vygotsky, não há para ele uma antinomia que sirva de base para as demais separações, ao mesmo tempo em que há a expectativa de que um novo consenso paradigmático mude nossa visão sobre elas. No Brasil, escrevendo já em 1991, para Figueiredo, a divisão se dá em um nível epistemológico anterior à elaboração teórica em si. Para ele, isso ocorre no desenvolver divergente de diferentes correntes filosóficas de fundo nas divisões atuais, que instruem cada abordagem segundo diferentes matrizes de pensamento, vindo a diferenciar abordagens e autores desde seu início. À diferença da proposta de Watson (1967), para ele essa divisão não é necessariamente organizada em antinomias. Devido à incompatibilidade primordial das linhas envolvidas nessa separação, o autor aponta para o fato de que a psicologia tende a se desenvolver segundo áreas de atuação e pesquisa, cada uma com seu próprio corpo teórico, conforme o sucesso que venham encontrando quanto à eficácia de resultados propostos e

aceitação no campo de saber psicológico em dado momento, o que é propenso à modas e períodos de evidência que não chegam a excluir a produtividade das demais linhas, o que o leva a defender uma separação institucional efetiva entre diferentes psicologias preservando uma base de estudos que sejam comum a todas e uma troca mais aprofundada quando há uma convergência entre as áreas. Assumir um dogmatismo seria, para ele, também um jeito excludente de lidar com a incerteza, a que ele é crítico tanto quanto um ecletismo sem critérios. Duas considerações que traz, e que nos serão cruciais mais tarde, são a de que a escolha por matrizes é uma opção ética, por envolver a escolha por modelos de interação humana, e a outra, que provém dessa, é a de que devemos voltar a formação dos alunos para a capacidade de realizar uma escolha entre as diferentes matrizes de pensamento.

Quanto à dificuldade de unificar a psicologia, Stam (2004), argumenta que um problema das propostas unificadoras é comumente serem manobras disciplinares, voltadas à possibilitar uma união por si mesma, e não baseadas em uma proposta epistemológica que devido à seu funcionamento e consistência interna tenham como resultado a unificação teórica. Para ele, no entanto, a psicologia tem conseguido se sustentar enquanto campo devido a uma unidade maior no nível metodológico; também, quanto à delimitação de objetos e descrições funcionalistas, assumindo assim um mercado de capital simbólico unificado, por mais que esse mercado tenha internamente a concorrência entre designações e inúmeros objetos de estudo, abertamente construtos teóricos definidos por sua função, candidatos a tomar o lugar central.

Como vemos, há diferentes modos tanto de entender o que leva à separação teórica em psicologia, quanto diferentes previsões ou prescrições para seu futuro. Há ainda dois modos de se pensar que considero importante trazer ao diálogo. Há a visão de Drob (2003), que propõe que tenhamos métodos próprios para que essas diferenças teóricas sejam estudadas e se comece a decidir, pelo exame de uma por uma, quando e onde cada uma delas funciona melhor. A questão que me surge quanto a posições como essa, é a de como estudar diferentes teorias ou por um critério que seja aceito como válido pela lógica interna de ambas, ou, ainda, estudar por critérios externos a elas que as precedem de maneira que seus resultados sejam aceitos pelos proponentes de todas as partes. Para além da tendência à expansão e diversificação de linhas, ou ainda à manutenção de divisões de base ulteriores, Goertzen (2010), apoiando-se em influência da dialética, identifica na psicologia um movimento cíclico de contração e expansão, com as posições teóricas se diferenciando, e após isto, sendo selecionadas e diminuindo em diversidade, para então haver nova expansão a partir dessas remanescentes, e assim por diante.

Pensando sobre o movimento descrito por esse último autor, por um lado, encontramos na história da psicologia exemplos de diversas teorias que com o tempo se tornaram obsoletas e foram por vezes abandonadas pelo campo. Um exemplo que considero marcante por sua diferença às linhas atualmente no mainstream da psicologia, é a dos estudos sobre a vida mental ancestral de organismos unicelulares (ver Romanes, 1889), ligada à então popular corrente vitalista, defendida, entre outros, por Binet (1890). Porém, às vezes esse esforço é mais nitidamente organizado e exige toda uma reconfiguração institucional do campo. Reed (1997), por exemplo, centrando seu estudo na Europa do século XIX, defende que a psicologia se afirma enquanto ciência independente e se diferencia da filosofia e teologia através de um esforço coletivo para se libertar da necessidade de preservar teoricamente uma alma imaterial e o livre-arbítrio. Para isso, foi necessário transpor mecanismos de censura, ideologias oficiais adotadas por governos de diferentes países, construir seus próprios espaços de disseminação e prática, e construir as bases com que se poderia estudar a partir de um ponto de vista que não partia dos mesmos pressupostos em voga. Isso não significa uma definição comum do objeto de estudo da psicologia, e nem uma metodologia comum, mas a direciona como um todo enquanto campo.

Algo notável nas perspectivas trazidas de Vygotsky(1997), Figueiredo(1991) e Stam(2004), é que por mais que haja uma separação nos modos de se pensar as linhas da psicologia, para os três essa separação está também de algum modo imbricada no modo de organização institucional.

Dando um passo atrás em nossa perspectiva observamos que, assim como o autor do presente estudo, a maioria dos autores que refletem sobre a diversidade na psicologia são também psicólogos dando sentido ao campo da psicologia, tentando se posicionar nesse campo ou propondo como o campo todo poderia ser redesenhado. Retomando o enquadre que se desenha até aqui, as psicólogas, enquanto pessoas, agem de maneira simbólica em conexão com seu contexto, suas necessidades e suas aprendizagens, algo que é construído socialmente e não de maneira individual. Considero o momento propício para deslocar novamente a perspectiva desta pesquisa, e, ao olhar para o conhecimento da psicologia enquanto prática de pessoas em determinados espaços, focar uma dimensão mais ampla que é a própria constituição desses espaços.

Se ainda se faz justo um parágrafo a mais para defender que a psicologia seja vista (e estudada) *também* como uma instituição, pensemos assim: enquanto no mundo das artes muito se discute quem pode ou não ser considerado um artista, com alguns que defendem que são artistas os que fazem arte, enquanto outros dizem que são artistas os que

“predominantemente” se dedicam a arte, aqueles que conseguem ganhar dinheiro com sua arte, ou ainda aqueles que conseguem se sustentar economicamente com sua arte, dificilmente o registro em conselho profissional ou graduação na área são apresentados como pré-requisitos para a alcunha de “artista” fora de contextos específicos, especialmente os mais burocráticos ou em questões laborais. Enquanto isso, ser psicólogo hoje não só pressupõe uma certa situação formal, mas requer a formação através de outros psicólogos, que por si só foram formados por outros psicólogos, e um reconhecimento mútuo em sua formação e suas práticas, ainda que no que antes chamamos de concordar em discordar. Pessoas que se juntassem para estudar psicologia em conjunto, começassem a trabalhar com isso, e posteriormente começassem a formar novos profissionais, poderiam ser chamados de psicólogos em algumas concepções como nas que chamamos de psicólogos os antigos filósofos que nos inspiraram, porém, até a data em que escrevo o presente texto, não os reconheceríamos como legítimos para atuar e formar novos profissionais sem a acreditação formal que os define como parte de nossa instituição.

Se entendermos que as perguntas já formuladas pressupõem um lado institucional, abrimos a possibilidade de novos modos de questionar a relação entre psicólogas, teorias disponíveis e seu direcionamento: a maneira como a separação em linhas se dá é devida a uma característica do objeto da psicologia mesma, ou da maneira como aprendemos a nos organizar e organizar nossas instituições, ou ambas? O que representa, então, como nos organizamos em nossas instituições? Como se conectam as produções da psicologia com a maneira em que são formadas suas instituições?

Dizer que algo é uma instituição, é, evidentemente, uma abstração para organização mental, e para uma exposição que explicita o motivo de linhas de pensamento seguidas posteriormente. Poderíamos fazer outros recortes até mesmo nessa dimensão, com instituições como “a Universidade de São Paulo”, “a Academia”, a “ciência” e outros até mais abstratos. Mas isso não invalida sua utilidade enquanto categoria de análise.

Como nos apontam Florsheim & Simão (2021), inspirados em Bourdieu, a ciência tem também suas relações de força, seu capital, concentração de poder, e tenta controlar seus modos de produção e reprodução, o que vale para a psicologia. Uma consideração importante dessa contribuição, e que reverbera nas reflexões ao final da presente pesquisa, é que a maneira como justificamos o conhecimento tem implicações quanto a que diálogos estaremos abertos, incluindo a que diálogos profissionais e sobre que natureza de conhecimento, levando os autores a defenderem o pluralismo como contraposição à imposição de poder.

Existem já discussões relevantes de como as dinâmicas institucionais têm influenciado o próprio conteúdo teórico da psicologia, e como poderia ser reestruturado justamente nesse quesito. Podemos exemplificar através da denúncia em artigo da autora americana Carolyn Sherif(1998) de que a psicologia clássica é feita majoritariamente por homens, e mesmo quando feita por mulheres, essas costumam ser relegadas a posições hierarquicamente inferiores ou se concentram em áreas de menos prestígio e portanto menos lidas e debatidas. Assim, a psicologia se constitui como primariamente respondendo a desejos e necessidades masculinas, valorando negativamente aquilo que é visto como feminino ou atribuindo características ao gênero para justificar contextos socialmente impostos. Voltando-se à psicologia indígena e à contribuição do LIVCC para a área (Guimarães & Simão, 2021), que nos apontam que a psicologia mainstream está construída a partir de conceitos situados em tradições ditas ocidentais em um contexto histórico bem determinado, temos um referencial que entende o papel e as condições de existência da psicologia como parte integrante das mesmas tradições em que surge, que continuam sendo reproduzidas, entre outros fatores, justamente pelo fato de se pressupor como universal ou como “base comum”.

Pois bem, o que podemos construir então para nosso próprio tema com o enquadre da psicologia enquanto instituição, feita por humanos, que tem suas necessidades, tendências e limites, em sua cultura?

Tomemos de Berger & Luckmann(1967) o entendimento de que a existência de diferentes papéis nos fala sobre a estrutura maior: a existência de papéis como soldado e general dizem do modo de organização de um exército, assim como a existência de papéis como primo e avô dizem dos nossos modos de organização familiar. Aplicando ao tema que temos centralizado nessa dissertação, e contemplando o fato de que há profissionais que, quando perguntados, se definem através de linhas, como “fenomenólogos” e “humanistas”, isso nos diz da constituição maior da instituição da psicologia e de nossas formas de nos organizarmos dentro dela, assim como existirem os papéis como “professor” e “aluno” nos diz da forma de organização da transmissão de conhecimento; e a de existirem examinadores e orientadores dizem de como organizamos nossas bancas de avaliação de mestrado. Para entender melhor esse exemplo, podemos tomar por contraposição o que significaria institucionalmente uma forma de transmissão de conhecimento em que todos sentam em roda e se revezam em seu momento de falar por algumas rodadas, com decisões sendo decididas por votação ou aclamação. Em todos esses modos, estamos aprendendo, praticando, reproduzindo e passando adiante uma relação própria para com o conhecimento e os diferentes papéis balizados por ele.

Conectando a essa dinâmica, gostaria de trazer o pensamento de Paulo Freire (1968), um autor que causou impacto considerável em minha formação durante a graduação, e que, acredito, ainda ressoa em algumas das reflexões ao final desse trabalho. Em especial, retomaremos a noção de que, ao se ensinar, não se ensina apenas um conteúdo, mas se ensina *e pratica* uma relação com o saber e que as posições de quem sabe e quem não sabe. É notório em seu método que ele não se propunha apenas a uma forma eficiente de alfabetização, mas, partindo de um pressuposto de que os que aprendem são igualmente capazes e possuem já um conhecimento, devem colaborar com aqueles que ensinam sem que isso crie ou justifique uma hierarquização da sociedade baseada em deter ou não conhecimento. Os papéis de educador e educando nessa educação se propõem diferentes para uma relação que se propõe diferente com o saber, de base para uma sociedade que se propõe diferente.

Com isso, estamos olhando para uma dimensão institucional que conversa sobre dinâmicas antes observadas entre o individual e o coletivo: a psicologia, ao ser ensinada de algum modo, praticada de algum modo, por pessoas específicas, precisa se haver e faz uso de padrões e entendimentos compartilhados, por exemplo, sobre os modos de ensino adequados, a relação entre profissional de saúde e paciente, entre cientista e participante (ou sujeito, ou informante), entre profissional de recursos humanos e demais funcionários, e até entre profissional de recursos humanos e a empresa que a contrata. Mesmo transgressões a essas formas de se relacionar acontecem muitas vezes diante de um reconhecimento da própria norma.

Recorrendo a Bourdieu (1987), a existência de títulos, como o título de mestre, nos trazem uma identidade simbólica aceita pelo restante da sociedade. Nos dá um papel que personificamos perante a nós mesmos e aos demais. Diferentes partes do campo social, no entanto, competem pelo poder de nomear e conferir tais identidades. No campo religioso, por exemplo, diferentes atores disputam não só no campo teológico mas também pelo controle de como desempenhar diferentes papéis como a hierarquia interna da igreja, mas ainda competem, num campo mais amplo, com a psicanálise e outras ciências e práticas que venham a propor outros títulos e modos de desempenharmos funções. Para ele, esses papéis e identidades fazem parte de uma codificação maior que confere previsibilidade e impõe limites às nossas interações em sociedade, que obedece a uma lógica que não precisa ser coerente, mas prática, e está em disputa.

Evidentemente, alguns dos papéis que mencionei antes tem sua validação muito mais formal, incluindo contratos e uma tipificação muito maior de suas funções; outros, estão em uma área de incerteza maior, e ainda alguns estão constantemente em debate com diferentes

grupos disputando o poder de atribuí-los, como seria o caso dos debates sobre a formação em psicanálise que citamos anteriormente (ex: como uma linha na psicologia, uma formação externa com seus próprios parâmetros, ou ainda uma graduação própria).

Como já reconhecemos antes, não são apenas as psicólogas que estão divididas por essas abordagens, mas os próprios espaços de formação, pesquisa, trabalho, regulamentação, entre outros que criamos, se não se dividem em espaços paralelos baseados em suas respectivas abordagens, costumam ser criados valendo-se desse caráter ao mesmo tempo que o validam.

Podemos começar pressupondo algumas vantagens práticas na constituição de espaços separados para diferentes abordagens: é mais fácil realizar algumas discussões teóricas com aqueles que têm uma base comum, que reconhecem os mesmos métodos, que estão a par das mesmas referências, para não termos que reiniciar esse debate do zero a cada nova proposta, em especial em um campo tão cindido em que é improvável que alguém conheça em profundidade as bases conceituais de todas as linhas teóricas. De fato, é comum parecer até injusto tanto para professoras quanto para estudantes quando temos alguém encarregado de ensinar uma linha teórica com a qual não se reconhece, mesmo que dentro de um tema que domina, como em algumas tantas universidades acontece, por exemplo, ao ensinar disciplinas de desenvolvimento ou psicologia social³. Ao mesmo tempo, essa cisão leva as psicólogas à necessidade de escolher e priorizar, e incluir de algum jeito como lidar com a diferença teórica em sua vida prática, assim como cada espaço precisa tomar as mesmas decisões.

O próprio fato de nossas instituições serem assim desenhadas já é notado como tendo um impacto na maneira como produzimos a psicologia: em fala breve, porém crítica à maneira como ocorre a institucionalização da diferença, Prestrelo et al (2003), ao se referirem à amplitude de objetos de estudo e métodos da psicologia, não restritas à diversidade teórica, indicam que muitas vezes, ao invés de direcionarmos as disputas por como diferentes propostas podem agregar e contribuir melhor a diferentes necessidades, nos voltamos a disputas de caráter essencialmente mercadológico. Stam (2004), no mesmo texto referido anteriormente, em que critica propostas unificadoras como geralmente estando na base manobras disciplinares, inclui a consideração de que, no contexto acadêmico, ditames e a separação em disciplinas exercem autoridade considerável, e não apenas a pesquisa balizada por seus problemas de pesquisa.

Mesmo aqueles espaços voltados a abarcar a diversidade teórica encontram seus limites na própria extensão dessa diversidade, pois, afinal, nem todas as linhas podem ser ensinadas ao

³ o modo de lidar com ensinar algo de que se discorda pode variar de um caso a outro e cada contexto, evidentemente, e não precisa pressupor um incômodo

mesmo tempo, e não podemos entendê-las e nos atualizarmos em todas com profundidade. Como lidar com essas limitações é sempre uma discussão aberta. Na grade curricular de minha graduação, por exemplo, não havia uma matéria designada para ensinar psicologia cognitivista ou terapia cognitivo-comportamental, e, quando muito, estava previsto que fossem discutidas em críticas a partir de outras abordagens. Algo semelhante acontecia com Vygotsky, que, ao todo, não tinha seu espaço “próprio” na grade, mas que ao menos aparecia em alguns momentos, não necessariamente conectados, em aulas específicas dentro de disciplinas sobre psicologia social, educação, e, eventualmente, desenvolvimento, apesar de servir de referencial teórico para alguns grupos de pesquisa dentro da mesma faculdade. Haviam, no entanto, disciplinas obrigatórias específicas para a fenomenologia, psicologia analítica e psicologia construtivista, o que nem sempre ocorre em outros cursos. A partir de conversas com alunos de outras faculdades, são comuns apontamentos sobre o foco quase exclusivo em psicanálise algumas vezes, e outras sobre o mesmo foco em análise do comportamento, Terapia Cognitivo-Comportamental e cognitivismo.

A consequência dessa limitação, que não é única dos espaços de formação, é que a disponibilidade e características desses espaços será relevante por diversos motivos para aquela que busca se situar dentro da psicologia. Baseados em diferentes linhas teóricas, existirão diferentes espaços em que se ensinará e se praticará de diferentes modos a psicologia, com diferentes colegas e amigos, atraindo diferentes clientes e diferentes possibilidades profissionais, diferentes representações dentro do campo da psicologia, e, como citado na justificativa de nosso objetivo, às vezes um embate direto por espaço em todas essas dimensões. Assim, a escolha por uma linha teórica está longe de uma questão de impacto apenas teórico na vida da profissional, o que indica que possivelmente não será apenas o conteúdo teórico que terá impacto na escolha dessa linha.

O parágrafo anterior não significa, por exemplo, que alguém escolherá pesquisar religião somente por descobrir que é o que se tem estudado em seus espaços na sua perspectiva Junguiana, ou, pelo caminho contrário, também não significa que alguém decidirá reconhecer-se Junguiano apenas porque nessa abordagem se tem estudado temas sobre a religiosidade que lhe são de interesse. Até aqui, estamos lidando com a possibilidade que ambos os caminhos possuem seu peso, de que se complementam ou competem. Mas ambos nos apontam para a necessidade de incluirmos nesse olhar também aquilo que precede e aquilo que está em torno da entrada da psicóloga na psicologia.

Em diferentes contextos e para diferentes profissionais, é possível que hajam diferentes representações e expectativas sobre o significado de ser um tipo ou outro de

profissionais ancorados na abordagem teórica (ex: certas características serem vistas como comuns para cognitivistas, e certas outras como necessárias para fenomenólogas), e essas compõem a escolha e a rejeição em relação às abordagens, assim como tenham que se haver com diferentes expectativas sobre quais deveriam ser as características de uma psicóloga “de modo geral” e demais dados da realidade.

Essa necessidade do conhecimento “se haver” com o mundo encontrado não deve ser menosprezada, pois, a partir de Boesch (2012), estamos adotando o ponto de vista de que o conhecimento é uma forma de ação simbólica relacionada a seu contexto.

O movimento de mudança de relação com o conhecimento dada a prática parece encontrar consonância em estudo de Romaioli & Faccio (2012), que constata que os estilos terapêuticos dos profissionais tendem a se expandir e variar conforme estes encontram situações com as quais não podem lidar ou para as quais a atual abordagem que dominam é insuficiente. Os autores usam essa constatação para defender uma maneira consciente de ecletismo na atuação.

Aqui, podemos considerar que, além de um abandono do dogmatismo ou abertura para um ecletismo, podem haver outras dimensões para as quais podemos nos expandir. Podemos até mesmo nos manter na mesma abordagem anterior, porém expandir os modos com as quais a compreendemos e atualizamos essa escolha.

Quando vemos as linhas como não-monolíticas, que podem ser adotadas, questionadas e compreendidas de vários jeitos, chegamos a mais uma consideração importante para a compreensão posterior de nosso problema. Muitas vezes, estamos nos referindo às abordagens psicológicas como entidades nitidamente separáveis e bem delimitadas em todos seus aspectos. Em que pese a propriedade das argumentações e proposições trazidas até aqui, este projeto tem como perspectiva epistemológica a noção de que, mesmo se houverem exceções a uma unificação metodológica generalizada, ou a uma unificação como a adoção do funcionalismo na construção do conhecimento, podemos apontar, pelo menos, uma *permeabilidade* entre muitas teorias em relação à diferentes definições de seus objetos de estudo e metodologias. Ligo essa permeabilidade em parte às matrizes, antinomias e prescrições antes citadas, que podem ser compartilhadas entre uma linha e outra, mesmo que não integralmente, fazendo assim com que algumas metodologias e áreas de interesse tenham valor semelhante para diferentes abordagens, mesmo que não todas. Não se pode dizer, por exemplo, que exista uma única abordagem que possa atribuir a si mesma a exclusividade de ser interpretativa ou de avaliar diretamente comportamentos, em especial quando se relaciona à prática profissional. Expandindo o argumento, creio que também há permeabilidade quanto

a interesses, questionamentos, práticas, posições éticas, e, não menos importante, *a negação de possibilidades*.

Como dois bons exemplos já bem instituídos dessa permeabilidade, temos o dado do censo profissional de 2022 (Conselho Federal de Psicologia), em que um número não descrito de profissionais citou pertença simultânea às linhas ou influência em autores de linhas tanto humanista, quanto fenomenológica e existencialista, o que a própria análise divulgada em conjunto com os dados liga ao desenvolvimento histórico dessas linhas no país, mesmo sendo uma junção teórica que alguns autores, em especial da fenomenologia, rejeitam. O outro é o próprio fato de haver uma linha já instituída e com um desenvolvimento próprio com o nome de Cognitivo-Comportamental, criada justamente a partir de influências de outras duas anteriormente separadas (e diga-se, vista como antagônicas).

Uma vez tratando da separação de linhas da psicologia e reconhecendo sua eventual permeabilidade ou impermeabilidade, se torna coerente o diálogo com Marsico & Tateo (2017). Os autores trabalham com uma noção de fronteira em que estas não são entidades rígidas e visíveis, mas uma zona, com uma natureza processual que delimita um dentro e um fora, mas que tem também suas características próprias como uma zona, em que existem diálogos, trocas, e que altera nossa relação com ambos os lados, além de ser por si mesma uma arena performativa, em que até o cruzar da fronteira é um jeito de reafirmar a existência de sua função reguladora. Como exemplo prático, pensemos na fronteira entre dois países, em que, mesmo havendo uma divisão rígida e visível, há postos de controle, cidadãos e funcionários governamentais autorizados a cruzá-la, e até mesmo a possibilidade da consciência de se adotar um meio de vida e identidade próprios de quem está na zona fronteira (Marsico, 2016). Os valores que cada um atribui à fronteira, ao dentro e ao fora, irão variar. Para além da definição processual de fronteira, há duas contribuições que nos são importantes para nossa própria análise: haver uma fronteira delimitada, ao mesmo tempo que aumenta e explicita a diferença entre um dentro e um fora, cria por si só zonas de ambiguidade, em que a delimitação não se aplica ou não pode ser integralmente reconhecível. Como exemplo, a partir da criação de um conceito de cidadão que o separa daqueles que não são cidadãos, temos ambiguidades no que tange aqueles que seriam quase-cidadãos, imigrantes, refugiados, entre outros. A outra contribuição é de que os tensionamentos não são apenas entre o dentro e o fora, mas, há também tensões entre as sub-partes internas às fronteiras. A configuração total dessas tensões, no entanto, pode ser necessária para a própria manutenção do sistema como um todo, produzindo um equilíbrio entre as partes e lhe conferindo maior resistência seja contra tensões externas, seja contra tensões internas.

Um modo de trazer à nosso tema essa natureza processual das fronteiras, o jogo entre tensionamentos e zonas de indefinição, é através dos tensionamentos entre o que será ou não considerado parte da psicologia, as indefinições quanto à essas demarcações, e o modo de cada psicólogo lidar com essa fronteira; mas, ainda àquilo que é tido como interno da psicologia, e que resiste a eventuais tensionamentos internos para que saia, somam-se as tensões não só entre as diferentes linhas teóricas, mas também as tensões internas a diferentes posições dentro de cada linha teórica. Desse ponto de vista, a distinção entre as linhas na psicologia também tem uma natureza processual análoga à descrita pelos autores acima.

Nas últimas páginas, percorremos um caminho com mudanças de perspectiva sobre um mesmo tema: pensamos nas experiências individuais que compõem o posicionamento teórico, o papel da cultura, das tradições e das trocas sociais nesse posicionamento, para, com isso, mudar novamente a perspectiva, para pensar sobre os fluxos e dinâmicas institucionais em que ocorrem essas interações. Fomos de um nível mais individual ao ambiente institucional em que se situa esse indivíduo. De todo modo, ao falarmos de exemplos reais, essas divisões são quando muito didáticas ou práticas. Neste trabalho, adoto a compreensão de que não há uma distinção concreta em que um fenômeno deixa de ser individual para se tornar coletivo, deixa de se relacionar ao conhecimento para se relacionar às expectativas daqueles que o produzem, ou em que deixa de ser um fenômeno cultural para ser um fenômeno institucional, pois todas essas dimensões pressupõem uma à outra, e sua divisão tem mais a ver com nossas formas de conhecer do que uma característica própria do que estudamos. Até a compreensão sobre a história da psicologia, como “deveriam” ser as abordagens e como elas são enquadradas, trata tanto de nossas expectativas quanto de nossas instituições atuais. Por exemplo, Mengal (1988), em ensaio sobre o modo de se contar a história da psicologia, nos aponta como certas formas de narrativa podem encaixar nossa visão sobre a mesma em maneiras de validá-la ou invalidá-la; para ele, por exemplo, contar a história através do insight de grandes gênios, figuras fundadoras de que todos descendem, é uma defesa da validade institucional da psicologia como uma ciência ao mesmo tempo que justifica uma visão sobre como se faz essa ciência, e nos dá um exemplo a ser seguido. Agora podemos voltar a perspectiva para o indivíduo em sua relação com um todo que lhe é maior, e pensar como este percebe a si mesmo e seus modos de “navegar” fluxos e dinâmicas institucionais.

Na percepção de si, entramos em terreno geralmente atribuído às discussões sobre identidade. Admitidamente, “identidade” é uma noção polissêmica, com distintos significados tanto na linguagem cotidiana quanto em definições do meio acadêmico, então não estamos tratando de tudo o que se define como identidade com todas as teorias sobre esta. Estamos

trazendo, destas, alguns referenciais que nos são pertinentes pela linha teórica e tema debatido.

Retornando à obra de Brockmeier (2015), são apontadas três diferentes propostas teóricas sobre a formação da identidade: a primeira, em tradição que remonta à John Locke, é a de que a identidade é constituída por narrativas e memórias acerca de nós mesmos; a segunda, a de que a identidade também inclui fatores como a maneira em que queremos ser vistos, o que desejamos, o que poderia ter sido, e fatores em nossas opções de ação, e por fim, a terceira proposta; de que a identidade é algo que se *performa*. O exemplo mais conhecido acerca desta última concepção é provavelmente a discussão a partir da identidade de gênero, em que nos identificamos e temos gostos e comportamentos frequentemente esperados para nosso gênero em nosso contexto social, ainda que esses gostos e comportamentos pudessem ser completamente diferentes em outros contextos, e, as exceções são socialmente vistas como desvios em relação a uma norma. Assim, um homem ao usar um vestido rosa, seria socialmente lido, no Brasil atual, como um homem usando roupas femininas, ainda que não fosse essa a sua própria percepção. Com essas dimensões da identidade, uma relação com o outro pode ser uma atuação e performance conjunta das identidades carregadas de afetos e estabelecidas junto a esse contexto social.

De maneira que pode nos ser complementar, Stuart Hall (1996) propõe que aquilo que chamamos de identidade não é uma única estrutura, imutável, contínua ao longo da vida e bem definida. Como aponta em sua reconstituição do tema, existem diversas propostas explicativas para a identidade e o que essa requer, cada uma com sua problemática e linha de pesquisa. Entre elas, a identidade envolve uma relação de diferenciação com o outro, com aquilo que não se é, mas também uma relação com as regras e normas, uma posição em relação a elas, além do caráter performativo em relação a essas regras e normas. Em adição às visões anteriores e já conectando com a próxima, para Hammack (2008), não apenas performamos socialmente, mas o próprio self se cria ao performar-se e se observar. Para ele, cada narrativa individual tem seu próprio contexto em narrativas sociais maiores, inclusa a valoração implícita e o conteúdo ideológico dessa narrativa.

Retornando a Boesch (2012), há um jogo entre a objetificação e a subjetivação, em que os objetos, por mais que externos, aos nos serem objetos, o são como integrados em planos de ação e conotações privadas. Na identidade, no entanto, em que o “eu” percebe a si mesmo, esses parâmetros não são tão nítidos. O que é percebido como um “eu” implica uma consciência da ação, mesmo que ações como pensar e sentir, e é às vezes percebido como o local em que ocorre e se originam as ações e intenções. Essa posição, no entanto, é percebida

não apenas como *um* sujeito que age, mas com uma posição que os outros não são: não percebemos como se houvesse outros pensando e tomando nossas decisões por nós. Essa posição está muitas vezes relacionada, mas não precisa ser idêntica à posição do corpo. Esse caráter de posição também faz com que a identidade possa continuar existindo, ainda que através de alterações no tempo. Mudam nossos contextos, nossas tendências, nossos objetivos, mas de algum modo ainda somos os mesmos. Podemos até nos sentirmos como “incongruentes” com nós mesmos: a sensação de sermos auto-consistentes não é racional, e às vezes nossos objetivos derivados de necessidades de curto prazo podem conflitar com nossas ambições maiores. O que é mais interessante para esse trabalho, creio, na teoria de Boesch, é que se a identidade é um perceber-se (que em si é uma ação simbólica) como uma posição sobre a própria ação, a identidade só faz sentido na relação com o mundo, seus planos, modos de relacionar, e tudo o que antes descrevemos como um campo. É importante reparar que os objetos nesse campo são parte do que possibilita a atuação, ainda que por seu valor simbólico (exemplo próprio: ter um troféu auxilia uma narrativa sobre nós mesmos), que pode ser socializado (no exemplo: o troféu será uma sinalização dessa narrativa e posição social de “ganhador” aos visitantes da casa) (ideia aprofundada em Boesch, 1997). O objeto, nessa visão, estabiliza a nossa percepção de nós mesmos por seu valor simbólico e acional; simboliza para nós e para os outros a constância e a variação através do tempo, e a cultura atribui funções e simbolismos compartilhados para os objetos. Com isso, para Boesch, aquilo que é percebido como si mesmo é o efeito de uma estruturação da experiência imediata da ação, e uma escolha por uma ação ao mesmo tempo guia e é influenciada por nossa identidade dentro da cultura. (ideia também aprofundada em Boesch, 1979)

Complementando com mais uma noção útil para pensarmos esse jogo na identidade entre uma posição e a observação: para Bamberg, Fina & Schiffrin (2011), perceber essa posição não é perceber apenas que há ações vindas daí, mas é uma percepção de que nessa posição se está agindo, e atribuir um caráter de agência àquilo que se percebe dela.

Levando em conta o exposto, nesta pesquisa serão focadas algumas das possibilidades para a percepção de si enquanto psicóloga, que ocorre; (1) no contexto de narrativas e a consciência de informações sobre si e sua atuação, incluindo informações dadas pela negação de possibilidades; (2) posicionando-se na relação com uma percepção do meio e do outro, com suas próprias narrativas, categorias, tipificações, inconstâncias e incongruências; (3) através de conceitos e valores, em grande parte aprendidos e negociados socialmente; (4) cuja atualização/manutenção pode estar na base ou contexto da ação de um indivíduo, mas que ainda assim, (5) pode contar com percepções, valores e desejos incongruentes ou conflitantes

entre si, além de uma continuidade através de mudanças e redirecionamentos, (6) o que leva a diferentes formas de construção identitária, contextual e processual.

Certo, e como relacionamos então tudo isso ao tema maior desse estudo? Vamos a algumas considerações.

Trazendo a discussão sobre identidade e cultura para o contexto profissional, e utilizando noções sobre o movimento de perceber-se enquanto contínuo através do tempo, Marsico (2012) aponta que a identidade profissional é percebida no contexto de trajetórias em que fronteiras e pontos não são rigidamente definidos, e, mais do que isso, tanto identidade quanto trajetória são percebidas através de contextos que estão, em si mesmos, em constante mudança, o que faz com que tenham que ser frequentemente redefinidas e renegociadas. Diferentes posturas podem emergir frente à mudança e inovação, como se fecharem a elas, negá-las, haver adaptações apenas superficiais, ou revisão da própria percepção profissional.

O que não pode ser perdido de vista, ao discutirmos sobre identidade nessa área, é que não falamos apenas aquilo que está nomeado de forma tipificada, como dizer-se “cognitivista”, “psicanalista”, entre outros, mas que mesmo esses títulos são parte de um jogo maior que inclui a identificação com suas práticas, seu histórico profissional, seus valores, suas crenças teóricas, sua ética, seus objetivos de longo prazo, e às vezes, até mesmo com a dificuldade de encaixá-los em sistematizações já nomeadas como “cognitivismo” ou “psicanálise”. A presente pesquisa leva em conta, assim, o jogo entre o perceber-se psicóloga no contexto das abordagens teóricas, com o reconhecer-se em suas crenças e atuações, a adaptar-se ao que preconizam essas abordagens, com optar por e rejeitar uma ou outra, com ter dúvidas ou estar cientes do desconhecimento, com a troca e negociação com colegas, o agir e posicionar-se socialmente, e o agir enquanto forma de posicionamento social.

Foi levando em conta todas essas dimensões que, ao definir o subtítulo desta seção do texto como “a construção da psicologia, entre individual e coletiva”, me refiro em parte ao entendimento de que a construção de tudo aquilo que chamamos de psicologia passa pela posição individual daqueles que a compõem, mas também em outra parte, a que a psicologia também precisa ser sempre reconstruída no âmbito individual, através da mediação social do que se nos apresenta como psicologia e como pertencer a ela.

1.5 Diferentes Perspectivas Sobre a Opção Teórica

Evidentemente, depois de tais complexificações internas, estabelecimento de relações externas, abertura de possibilidades e especificação entre elas, o entendimento sobre nosso

objeto de estudo já não é exatamente o mesmo que a cerca de 40 páginas atrás. Do enquadramento de nosso objeto, ao invés de entendê-lo como um fenômeno isolável a se observar em variáveis simples, o que estivemos fazendo ao longo da conceituação teórica acima, foi, de certo modo, um esforço ativo em nos tornarmos mais conscientes de seus fatores, seus direcionamentos, relações, estruturações.

Dadas as observações anteriores, a partir desse ponto, ao falar da relação dos psicólogos com o conhecimento teórico na psicologia, estarei lidando então com um fenômeno com muitas dimensões possíveis, supondo que poderá ser melhor entendido se estudado como:

- Baseado em pressupostos teóricos e filosóficos sobre os quais não há consenso
- Um imperativo colocado na vida profissional, inclusa nisso uma relação pelo negativo, ou seja, pela recusa de teorias em que *não* acredita e métodos que *não* pratica,
- Relacionado a uma produção que, por definição, é cultural, a co-produzindo enquanto atua,
- Envolvendo a forma como a psicologia está institucionalizada,
- Ligado à identidade do psicólogo que se forma em sua relação com os outros e com seus diferentes selves,
- Parte das definições de como se constrói a prática profissional, se percebe e se estuda seus objetos de estudo e se elabora seus objetivos, e, dados os pontos anteriores;
- A opção teórica e relação com o campo teórico de modo geral não são simplesmente encontradas ou aceitas, mas construídas na relação com e entre os diversos fatores indicados até aqui neste elenco

Para estudar essas relações então, será necessário levar em conta a variedade de dimensões em que ocorrem e fatores envolvidos ou impactados, entre os quais, ao menos os acima citados.

2. Metodologia

2.1 A Construção do Método

E chegando à seção de metodologia, voltamos novamente a contemplar, nem que por alguns parágrafos, a meta-referencialidade necessária no presente estudo. Como escolher o método adequado para se estudar as escolhas que abrangem a seleção de métodos? Como escolher uma psicologia para estudar a escolha de psicologias? E ainda, fazer isso após uma introdução teórica que aborda o tema a partir de várias dimensões e aponta como nossa questão não pode encerrar-se em apenas uma? Bom, como sempre, precisamos buscar um método que se adeque à relação que construímos com nosso objetivo ao longo das últimas páginas. É aí que residem nossos limites, a partir daí temos nossos direcionamentos e potenciais. Assim como na conceituação teórica inicial, um cuidado proposto é tentar justificar e explicitar tanto quanto relevante e possível os pressupostos adotados, critérios e limites para as conclusões. Esse cuidado se dá tanto pela relação do pesquisador com o dado e a fala dos participantes, quanto pela relação do pesquisador com aquelas que lerão o presente trabalho.

Na revisão trazida anteriormente, estivemos dialogando com a possibilidade e a prática de observar a psicologia através de análises de seus fluxos institucionais mais amplos, da história de sua construção, da compilação e construção de dados numéricos, e até da revisão bibliográfica com estudos comparativos entre o que preconizam e no que se baseiam as próprias linhas da psicologia. A bem da verdade, ao iniciar esse trabalho, eu gostaria de combinar simultaneamente algumas dessas possibilidades, se não todas. Mas em um estudo não se pode dar conta de todos os métodos já disponíveis, assim como com a quantidade de linhas, fenômenos, conceitos, fatores e categorias que se pode utilizar para nossos objetivos, é impossível encerrar o tema em apenas um estudo. O presente estudo, portanto, não se assume como encerrando o tema e nem trazendo à tona uma verdade ulterior que precede em importância todas as demais, nem sequer de uma das muitas dimensões apontadas, mas pretende expandir o campo e traçar alguns caminhos possíveis de serem percorridos.

Nossa conceituação teórica anterior nos levou a procurar por algumas dinâmicas que talvez sejam menos visíveis pelos modos de estudo já apontados. Com todas as relações possíveis, refinamos o centro de nossa pesquisa como relacionado à percepção do sujeito sobre seu campo e sobre si mesmo nesse campo; portanto, priorizamos um método que nos possibilite um diálogo com essa percepção, a saber, através da produção verbal, ainda que contando entre

nossos limites todo o vão que possa existir entre nossa realidade, a nossa percepção, a nossa expressão, e a compreensão do que o outro expressa sobre aquilo que compreende de si mesmo. Através de metodologia já estabelecida conceitualmente e enquanto prática no Laboratório de que esse estudo faz parte, optamos pela realização de entrevistas, e sua devida análise, como método de construção de corpus de dados empírico qualitativo, o que será debatido e descrito adiante.

2.2 Participantes

Notou-se nas pesquisas sobre o tema geral a que esta também se refere, como indica a bibliografia aqui levantada, tendência de estudar estudantes de psicologia. Porém já vimos também como o histórico pessoal das profissionais afeta decisões sobre conteúdos a ensinar, elaboração de cursos, construção do saber e escolhas éticas e profissionais. Na academia, há uma relação intensa com o contexto teórico, mas, durante a atuação profissional, essa deve sempre se haver com outras demandas e outras interações ausentes, ou menos presentes, que no contexto acadêmico, e que também compõem nosso interesse. Identificando essa lacuna nas pesquisas a que tivemos acesso, propomos o recorte de participantes como sendo o de profissionais formadas e atualmente atuantes no campo pelo menos há um ano.

Também decidimos evitar construir um corpus de dados *inteiramente* baseado em narrativas de participantes envolvidos atualmente com pesquisas teóricas ou ensino de psicologia, em especial participantes de instituições constituídas a partir de uma linha teórica (por exemplo, sociedades psicanalíticas, fenomenológicas, de ensino de análise do comportamento, e assim por diante), uma vez que esses vínculos podem direcionar a relação com o campo teórico, e ou, ao menos, direcionar o discurso geral em relação à psicologia para a relação com esse campo. Um dos riscos é que selecionando exclusivamente pessoas que tenham esse vínculo, estejamos já restringindo ou no mínimo direcionando nessa seleção a variedade das informações que receberemos, e, mais do que isso, direcionando a um público que já foi especialmente focado no restante da literatura revisada.

Ainda assim, estes não são critérios de exclusão para a participação, dado que também seria interessante saber sobre essas posições, mas de aumento da diversidade, de modo que aqueles poderiam vir a participar desde que não sejam os únicos a participar.

Por fim, mais um direcionamento para a escolha dos participantes foi iniciar a partir daqueles atuantes nas áreas da saúde pública (Unidades Básicas de Saúde ou Centros de Atenção Psicossocial, por exemplo), ou em atendimentos clínicos particulares. Este critério não se dá por uma preferência aleatória por essas áreas, nem primazia dessas em relação às outras, mas, devido à experiência prévia do pesquisador ser primariamente nessas áreas, facilitando assim a existência de um repertório maior para entendimento comum entre as partes com troca e apreensão de conteúdos significativos.

Assim, chegamos à realização de duas entrevistas. Abaixo, algumas informações autodeclaradas de cada participante, identificados como P1 e P2, respectivamente:

- P1, mulher, negra, 40 anos, formada há 11 anos, dos quais exercendo a atual atividade há 7.
- P2, homem cis, branco, 30 anos, formado e exercendo a atividade atual há 7 anos.

2.3 Coleta

Com isso, propôs-se aqui a implementação de entrevistas semi-abertas, com cerca de uma hora a uma hora e meia com cada participante. Devido ao contexto atual de pandemia de COVID-19 à época em que foram realizadas, as entrevistas ocorreram através da plataforma online Google Meet, utilizando recursos de gravação de áudio e vídeo.

Os dados de áudio e vídeo estão armazenados em equipamentos próprios do pesquisador, e não estarão vinculados em uma mesma pasta ou arquivo aos dados de identificação e ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos participantes. Esse último foi apresentado através de formulário online (texto e opções de preenchimento no Apêndice A), com espaço para preenchimento de dados de identificação e questão quanto à concordância com os termos descritos no mesmo, além de arquivo em PDF que poderá ser baixado pelo participante com o texto do termo (Apêndice A). A pesquisa se iniciou apenas após seu devido preenchimento e demais esclarecimentos que se fizeram necessários sobre a participação na mesma.

A pergunta inicial proposta a cada participante foi: *“Você se considera exercendo a psicologia desde uma perspectiva teórica específica?”*. Em caso de resposta positiva, *“qual?”*, e, em caso de resposta negativa, *“por que?”*. Em ambos os casos progrediríamos, dadas as adaptações verbais para cada contexto, com *“no que essa posição atende ao que você busca? No que não atende?”*. Onde coubesse, e se a resposta ainda não estivesse inclusa nas respostas anteriores, propunha-se a seguinte pergunta: *“você pode dizer algo sobre como chegou até essa abordagem, como começou a se interessar por ela?”*.

A partir desse ponto não houveram perguntas fechadas para cada entrevista, porém houve um roteiro do entrevistador, não apresentado ao participante, com questões a abordar caso estas não viessem à conversa trazidas espontaneamente por parte do entrevistado, mas parecessem relevantes junto aos demais esclarecimentos sobre as respostas anteriores. As perguntas desse roteiro, sem ordem pré-estabelecida, foram:

- O que é importante para a qualidade do trabalho do psicólogo?
- O que deve estudar a psicologia?
- Para que serve a psicologia?
- Como deve ser construído o conhecimento e aperfeiçoadas as práticas na psicologia?
- Se você fosse contratar uma psicóloga, que características procuraria nessa profissional?

- Se você fosse realizar um curso para se aperfeiçoar em uma prática (ex: clínica, AT, neuropsicologia, psicologia escolar e da educação...), que características procuraria nesse curso? Como o selecionaria?
- O que você acha da diversidade teórica da psicologia?
- O que acha que causa essa diversidade?
- Quais são os efeitos dessa diversidade?
- Como você acha que a maioria dos psicólogos escolhem a abordagem teórica?
- Acha que existe uma diferença na qualidade do trabalho entre psicólogas de diferentes abordagens? Se sim, qual?
- Considera que perfil ou personalidade geralmente influenciam a escolha das abordagens? Como?
- Você se sente diretamente influenciada por diversas abordagens, ou apenas uma de preferência?
- Sente que essa escolha costuma ser repensada e aprofundada com frequência no cotidiano?
- Já se identificou com outras abordagens? Se sim, o que motivou suas escolhas anteriores? O que motivou a mudança?
- Para que serve a opção por uma abordagem teórica?

Como um cuidado ético próprio desse formato de pesquisa em respeitar os limites de ritmo, duração, tema e profundidade a que cada participante se propõe, é importante lembrar que não é dever pessoal do participante nos fornecer o dado, mas, ao contrário, é papel do pesquisador analisar o dado que o participante se propõe a fornecer.

Apesar da lista acima apresentar diversas propostas de questionamento, foram trazidas em cada entrevista apenas conforme se mostraram relevantes e possíveis. O objetivo com isso não era apenas ouvir aquilo que a entrevistada está consciente que sabe, ou aquilo que já é parte do “senso comum” de nossa disciplina, mas também usar questionamentos que possibilitassem trazer aquilo que não seria pensado, discutido ou tematizado em outra situação, seja através da resposta direta, ou através da posterior interpretação das respostas em comparação umas às outras.

2.4 Construção do Corpus Empírico Qualitativo

Com o que formulamos até esse ponto, já determinamos que o enfoque dado e a expectativa para com os resultados obtidos não é a de um percentual ou uma amostra representativa do todo no sentido populacional, e muito menos um laboratório em contexto natural para entender o processo isoladamente. Não faremos correlações que se tornem visíveis apenas em grandes populações, e não teremos uma coorte dos participantes vendo diretamente possíveis mudanças ao longo do tempo. Não buscamos generalização de conteúdos específicos das falas, mas processos possivelmente generalizáveis de como o fenômeno tema pode emergir em outros contextos específicos, e métodos extrapoláveis para essa busca.

O nosso dado, de maneira mais concreta, vem daquilo que falam os participantes. Mas a produção verbal está longe de ser algo simples e objetivo de se analisar, a começar pelo próprio modo como é construído e como acessamos esse dado, o que seja talvez justamente o que lhe confere alguns de seus potenciais. Por isso é necessário estarmos atentos aos critérios e limites para as nossas conclusões, e dessas, o que é explícito, implícito e interpretado da fala dos participantes. A exposição e interpretação dos resultados adiante não se dá através de uma reprodução comentada do encontrado individualmente em cada entrevista, e nem um relatório individual do modo completo de pensar de cada participante.

Esteve já dito que os dados não existem de maneira independente do pesquisador, e, seguindo a linha de Simão (1989), isso foi levado em conta no próprio planejamento da construção e posterior interpretação dos dados: tanto pesquisador quanto entrevistado agem em relação um ao outro, fazendo interpretações constantes um do que o outro está dizendo e por sua vez também interpretando, continuamente transformando o significado do que o outro disse, usando seu próprio sistema verbal, e o entrevistado transforma seus relatos de acordo com as abstrações, classificações e relações presentes no diálogo com o entrevistador. Então não estaremos “retirando” do entrevistado um conteúdo que está já guardado em si, mas, ao contrário, estaremos conjuntamente produzindo um conteúdo próprio do contexto de pesquisa. Como das outras vezes, mais do que um obstáculo, isso é uma baliza que nos ajuda a nos direcionar e desenhar modos de aproveitar nosso potencial. Como aponta Simão (2020), a própria presença dos questionamentos trazem a novidade ao campo do sujeito, trazendo consciência sobre possibilidades não exploradas de outra forma e suscitando novas questões, não como um teste para respostas “discretas” e esperadas, mas justamente para explorar essa emergência da novidade que está colocada como adaptação ao inesperado no diálogo. Mas

não só o contexto da pesquisa nos traz novidade e adaptação a um diálogo: ao tentar trazer a experiência vivida para um terceiro, temos uma situação inquietante, que esbarra nos limites da compreensão e semelhança com o outro.

A problemática já recebeu alguns tratamentos de diferentes ângulos ao se pensar a linguagem e a comunicação. Antes de voltarmos ao enquadramento da CSC, considero válido explicitar em alguns parágrafos o próprio caminho mental que percorri para entender o tema,, como enquadre tanto de sua relevância e do entendimento que tenho.

Aprofundando o entendimento sobre a dificuldade inerente à comunicação, Roman Jakobson (1985) defende que a mensagem nunca pode ser diretamente expressa em um só movimento, com todas as concepções simultâneas, simbolismos e relações entre suas partes. Criando um exemplo para explicar essa afirmação: ao descrevermos cavaleiro montado em seu cavalo, temos não só uma cena, mas precisamos estabelecer o cavaleiro, o fato de que há um cavalo, e de que o cavaleiro está montado neste e não o contrário. Ao falar que uma bola é branca, temos os termos separados para bola, para branco, e para a bola ser dessa cor, e a mensagem, de algum modo precisa ser decomposta e ordenada em pedaços de modo que o ouvinte possa então acessá-los para reconstruir a mensagem em si, através da noção que tem do contexto e da linguagem. As maneiras linguísticas que podem ocorrer são muitas, e uma linguagem não é apenas um conjunto de regras, mas um conjunto de conjuntos de regras que podem ser usados. Os próprios modos como ocorrem essa transmissão e captação dizem tanto sobre o falante quanto sobre o ouvinte e o espaço em que estão ao se preferir uma linguagem reservada a um contexto ou outro, como o meio acadêmico ou ambientes de intimidade. Também o modo de expressão enfatiza diferentes modos de se entender a mensagem. O que poderia ser uma mesma proposição pode ser construída de modo a passar uma mensagem que enfatiza a característica de um ator (ex: pecador), uma ação (pecar), um objeto (o pecado), ou uma característica (pecaminoso). Mas como então, quem entende uma mensagem, é capaz de entender algo? Como o sentido vem a se tornar uma unidade?

Barthes (2004) aponta que um discurso traz embutido em si diversos saberes e concepções históricas, pessoais, temporais, institucionais, além daquilo que a linguagem não permite ou obriga a dizer (níveis de formalidade ou declinações por gênero e número, por exemplo), sendo estes todos fatores importantes para entender a construção, o funcionamento e a coerência interna do discurso, do mesmo modo em que esse discurso nos diz sobre o contexto desses fatores. Tanto para Grice (1975) quanto para Wittgenstein (1991), cada um à sua maneira, o compartilhamento de outras informações para além da fala serve de base para a interpretação ser possível. Para Wittgenstein (1991), as falas anteriores no diálogo ou o

contexto de quem diz ajudam a definir se uma mesma frase será entendida como uma resposta a uma pergunta ou uma ordem, por exemplo, e, ainda dentro disso, há outras informações e regras implícitas para a interpretação: ao pedirmos que se ensine um jogo às crianças, por exemplo, está implícito que seja o que consideramos um jogo adequado para a idade. Para Grice (1975), também há em cada comunicação vários modos implícitos de como deve ser interpretada, inclusas sinalizações de como a conversa deve ser seguida: quantidade de informação, vocabulário utilizado, veracidade das informações, relação entre as sentenças e as contribuições de cada um. Em uma conversa em que ambos estejam colaborando para o devido andamento da conversa, assume-se ao menos tacitamente que ambos estão cientes e tomando parte das regras do diálogo. Às vezes duas sentenças que pareçam não ter relação entre si podem ser compreendidas como um complemento uma a outra se ambas as partes têm mais informações sobre o tema que as conectem, e seguem o acordo tácito de se referir a essa informação onde será interpretado que o fazem.

Voltemos agora a Boesch(1997), já apontado como referência ao presente trabalho e para a linha em que se insere: para ele, a linguagem não transmite diretamente o que quer expressar, mas “deixa implícito”; assim, a linguagem é capaz de apontar para aspectos da realidade difíceis de se definir, como sentimentos e intuições. A valoração, a conotação, o simbólico, são aspectos inseparáveis de qualquer expressão. A linguagem ser implicacional, “conotativa” mais que “denotativa”, significa também que o seu significado varia de acordo com as situações e indivíduos. Mas, é bom frisarmos, para o autor, como vimos antes, “simbólico” não se refere apenas a um símbolo ou signo e um objeto em separado que é representado por ele, mas se refere a uma dimensão presente em toda ação, inclusive nossa percepção, pensamentos e sentimentos.

De acordo com Simão (2020), que o traz ao CSC a partir de Rommetveit, ao aceitar a participação no diálogo, cada pessoa assume uma responsabilidade epistêmica em construir e providenciar um sentido à sua experiência, e trazer ao diálogo apostando na possibilidade de entender e ser entendido. Dito isto, mesmo para quem está se expressando, a idéia precisa ser de algum modo composta, o que foge ao domínio puramente da linguagem mas é essencial a esta.

A nossa percepção e a nossa memória, como já visto anteriormente, não são a habilidade de recuperar fatos isolados, mas a habilidade de relacioná-los e colocá-los em ordem, seja cronológica ou através de outras relações que possam ter. Brockmeier (2015) aponta que apesar de não haver uma definição comum e universal a tudo que pode ser popularmente chamado de memória, esta se refere a diversos processos diferentes, com três pontos

importantes a serem levados em conta aqui em nosso estudo: (1) lembrar é um processo reconstrutivo e dinâmico, e não um processo mecânico; (2) esse processo dinâmico tem uma dimensão afetiva; (3) a lembrança inclui um tempo próprio autobiográfico e uma localização nesse tempo pode fazer parte da rede de significados da narrativa.

Com o que cada participante trouxe de sua própria experiência na psicologia em nossas entrevistas, como é próprio do CSC, entendemos que as possibilidades são abertas pela análise que o pesquisador faz buscando entender e situar-se diante dos tensionamentos que o diálogo traz a ele sobre o fenômeno-tema de pesquisa. Para meu próprio entendimento, considero a melhor maneira de enquadrar essa concepção de tensão não como algo “afetivo”, mas como a junção das forças que direcionam e transformam, e que em seu todo causa o movimento que buscamos estudar. Retomando Simão (2004), cada participante do diálogo integra a mensagem a sua própria base afetivo-cognitiva, que conseqüentemente também se transforma. As divergências são trazidas e percebidas a partir da própria interpretação possível aos participantes, e a proposta do CSC para a análise dialógica de um conhecimento construído através da interação verbal é examinar as falas que expressem as tensões no diálogo. Assim, o que buscamos, são a novidade, a mudança e o desenvolvimento, não só no conteúdo do que é dito, mas naqueles que participam do diálogo.

Pois então já tomamos a perspectiva de que o diálogo só ocorre a partir de bases comuns entre os participantes e traz embutido um rol de informações e características que lhe são próprias. Com a perspectiva construída nas seções anteriores, podemos ter em conta que perceber essas informações é um jeito de torná-las passíveis de questionamentos, e, ao mesmo tempo, estar ciente de sua questionabilidade é também um jeito de explicitarmos que estão embutidas no discurso. Explicitar essa questionabilidade aqui é um jeito de tentar tornar mais visível enquanto pesquisador um pouco de minha própria base de construção e interpretação dos dados e, ao mesmo tempo, oferecer à leitora material para compartilhar dessa base ao interpretar o presente trabalho.

A começar por um nível mais abstrato: mesmo sendo construída no presente, uma narrativa inclui sua percepção ordenada no contexto do passado e do futuro, e os conhecimentos, sentimentos e valores sobre o próprio passado e futuro são importantes para definir os sentimentos em relação ao presente. Além disso, o próprio tempo e os marcadores de sua passagem, acabam sendo utilizados como categoria de classificação, o que permite diferentes critérios para a construção das narrativas, das identidades coletivas e do planejamento e expectativas futuras. Algumas narrativas, por exemplo, podem apresentar o tempo como linear, como cíclico, constituído de intervalos ou de ritmos. O espaço físico, as instituições e

grupos sociais também podem ser trazidos como definidores e até justificadores de certas narrativas, sendo às vezes apresentados como absolutamente necessários ou influentes porém intercambiáveis com outros em suas características, além de talvez passarem completamente despercebidos. Até mesmo a atribuição de causalidade e agência pode se alterar e ser definidora para a percepção e construção de narrativas. Podemos atribuir causalidades ou a tomada da ação em sujeitos com características profundamente distintas, o que também afeta nosso posicionamento em relação a eles, e isso quando não é a nós mesmos que estamos nos referindo: podemos atribuir um ato a característica natural do universo, feito de grandes heróis, consequência inevitável do caminhar da história, um erro comum, uma moda, a ação coordenada de uma classe de indivíduos a fim de melhorar sua condição, uma escolha individual, ou a conspiração de forças ocultas.

Não poderíamos criar uma lista exaustiva que abrangesse todo o horizonte de possibilidades, evidentemente, e, a lista que segue não se refere às perguntas a serem feitas nas entrevistas, mas faz parte do trabalho de apontar um pouco do fundo de possibilidades de interpretação que se ligam ao que é trazido pelos participantes.

Aplicando ao nosso problema algumas das reflexões trazidas acima sobre características do discurso sobre linguagem, memória, tempo, espaço, e percepção de causalidade e agência, por exemplo, em conjunção com o já apontado anteriormente sobre identidade, relação com o meio social e instituições: Como as psicólogas concebem o progresso da psicologia na qual se inserem? Depende de uma condição inevitável dada pelo objeto de estudo? Do insight de grandes gênios? Da possibilidade que as condições sejam dadas para que o potencial seja melhor aproveitado? Do modo como estão construídas as instituições e o investimento dado? Quem reconhece como ídolos, e que características atribui a esses ídolos? É uma instituição recente, longa acumulação de saberes, conjuntos de tradições? O que espera para o futuro da disciplina? Como avalia as causas para esse funcionamento? Que hábitos institucionais reconhece como importantes, a quem reconhece o direito de nomear e definir o capital simbólico e atribuir valores e funções? Quais entende que são os espaços e posições privilegiados e mais importantes da psicologia (não apenas físicos, mas posições hierárquicas, trabalhos, funções, instituições)?

Com tudo isso, temos ainda questões mais gerais sobre a construção da narrativa, como: entre os fatores que eram esperados pelo pesquisador, quais exclui de sua fala? Quais inclui? Aonde está a ênfase daquilo que inclui? Quais exclui por não serem onde se foca? Em relações que poderiam ser entendidas do mesmo modo, onde vê o foco ou o fator determinante (ex: no psicólogo capaz de realizar a tarefa, ou na tarefa à qual o psicólogo se

presta)? Em especial adaptando para nosso caso: se perguntado sobre como é enquanto psicólogo, sequer traria a relação com a abordagem teórica? Como se vê em relação ao resto do corpo de psicólogas, se num lugar mais central ou periférico de onde são tomadas as grandes decisões, mais central ou periférico quanto à atenção de seus colegas? Onde se exerce o que pretende exercer ou onde se pratica psicologia com qualidade, por exemplo, se é que para a psicóloga em questão tais definições são percebidas ou relevantes, e qual a relevância que tem?

E, não menos importante: que tipo de relação constrói com a diversidade teórica da psicologia? com tantas linhas a se escolher na psicologia, o foco dessa escolha está na opção pessoal por uma em específico, ou na exclusão de tantas outras? Como se relaciona com o que desconhece ou não tem certeza? E com os pressupostos das linhas teóricas? Os assume como dados? Os entende como resolvidos dentro de sua abordagem de escolha? Assume como passíveis de serem resolvidos um dia? Além do que, há de se levar em conta os motivadores que dá para suas escolhas e preferências e o peso atribuído a cada um: são fatores majoritariamente internos das teorias, externos a essas, experiência pessoal, aplicação prática?

Todas essas perguntas e a busca por tal multidimensionalidade do discurso aparecem aqui não como uma adição extra ao objetivo da pesquisa, mas como parte da multidimensionalidade das próprias questões apresentadas no objetivo. Ao optar por nosso método, estamos optando por um método que traga à tona a natureza dinâmica da experiência daquilo que estamos estudando.

É um modo de entender os discursos possíveis, seus simbolismos, sua lógica e coerência internas, mesmo que não tenha uma coerência para observadores externos. O que buscamos nessas entrevistas é expandir nossos próprios repertórios conceituais a partir da troca com um outro que também está falando e produzindo. O objetivo aqui não é procurar erros ou áreas de discordância pessoal com a fala dos entrevistados, e, como já dito antes, não se assume o lugar de observador enquanto lugar de alguém que necessariamente sabe mais justamente o que pergunta aos participantes. Perceber o que nesses discursos tem valor, e qual o valor que tem para quem o traz ao pesquisador, e como estes podem direcionar a prática e a experiência do profissional. Dentro dessa perspectiva, não assumimos uma lógica que os próprios entrevistados não assumem, ao imaginar que todos os participantes concordam entre si, tem uma coerência total quanto a todos os pontos, ou que julgam conhecer e estar absolutamente certos sobre tudo. Às vezes é parte da própria posição da participante a dúvida, a incerteza, a descrença em seus pares, a crença de que algo não pode ser conhecido, ou a sensação de que ideias podem parecer paradoxais e ainda assim serem válidas. Ao supor

demais sobre a visão da interlocutora, ou criar realidade paralela para que encaixe visão desse em sistema racional complexo e totalmente lógico e funcional, corta a possibilidade de contato e diálogo com aquilo que ele propõe e a tensão com nossa própria posição. Por fim, o que buscamos é uma análise idiográfica, o mais aprofundada possível aqui, da lógica operante para alguns participantes e das possibilidades abertas pela análise da linguagem.

Como estratégia de organização e exposição, a análise está construída através do agrupamentos de temas e questões com base no que foi encontrado, de jeito a procurar na fala dos participantes novos modos possíveis de problematizar e responder a nossos objetivos, incluindo neles um relato de entendimentos cabíveis no nível coletivo, e como no nível individual encontram seu funcionamento interno quanto às articulações possíveis dos aspectos tensionais levantados na introdução deste texto. Construir uma análise através de separações como essa significa que foi necessário, conseqüentemente, selecionar trechos representativos onde fosse possível apontar e justificar o que está sendo interpretado. Por um lado, destacamos e agrupamos extratos das falas em que se pode demonstrar aquilo que está sendo entendido, por outro, o entendimento se dá em relação ao todo da entrevista, e trechos em separado indicam mas não esgotam o entendimento.

Por sua vez isso implica trazer as falas dos participantes intercaladas e em ordem alterada das entrevistas para que fossem possíveis de se comparar, perceber seus contrastes e complementaridades, ainda assim tentando impedir que com isso se deixasse perder o sentido maior das entrevistas (ANEXOS A e B), que são sempre mais complexas em seu todo maior, com mais nuances e possibilidades de interpretação que me passaram despercebidas.

O esforço de classificar e ordenar o que dizem os participantes não significa que usamos categorias mutuamente excludentes, hierarquizáveis, ou que ainda apenas o que foi apontado é perceptível apenas na fala onde foi apontado. Dada a compreensão de fenômenos como processuais com que trabalhamos no CSC, através da transformação, considero prático pensar nessa separação como através de “movimentos”, pois não são uma descrição da essência exata e estática de algo que tem falado os participantes, mas modos de se observar a partir de algumas perspectivas diferentes justamente o que tem se alterado, deixando os demais movimentos em menor ou maior evidência devido ao ponto de vista adotado em dado momento.

Se na organização deste trabalho tentei trazer de melhor modo possível à seção 1 a contextualização do autor, da bibliografia e do momento histórico como condições iniciais para justificar e tornar compreensível o restante que se seguiria, o que está adiante como “Corpo de Dados” (seção 3), tenta o melhor possível explicar os movimentos principais que

identifico na fala dos participantes em relação a nossos objetivos com trechos selecionados das falas, os quais nomeei para essa exposição como “*desenhando linhas*”, “*direcionando*” e “*negociação*”, para que na parte subsequente, de “Reflexões”(seção 4), voltemos a aprofundar a discussão de possibilidades de entendimento e organização de nosso campo a partir de oito textos de caráter mais ensaístico, agregados em temas diferentes, tendo por base nossos novos dados.

Daqui partimos para o diálogo com o que nos trazem os participantes.

3. Corpo de Dados

3.1 Desenhando linhas:

Antes de começar a análise sobre como se posicionam com e entre as linhas teóricas, temos que reconhecer que na verdade, a própria definição de quais e o que são as linhas, e o modo de se situar nelas, não é algo imediatamente reconhecível e intuitivo do mesmo modo e para todos.

P2 reconhece uma diferença tão grande entre as linhas que considera que a própria identidade da psicologia acaba se perdendo, em fala que retornaremos mais a fundo depois:

“ é como se todos esses dessem a mão dentro da psicologia para ganhar mais força, então eu, eu vejo mais como um movimento político do que como, ‘ah, isso é uma unidade mesmo’, acho que não tem essa unidade assim, unidade ilusória assim”

...

“eu sou psicólogo, falar mais 15 perguntas para saber exatamente do que tá sendo falado assim né, quando se diz que é psicólogo” (P2)

A outra participante nos aponta uma diferença não só entre as linhas como estão nomeadas, mas também interna a aquilo que está nomeado nessas linhas.

“Muitas vezes as pessoas falam ‘sou psicanalista’, e, tá, eu sou psicanalista, né, mas qual exatamente sua linha, enfim... a gente sabe das diferenças, que não é tudo igual” (P1)

Essa diversidade interna nas abordagens não significa para ela que não haja nenhum efeito direcionador ou utilidade em optar por uma, e, ainda assim, não significa que não haja semelhanças no trabalho de psicólogos de diferentes denominações.

“Eu acho que serve para esse profissional se compreender e se orientar no espaço, né, que você vem de uma perspectiva, né, sei lá, teórica da psicanálise, você tem uma forma de raciocinar sobre os casos, uma forma de orientar esses casos, você tem uma... diferente de compreender os fenômenos, eu penso que serve para você ter uma reorientação global eu diria, mas enquanto profissão o que você vai fazer em relação ao seu colega não é muito diferente, tá, não, porque assim, exemplo, eu sou psicóloga escolar, ou assim, eu tenho uma perspectiva teórica, mas eu vou continuar visitando escolas, eu vou orientar pais, né,

devolutiva. É atendimento para criança, o que é feito acaba sendo igual. Mas isso aí, né, e como a gente compreende ele, mas o meu trabalho em si, a prática, é igual.”

...

“Tô resumindo e usando termos menos complexos, tá. Mas de ir até a escola, visitar a escola, conversar com a professora, né, entender onde a escola não tá escutando esse aluno, onde os pais não tão ouvindo a escola, onde a escola não tá ouvindo... então meu trabalho na prática em si não tem que ser diferente do meu colega, nós temos que fazer a mesma coisa,”

...

(em referência à necessidade de entender o trabalho dos demais em uma equipe e aquilo que foge à teoria e técnica da psicologia) *“Então por isso que o trabalho do psicólogo é difícil. É o profissional que mais tem o lugar estereotipado, mas mais precisaria sair desse lugar, acho que é isso.” (P1)*

Essa perspectiva vem em um contexto a ser levado em conta. Enquanto P2 em diversos momentos se define como psicanalista (e adiante ainda reconheceremos nuances nisto), P1 tem uma posição inicialmente mais complexa ao ser indagada sobre exercer a psicologia desde alguma perspectiva teórica, ligada ao próprio modo em que enxerga que se pode e se deve exercer a psicologia desde uma perspectiva teórica em seus ambientes e aos problemas que lhe surgem no trabalho:

“Essa é uma pergunta que cabe o mundo como resposta, né, porque eu acho que quando o psicólogo tá na clínica ali, né, no trabalho clássico, vamos dizer assim, isso fica um pouco mais evidente, mas, é, quando a gente trabalha no, na institucional, que é o meu caso, e que é também a maior parte da minha experiência profissional como psicóloga, eu percebo que isso fica um pouco mais, um pouco mais desvanecido eu diria assim, né, sem tantos limites, e eu penso que, não só por conta do teórico em si, né, da área, mas porque na instituição se acaba exercendo também vários papéis né, que até te tiram desse lugar de o psicólogo, então eu penso que entra tudo isso aí. “

...

“a complexidade dos casos e a variedade é tão grande que realmente exige que a gente acabe buscando referências também, não sei se para dar conta, né, acho difícil falar isso, porque acho que nosso trabalho não é dar conta, né. A gente sabe disso, mas a gente é cobrado, né, para que a gente dê conta. Mas, eu penso que a própria complexidade, do que chega pra gente das pessoas exige que a gente também saia desse lugar de só ter dois ou três teóricos e

ter uma única referência, eu vou dizer assim. Eu penso que, pra mim, orientação psicanalítica é o que eu me sinto mais confortável, mas não tem como a gente tá no SUS, trabalhando com famílias, e não recorrer à psicologia social, estudar outras coisas, né, conversar com colegas e aprender com eles também. É assim que eu vejo, desde quando eu me formei eu percebi logo de cara, para falar a verdade, eu não ia ser essa psicóloga assim, 'ah, eu sou isso', até gostaria e acho que eu fiquei um bom tempo aí tentando ter uma base assim específica, mas, não é como eu me vejo, não é como eu me sinto confortável também, e eu gosto muito de estudar outros, vários autores da psicologia né, então nunca consegui assim, ter poucos, eu diria, como referência, mas também não consigo ter muitos, né, eu tenho alguns.”(P1)

É bom notarmos, essa visão não aponta uma falta de vontade de ter se encontrado em uma linha teórica ou desgosto por linhas da psicologia, mas um jeito de se relacionar com o que exerce, a partir de onde e como o exerce.

“Olha, eu acho que, eu vou voltar nas microteorias, as narrativas que as pessoas trazem, e da diversidade mesmo da vida, tá, eu acho que ela acaba fazendo com que os profissionais repensem sobre qual perspectiva que ele escolheu inicialmente, eu penso que justamente ouvir dessas pessoas, porque, dos usuários, né, que sejam dos clientes ou dos pacientes, porque a gente lê um caso clínico, proposto por um teórico, é extremamente importante, e acho que se eu pudesse fazer, se não tivesse outras questões como trabalho, pós-graduação, eu faria isso toda semana, que eu adoro, mas você ouvir esse mesmo caso da pessoa que chegou ali na sua frente, você vai repensar muita coisa, você vai imprimir ali também a sua percepção, que é algo que não é só, o se valer do, de quantos casos clínicos você já leu de tal teórico, né, ouvir sempre vai mudar tudo, na minha opinião.”

...

“É, muitas vezes a gente sai da faculdade também muito determinado a seguir um, sei lá, um arcabouço teórico que você com a sua prática vê que não é aquilo, famoso 'a teoria é uma coisa, na pratica é outra', a gente vê assim, que acaba sendo um pouco isso, a gente não é tão diferente dos outros profissionais nesse ponto, mas eu penso que com a experiência profissional, a experiência profissional ela ajuda muito você a se identificar com outras teorias que você não teve oportunidade de ver seja na faculdade ou aqueles que já terminam a faculdade e começam um curso de pós graduação. Muitas vezes você precisa de um tempo um pouco maior para perceber se é aquilo mesmo, ou se identificar com outras teorias, ou, não que você precise substituir, né, tem psicólogos que preferem não dizer que tem uma teoria

específica. O que na minha opinião no institucional, por exemplo, isso é bem cabível, viu, é bem possível eu diria, em alguns momentos vai dar problema, é bem possível, e eu penso que é isso, não é a teoria que vai fazer o profissional psicólogo, né?” (P1)

Fala essa que aponta a possibilidade de que haja algo mais do que a teoria para definir o que é a profissional de nossa área, ou então, ao menos, algo mais do que a inclusão em um sistema teórico específico. Ao ser indagada sobre como explicaria o que faz em seu trabalho para alguém que não é psicólogo, aponta como essa definição vai para além da técnica, mesmo durante o próprio uso da técnica, o que denota uma relação bastante própria com o cenário teórico, e que talvez possibilite essa flexibilidade de adesão a sistemas:

“até nós, né, nós temos muita dúvida do que um psicólogo realmente faz, a gente tá estudando até hoje no final de contas, eu penso que também é por aí, eu sou uma profissional e a gente vai pensar as questões que você tá trazendo, o problema, ou enfim, o que aconteceu com você, a gente vai pensar juntos, eu tenho uma teoria, eu tenho uma técnica, mas o que a gente vai fazer vai ser sempre junto, então eu tenho que pensar para além de uma técnica, porque afinal, preciso trazer o que a pessoa tá me trazendo, eu preciso escutar de uma forma que atinja a ela. Não é só por uma técnica.”(P1)

Interessante repararmos que, apesar de uma relação diferente com a própria definição da psicologia em linhas, e da existência de conhecimentos que não se enquadram tão perfeitamente em uma divisão rígida dessas linhas, a abordagem com a qual P1 mais se reconhece é a psicanálise, *nominalmente* a mesma que P2. Se embasar ou inspirar na psicanálise não pressupõe, por assim dizer, uma relação única final com o conteúdo da psicanálise enquanto sistema, e nem encerrar na psicanálise mesma essa relação.

“Eu penso que é isso, eu tenho estudado mais psicanálise, mas, eu acho que também a questão da atenção básica faz com que a gente estude muito mais de saúde pública e o profissional psicólogo de saúde pública, então a gente acaba, alguns autores a gente não aprofunda tão mais quando mais velhos de profissão. A gente acaba se apegando às questões técnicas do trabalho. Então acho que os autores clássicos confesso que, não é que a gente deixa de lado, , mas surgem outras demandas pra gente se atentar mais que isso”(P1)

Quando indagado diretamente sobre o que é importante para a qualidade do trabalho na psicologia, P2, de sua parte, reconhece entre os fatores a posse de um conhecimento aprofundado sobre uma linha específica e evitar os riscos de misturas incongruentes:

“acho que um bom conhecimento teórico, né? Ah, e eu acho também que o psicólogo ele tem que ter uma linha teórica assim, que oriente o trabalho dele, seja cognitivo, seja psicanalista lacaniano, psicanalista freudiano, tem que ter uma, um direcionamento, acho que, é, acho que não dá para a gente misturar perspectivas teóricas, acho que acaba confundindo” (P2)

O que não significa que, de sua parte, P2 não veja bases comuns necessárias para o trabalho das psicólogas. Respondendo sobre o que é necessário para haver qualidade no trabalho na psicologia:

“Por exemplo, conceito de atenção, conceito de percepção, conceito de memória, conceito de inteligência, de cognição, a psicologia, não sei definir né, mas, ah, questões básicas, psicologias, né. Talvez, conhecimento do DSM, dos, das classificações psiquiátricas, um pouco de medicações”

...

”ao mesmo tempo conhecimento aprofundado em alguma teoria específica, psicanálise lacaniana, cognitiva, gestalt,”(P2)

O que nos traz já nessa dimensão uma possibilidade interessante: não é só uma questão de nos reconhecermos entre uma linha teórica e outra. Temos também nessa relação uma questão sobre concebermos as fronteiras mais rígidas entre uma linha teórica e outra, ou ainda maior ou menor abertura a circular entre os teóricos, e mesmo essa visão é dependente de uma relação com o resto do campo, com o trabalho, as instituições, as possibilidades e vivências de modo geral. Além do que, às vezes os caminhos que entendemos que precisam ser seguidos são comuns ou externos de maneira não-excludente às abordagens teóricas como as conhecemos de maneira mais “tipificada”.

3.2. Direcionamentos:

Com a consideração sobre se as bordas entre abordagens são percebidas mais ou menos rígidas e proporcionando diferentes percursos internos, ou transversais a elas, voltemos ao movimento que era nosso foco no início do projeto, ou seja, sobre aquilo que nos direciona entre as “faixas de trânsito” da psicologia. Esse movimento, a princípio, aparece na fala de ambos e de vários modos; P2, por exemplo, nos traz uma retomada de muitos fatores em seu próprio processo de localização, reconhecendo-se ativo no processo de buscar por tal identidade em momento de escolha de estágios na graduação:

”meio que eu botei as 3, assim, é, psicologia comunitária na institucional, é, psicoterapia cognitivo comportamental, e psicoterapia breve com base psicanalítica, eu consegui as 3 para fazer o estágio, meio que para decidir o que eu gostava mesmo, essa era a minha ideia, né. E, acho que foi nesse processo que eu decidi mesmo pela psicanálise” (P2)

Nesse esforço, busca por encontrar na experiência prática tal identidade, mas, ao mesmo tempo, reconhece que talvez se as experiências fossem diferentes, sua opinião também pudesse ter sido:

“ achava interessante ouvir deles, mas eu mesmo, não tive, não achei uma experiência, foi legal mas não foi legal como eu gostaria. Talvez, se eu tivesse tido uma experiência, eu teria tido outra visão, mas, pela experiência que eu tive no estágio eu num, num achei muito legal assim a, ai acabei me afastando um pouco da psicologia social assim ”

...

“ eu sempre achei muito legal a teoria comportamental behaviorista, né, mas, só que eu acho que tinha um entrave ali na hora da prática” (P2)

Se P2 está reconhecendo a importância da experiência pessoal para a formação acadêmica identitária, essa experiência não se dá apenas na relação da teoria com a posição de psicólogo atuante ou estudante. É interessante, porém, percebermos um dos fatores de distanciamento com a análise do comportamento que causam esse “entrave”:

“Aí que era o problema para mim, ai entrava exercicios, umas certas dinâmicas, ai eu já não achava muito legal que eu achava muito diretivo assim, é,

enquanto na psicanálise não, bastava esse, né, não é tão simples assim, né, o sujeito tem consciência do que se passa com ele. Eu me sentia mais confortável com a psicanálise porque eu não me sentia nessa posição diretiva.” (P2)

Mas essa relação com a diretividade na psicologia já lhe havia anteriormente sido importante em outras experiências que precederam a realização desses estágios, inclusive experiências que possuíam caminhos alternativos. Ao contar sobre seu próprio processo de análise, com psicólogo cuja abordagem desconhece, diz:

“ eu achei muito, extremamente diretivo, eu saí muito mal de lá, me sentindo culpado, porque que eu não fiz, e com o outro analista lacaniano, que foi minha segunda terapia, não sentia nem um pouco direcionado assim, e, eu ficava muito intrigado assim, porque ele falava muito pouco e fazia o corte das sessões, bem lacaniano, e eu não sabia o que que tava acontecendo ali mas eu queria voltar, tava me fazendo bem, e, acho que eu ficava intrigado com a minha análise, que falava tão pouco, corta a sessão de repente e eu sinto que faz um efeito bom em mim”

...

”Claro, a gente lê muita coisa, mas acho que assim, o mais forte são as experiências mesmo, a forma como eu atendo e a forma como eu sou atendido, tanto por esse primeiro psicanalista quanto por essa segunda que eu to agora” (P2)

A psicanálise parece ter para ele o seu diferencial não apenas no poder de explicação teórica, mas na capacidade em alcançar seus objetivos, que incluem o sentir-se bem tanto quanto analista quanto analisando.

P1, que relaciona em grande parte seus direcionamentos atuais às experiências profissionais, quando perguntada sobre o que leva alguém a escolher por uma abordagem antes de ter começado a atuar, inclui esse caráter subjetivo do reconhecer-se e a sensação de segurança que ele traz:

“não consigo pensar em algo diferente do se sentir confortável, se você não tem muita experiência, afinal o que faz a gente se sentir seguro no trabalho, acaba sendo uma teoria, é o que você sabe, se o como, sei lá, que seja, né, o que você sabe é a teoria, eu penso que você vai se valer, né, enfim, para conseguir atender alguém, conseguir fazer um trabalho que você pelo menos tenha a intenção de ajudar.” (P1)

Mas não é aí que acabam as falas sobre relações entre experiência subjetiva e abordagem. Para P2, a troca com um grupo de amigos, e posteriormente com uma instituição, lhe foi igualmente relevante para descobrir-se como o que vai definir como um vir-a-ser lacaniano, o que parece ocorrer tanto pelo lado afetivo e motivador de se acompanhar um grupo de amigos, quanto pelo lado de ter uma mediação social com quem trocar ideias para compreender o funcionamento maior da linha teórica, da atuação e das instituições de psicanálise lacaniana.

“o instituto baseado na psicanálise lacaniana, então eu, eu junto com mais 3 colegas, a gente foi, né, nessa primeira aula, e, acho que eu já tinha visto uma coisa ou outra de Lacan assim, mas, aí, aí fomos nós 4 né, foram duas meninas, eu e mais um cara, aí essas meninas não foram, eram 4 aulas né, elas não foram na segunda, aí esse meu colega continuou junto comigo, aí acho que, a amizade foi um fator assim, né, tinha amizade com eles, só que, aí ele continuou alguns módulos, ele saiu e eu continuei fazendo outros módulos lá” (P2)

Essa influência de amigos e instituições em nossos direcionamentos, significa que há conseqüentemente uma influência de como estão desenhadas tais instituições e círculos que frequentamos. A outra participante, P1, pondera sobre isso no modo em como se direcionou, o que é um impacto sobre os estudos, incluindo direcionamentos pela falta de certas oportunidades:

“Às vezes a gente tem poucas oportunidades, né, no curso, embora a gente tenha o mundo de autores na psicologia, mas a gente vê alguns, a verdade é essa. Aí depois com a sua prática, no tempo que você tem experiência de profissional e pessoal você vai se identificando com o outro. “
(P1)

E, lembrando que não tratamos apenas daquilo categorizado apenas em uma ou outra linha teórica maior; percebemos na sua fala um relato não só sobre como a ausência de experiências específicas pode ser relevante para nossos direcionamentos, mas também sobre como a ausência de áreas de estudo e teorias específicas também se faz sentir. Nem por isso as ausências em nosso percurso deixam de ser relevantes (e passíveis de serem ativamente buscadas) em contextos posteriores, como exemplifica a seguinte fala:

“Bom, atualmente né, to bem envolvida com neuropsicologia, porque eu trabalho no centro de convivência onde a maior parte das pessoas tem deficiência intelectual, esse espaço ele vai se transformar num centro de reabilitação, e, há uns cinco anos, eu também atuo como psicóloga escolar, mas, qual que é a ideia, né, é justamente o contrário, é pensar como muitas vezes a escola, os médicos, nós psicólogos, adoecemos as crianças, então eu fui fazer neuropsicologia para tentar desconstruir isso, justamente pela via contrária eu fui atrás da especialização, e gostei muito, acho que tenho muitas contribuições aí especialmente num centro de reabilitação, e eu buscaria que é o que vai acontecer a partir do mês que vem, o curso de reabilitação cognitiva, eu ali, é mais uma técnica, o conhecimento mais técnico da psicologia que eu percebi que faltou muito na minha formação” (P1)

Em trecho a seguir podemos reparar como aquilo que se faz presente pela falta acaba se pronunciando através de diferentes dimensões; seja através do gosto pessoal, seja através de uma necessidade prática do trabalho, seja através de uma conjuntura econômica que proporciona um certo funcionamento interno entre aquilo que será ou não ofertado:

“Bom, sempre gostei de neurociências em geral, né, acho que a neuropsicologia foi uma forma de trazer o conhecimento das neurociências para o meu trabalho prático. Mas, eu gosto muito de estudar sobre memória, tentar entender um pouco mais ali e tornar um pouco mais, acho que possível, a questão da variação psicológica e neuropsicológica também no serviço público, tá, porque eu, bom, vejo que é extremamente necessário mas, a gente sabe que são avaliações caras, a gente sabe também no grande problema que é, o quanto isso tem em outros espaços, né, tem prejudicado também pacientes, crianças, e, ser muito taxativo”

...

“Porque não núcleos de estudo e grupos de estudo que podem ser formados por profissionais mesmo, colegas que se conhecem, que fazem esse trabalho, é... o problema assim que eu vejo também, é que isso acaba tendo um ônus, acaba sendo difícil pagar, muitos grupos de estudo exigem que você pague como um curso, e muitos profissionais também não dispõem desse valor, então eu penso que talvez propostas assim meio que, sem ter essa ideia do pagamento, que seja gratuito” (P1)

Nesse ponto, considero pertinente apontar a minha própria base de entendimento para tal fala, pois a considero análoga a discussões que frequentemente presenciei trabalhando na atenção básica. O ponto geral, é de que é comum que as graduações não aprofundem ou completamente ignorem diferentes discussões sociais, técnicas psicológicas e até mesmo o estudo de diagnósticos que, todavia, se fazem quase onipresentes no trabalho em atenção básica, ficando a cargo do profissional buscar por cursos de aperfeiçoamento, que, no entanto, usualmente cobram valores muito acima do que poderiam dispor os psicólogos que trabalham no Sistema Único de Saúde (SUS); ao mesmo tempo, os psicólogos que acessam essas formações, comumente atendem em espaços privados cobrando valores proibitivos para a maior parte da população atendida pelo SUS (até mesmo para poder pagar por essas formações). As respostas encontradas pelos colegas variam enormemente. Alguns que têm acesso a profissionais ou serviços especializados na rede em geral preferem encaminhar esses atendimentos, com alguma frequência gerando grandes filas; outros recusam tais atendimentos, dizendo não ser de suas atribuições, capacidade, ou, às vezes, abordagem; outros ainda recorrem a trocas com colegas (muitas vezes fora do horário de trabalho) e à pirataria digital para buscar o que sua formação não contemplou; mais alguns, como nossa participante, conseguem entrar em cursos que lhe são acessíveis.

Também P2 reconhece como determinante para a nossa relação com o cenário teórico algumas dinâmicas institucionalizadas. Em fala a seguir, aponta para o modo como é transmitido o conhecimento, a quem e em quais situações ele será acessível, como profissional ou como paciente:

“muitas vezes os professores não facilitam muito também esse acesso a, acho que ser mais didático assim no ensino, ser mais acessível às pessoas assim, sabe? É, e isso, que assim, o que eu penso assim né, que, assim, pensando nos lacanianos assim, se eles acham que a psicanálise é algo interessante provavelmente eles acham que é a melhor abordagem que tem, por isso estão usando, obviamente mergulhados nela, né, se supõe que se chegar, se a psicanálise chegar ao maior número de pessoas melhor será. Mas eu acho que tem pouco acessibilidade assim, acho que tanto no ensino né, de formar novos psicanalistas, pra psicanálise atingir mais pessoas, quanto talvez uma elitização também da psicanálise assim, então, é, acho que tem até alguma resistência aí no começo do, pelo menos a escola brasileira de psicanálise, né, que eu to acompanhando mais né, é, em atendimentos online, né, tiveram muitas discussões em cima disso assim, e eu não achava que, achava que, claro, atendimento presencial é diferente do online, não achava que era pra tanto assim, pra tanta discussão,

achava que é uma maneira de muitas pessoas acessarem a psicanálise, e, é, eu, assim, eu to criticando mas ao mesmo tempo eu acho que houve uma mudança também com a questão da pandemia, ficou mais acessível assim, projetos novos surgiram, de atendimento online, gratuito, valor social, então, é, acho que assim, é questão do, da divulgação também da psicanálise de uma maneira que essas pessoas entendam também né, então o... Eu acho legal ter canais hoje, Christian Dunker, tem pessoas que conseguem divulgar a psicanálise assim, é, claro, tem que ter uma preocupação em manter o rigor teórico, mas, acho que assim, acessível a quem quer se formar como analista, e acessível aos pacientes também, acho que mais isso mesmo” (P2)

Como contexto para a fala anterior, é importante lembrar que as entrevistas ocorreram online durante o ano de 2021, então creio que ainda era fresca à maioria dos profissionais atuantes no campo a memória das discussões que surgiram sobre o trabalho remoto. Muitos profissionais que antes trabalhavam apenas presencialmente, nesse momento, se redirecionaram, e alguns não têm previsões de voltar ao trabalho presencial mesmo após o fim da pandemia, incluindo nisso o autor dessa dissertação. Mesmo o público que acessa esse trabalho, e a relação que tem com esse trabalho, foi alterada nesse meio tempo. Não temos como esgotar na presente dissertação os entendimentos das mudanças que a pandemia ocasionou ou ainda irá ocasionar na psicologia, o que provavelmente ainda será fruto de reflexões e reelaborações coletivas por alguns anos.

Um detalhe a não ser perdido da fala de P2, anterior, é o de que ele entende que a escolha por uma abordagem tem seus ganhos, mas que de certo modo, também se relaciona a como vemos a valoração relativa entre as abordagens. Como veremos a seguir, isso não exclui de P2 o ato de refletir sobre como essa escolha em si direciona a maneira de vermos o mundo, inclusive a si mesmo. Ao falar sobre a utilidade de priorizar uma abordagem, diz que é:

“para você ter uma lógica de raciocínio na sua cabeça, acho que uma lógica tão forte a ponto de ser quase que natural, espontâneo, essa forma de ver o mundo, de pensar”

...

“acho que, se a gente usa várias abordagens diferentes, uma vai entrar em contradição com a outra, e a gente não vai conseguir agir de maneira efetiva em uma direção”

...

“Então, se eu disse que todas têm a mesma qualidade eu vou estar mentindo, acho que,

quando a gente começa a estudar uma abordagem, acho que naturalmente a gente acaba tendo críticas em relação a outra, né? E, por exemplo, estudando psicanálise não tem como a gente não ser crítico à cognitivo, mas é claro que partem de pressupostos diferentes...acho que, né, se eu entrasse na lógica, né, ah, acho que ver a teoria comportamental a partir da lógica psicanalítica é uma coisa, né, ver a teoria comportamental dentro da teoria comportamental, teoria da gestalt dentro da, da perspectiva, né, é diferente, né?”(P1)

Já vimos anteriormente como para P2, a psicanálise pareceu uma opção válida, mas escolher por essa opção só foi válido a partir de uma estrutura de pressupostos e valores anteriores que consideravam válidos os pressupostos da psicanálise. A escolha pela psicanálise enquanto teoria balizadora deste conhecimento que ele mesmo irá aprofundar não é defendida como se fosse uma linha qualquer intercambiável pelas demais. Se reconhece que seu próprio percurso foi atravessado por experiências pessoais e únicas com analistas e amigos, também aponta que há na ética algo que não está apenas nas linhas teóricas, mas que, dentre suas possibilidades, a psicanálise como instituída é mais propensa do que outras linhas, como a comportamental ou TCC, a se adequar à ética que procura.

“Eu acho que assim, a minha visão, tá, eu acho que a ciência é capaz de dizer se algo é verdadeiro ou falso dependendo do que ela quer, é, ela consegue dizer o que é o verdadeiro, o que é o falso, né? mas ela não consegue dizer o que é o certo e o que é o errado.”

...

”eu acho que tem pouca crítica em atender essa demanda e falar ‘tá bom, vamos trabalhar junto para você ir melhor nessas provas’. Eu acho que tem algo antes. Porque você precisa ir bem nessas provas, porque você escolheu esse curso, né, tem um questionamento antes assim, a gente não sai comprando a demanda do paciente e vamos atender essa demanda, a gente problematiza antes também, acho que a psicanálise faz muito isso, é, e, acho que o que me atende é isso, assim, é, eu me sinto confortável com a psicanálise, é, claro, a gente pode de repente dar um deslize e acabar direcionando o paciente, botar um pouco do nosso preconceito, mas acho que a psicanálise corre menos esse risco, corre o risco em tudo, mas, acho que de deixar o paciente falar, não direcionar ele,”

...

“a cognitivo-comportamental né, eu acho que quando a gente faz tarefas para o paciente, enfim, essas coisas que propõe, né, a gente corre o risco de tá direcionando o paciente para um, eu acho que existe pouca crítica no que tá sendo feito, o que que a gente quer atingir, eu

acho que quando se quer atingir um resultado muito claro, desconfio, eu sinto uma teoria pouco crítica”(P2)

Se ambos parecem descrever um processo parecido ao trazer a importância de uma escuta livre do esforço consciente de enquadrar o que se ouve no que se conhece teoricamente, o modo e o lugar da teoria que cada um descreve para essa escuta são diferentes. De seu lado, P2 traz em suas falas um desejo por uma segurança na identidade de psicanalista lacaniano através de alguns critérios, e, como dito antes, considera importante uma dada fluência no modo de pensar da linha seguida de modo em que esse venha de maneira espontânea, imbricada em sua visão de mundo frente ao caso que se apresenta. De sua parte, P1 traz como o trabalho na prática excede não só os outros saberes técnicos que não estão categorizados em abordagens (que já apontamos antes), mas também a prática mental de buscar teorizar sobre o que encontra, propondo que é necessário para a prática aprender um outro jeito de pensar e focar mais voltado à escuta que à teorização:

“tudo que a gente é enquanto profissional, são esses autores que vão formando a gente ao longo do tempo, né, mas muitas vezes, é, essa escuta mesmo que a gente precisa ter, né, dos usuários e, eles na simplicidade do que eles trazem, e na complexidade também, nas situações difíceis, muitas vezes precisa de duas ou três semanas para a gente só ouvir e entender o que que tá acontecendo, tá? Eu acho que às vezes não são os autores logo de cara que vão fazer a gente pensar ali ou na, logo de cara né o que a gente tá ouvindo mas, eu acho que às vezes, não gostaria de usar a palavra atrapalha, mas eu acho que às vezes a gente tenta esquecer um pouco.”(P1)

Retomando as falas anteriores, podemos olhar o lado contrário desses movimentos de ter nossa opção teórica sendo influenciada pelo círculo social, pelas experiências e expectativas prévias, pelas dinâmicas e fluxos institucionais em que nos inserimos, entre outros tantos fatores, o que não deve ser perdido é que também a opção por uma abordagem teórica vai nos direcionando a novas expectativas, novas instituições, novas trocas, e assim por diante. Sejam cursos de aperfeiçoamento naquilo que nos faltou e é exigido para a prática, seja a entrada em cursos de aprofundamento em algo que já nos reconhecemos; seja a selecionar respostas às demandas que nos estão colocadas, seja a priorizar demandas que nos são acessíveis.

E com tal reflexão, podemos reparar que em momento auto-reflexivo, P2 mantém a

possibilidade de que nem tudo seja já perfeitamente abarcado pelo modo de ver o mundo da abordagem escolhida.

"A psicanálise funciona perfeitamente para quadros de neurose, né, mas, acho que o que tá fora da neurose ainda tem muita coisa pra desenvolver ainda. A própria perversão também, as estruturas clínicas, né, a perversão, e psicose, o autismo, acho que ainda, deixa a desejar mas...é...não sei se as outras abordagens também atendem assim, tá todo mundo correndo atrás de, disso assim"(P2)

3.3. Negociação:

Agora carece mudarmos levemente o ponto de vista novamente, pois nas entrevistas há uma outra dimensão a se focar que não estava abarcada pelas subseções anteriores. Até aqui poderia parecer que estamos tratando de como a opção teórica é escolhida para responder a outras necessidades que lhe precedem, talvez com a inclusão de como direcionarmos nosso funcionamento e necessidades para que fossem respondidas pela opção teórica.

Esses movimentos podem ser vistos em algumas falas anteriores, mas, de fato, nunca excluimos a dúvida, o desconhecimento e a incongruência do nosso modo de conhecer enquanto humanos, inclusive dos modos de conhecer nossa própria ação. Com outros, precisamos pensar nossas dúvidas, negociar, trocar, discordar, entre tantos outros modos de lidar com o conhecimento e a ação conjunta.

Pode não nos ser desejável, mas é possível em livros teóricos nos restringirmos a afirmar categoricamente, apontando apenas aspectos que queremos tematizar, sem reconhecer diretamente sequer as dúvidas sobre como chegamos a algumas afirmações. Em nossa vida cotidiana, ainda que atuando sobre o cenário que encontramos e possuindo certeza de certas afirmações, elas precisam se haver com a imprevisibilidade e impossibilidade de controlar totalmente o que vem adiante (e a prática psicológica é o trabalho da imprevisibilidade e descontrole por excelência). Uma dada visão teórica é sempre uma forma mental de intermediar nossa ação conectando aquilo que já nos veio àquilo que se apresenta agora. Assim, nossas opiniões estão sempre em construção, sendo testadas enquanto adequadas a um mundo que se apresenta e precisando se readaptar a este, ainda que no processo de se fortalecerem como convicções. Às vezes precisamos adequar nosso modo de agir para estarmos em conformidade com o que prescreve uma abordagem teórica, às vezes encontramos para além da abordagem já adotada a resposta sobre como devemos agir.

Mas não entendam esse parágrafo anterior como um limite, afinal, o que seria da psicologia se para pensar em toda a gama de cenários que encontramos hoje tivéssemos nos restringido às teorias de Christian Wolff, escrevendo tratados de psicologia no início do século XVIII em território que ainda viria a se unificar como a Alemanha, ou a tratados de autores ainda anteriores a esse?

As relações entre teoria e prática, entre nossa identidade e nossa experiência, o que percebemos como nossa ação e como nosso objeto, nossa vontade e nosso objeto, são, por esse ponto de vista, sempre uma negociação entre o que cada lado prescreve e o outro descreve.

P2, por exemplo, reconhece um limite para a teoria vista sem uma prática até mesmo como motivador para a necessidade de tomar uma posição teórica, fazendo-o refletir sobre aumentarmos e adiantarmos a prática na formação:

“a partir do momento que surgiam problemas na prática e que, né, agora, não tem mais jeito, vou ter que resolver isso daqui, vou ter que recorrer a uma teoria. Então eu acho que desde o primeiro semestre já tivesse que ter alguma... não que o psicólogo... não que os alunos tivessem que intervir porque ainda não estão preparados, mas é, eu acho que talvez, trabalho de observação” (P2)

Mas o próprio significado de ser de uma abordagem precisa ser problematizado, pois não é o mesmo para os dois participantes. Se P1 traz como critério para a adoção de uma identidade teórica o conforto e a segurança para uma atuação com a devida intenção de ajudar, junto à prática e estudo dentro dessa abordagem, P2 tem já outros critérios, talvez mais rígidos, que incluem a aceitação do campo e saber o suficiente daquilo que está estabelecido para essa linha. Essa diferença entre o conhecimento teórico, a atuação, o desejo, e a identidade relacionada a abordagem, abre a possibilidade de uma zona de incerteza na qual se pode alcançar os critérios para se enquadrar em uma identidade enquanto se prioriza a busca pelos critérios de outra;

“eu me considero psicanalista lacaniano, só que eu não me sinto confortável para dizer assim, expressamente assim, né, como alguns colegas meus eu percebo que tem essa dificuldade também porque eu percebo que é muito difícil nos canais lacanianos, não sei se essa é sua área também, né, mas, é uma área bem difícil né, acho que é difícil falar psicanálise lacaniana porque tem muita coisa para eu saber ainda, muita coisa para conhecer, é uma área bastante complexa. Então psicanalista eu me sinto mais confortável. Para mim mesmo eu sei que não é psicanálise de uma maneira geral, é uma psicanálise lacaniana, né?”

...

“eu me considero um vir-a-ser Lacaniano, não é que eu simpatizo, eu quero me tornar, mas eu não me sinto confortável para dizer que eu sou ainda, né”...”ser Lacaniano quando eu quero dizer isso, é ter um conhecimento suficiente para poder afirmar, entendeu?”

...

“ São os 23 textos da metapsicologia freudiana eu li umas duas vezes assim, então assim, a essência do freud eu entendo, tudo que ele fala eu consigo associar com a metapsicologia, eu não fico perdido ”

...

“eu sei do Lacan do simbólico, né, inconsciente estruturado como linguagem, só que o último Lacan, dependendo da teoria, clínica do real, eu não, tenho pouquíssimo conhecimento, então acho que é isso, não tenho conhecimento do todo, não tenho segurança para dizer que eu sou lacaniano. Freudiano eu já tenho”(P2)

Não podemos esquecer que P2, diferentemente de P1, frequenta instituições lastreadas justamente na identidade de “psicanalista” e “lacaniano”, estando em contato com os critérios adotados por essas e sua posição precisando ser negociada nesses termos. Não é somente enquanto profissionais individuais tentando abarcar nosso objeto de trabalho individual que entramos no âmbito da negociação. Voltando agora à fala de P2 sobre a identidade da psicologia enquanto única ser uma ilusão, podemos reparar que, para ele, essa unidade tem um caráter político, para se fortalecer enquanto uma instituição:

“é juntar forças assim, talvez falar “somos psicólogos” é todo mundo dar a mão, não tem tanta valorização social desses profissionais, é como se todos esses dessem a mão dentro da psicologia para ganhar mais força, então eu, eu vejo mais como um movimento político do que como, “ah, isso é uma unidade mesmo”, acho que não tem essa unidade assim, unidade ilusória assim” (P2)

P1 aponta a necessidade da psicologia como um todo de competir com outras categorias e instituições por um mercado comum, e dentro disso está a habilidade de negociar seus modos, se explicar e justificar:

”a gente sabe que tem essa questão, da extensão das terapias, de ficar muito tempo com o paciente, as pessoas querem resultado mais rápido, né, enfim, então eu penso que os coaches eles vieram aí para preencher, né, essa lacuna, que as pessoas veem que pode né, resolver rápido. Eu não acho que a gente tinha, a gente, digo, psicólogos, teria que propor terapias mais rápidas, mas será que a gente não fica um pouco distante dos pacientes quando a gente explica como funciona, ou então, será que de repente a gente não demora muito mesmo? Será que tem essa necessidade? Eu penso que é por aí né, então essas terapias diversas, elas vão

encontrando nichos, elas vão encontrando nichos não só mais ali na questão do capital, sim, obviamente tem isso, mas também tem do nosso lugar como psicólogo que ainda a gente tem sim uma distancia das pessoas, a gente não explica pra elas como funciona, o que é nosso trabalho”(P1)

E isso é sentido internamente mesmo entre psicólogas, às vezes encontrando como resposta o distanciamento daquilo que é diferente:

“talvez a gente tenha um pouco de dificuldade ainda de conversar com os outros profissionais, mas a gente tem muita dificuldade de conversar com a gente mesmo, né, da nossa área. Porque vem dessa coisa de formação de ‘ah, eu vejo dessa forma, vejo daquela’, e acaba com que a gente também se afaste, então a gente teria que pensar em possibilidades de como esses profissionais podem, mesmo tendo orientações teóricas diferentes, diversas, como eles poderiam conversar mais né, e aí quando eu falo com a gente, eu também me incluo né”(P1)

Talvez em parte a partir dessa necessidade que P1 gostaria que fossem instituídos espaços para a troca com mais profissionais, abarcando as diferenças teóricas e, em especial, de experiências práticas.

“onde profissionais possam, é, discutir juntos ali, né, e trazer um profissional diferente para liderar, sei lá, que seja uma discussão de caso né, enfim, eu acho que estar sempre em contato com outros profissionais, isso ajuda muito. Cursos, cursos a gente tá sempre fazendo, mas eu não acho que é o curso que vai fazer com que a gente cresça profissionalmente, eu pelo menos conheço profissionais que tão sempre fazendo muitos cursos, estudando, mas muitas vezes não conseguem mudar muito a prática né. Então acho que são esses espaços coletivos em que a gente consegue estar com outros profissionais e, trocando experiências, penso assim.”(P1)

Mas novamente não podemos desconsiderar a diferença de percursos entre ambos os participantes. P2 se encontra em espaços de discussão e estudo conjunto dentro de sua abordagem teórica, com todas as variações internas que existem nessa abordagem, e seu percurso profissional parece se pautar até aqui muito mais por esse tipo de instituição do que o trabalho em serviços públicos. P2, como sabemos, percebe uma diferença possivelmente irreconciliável entre as abordagens teóricas, e se questiona se talvez não fosse melhor instituir

essa diferença em uma ruptura, talvez preservando algumas bases comuns que são externas a cada linha:

“acho que na psicologia é muito gritante assim, a diferença que tem de uma teoria para outra assim, né... e...é, não sei assim, se talvez, algum dia, não seria bom a gente separar assim as... talvez as graduações “

...

“É, então, só que eu acho que, aí é que tá, talvez é a parte só que, aí se perde é.... se perde essa coisa da psicologia de estudar antropologia, sociologia, a visão de mundo assim, de ter menos preconceitos, enfim, de... É, uma visão mais humanista de mundo acho que se perde quando se separa assim né, é, na na psicanálise a gente não vai estudar isso, antropologia, sociologia, enfim, talvez pudesse separar os cursos mas trazer essa questão da sociologia, da antropologia, junto com, é... e também, questão de memória, percepção, psicologia básica assim pra, pra cada um desses cursos isoladamente. Acho que colocar tudo no mesmo pacote acaba... a gente não se aprofundando em nenhuma teoria assim, e sendo obrigado a começar tudo de novo estudando aquela teoria isoladamente assim.”(P1)

Contudo, P2 também aponta como em sua própria determinação teórica, precisou se haver com críticas à psicanálise, vindas por parte daqueles que subscreviam a outras abordagens, o que o redirecionou internamente dentro da própria psicanálise.

“A questão do Édipo achava muito rígida, assim, o, o jeito como ele falava, até, a teoria da psicologia social, tinha um professor muito crítico assim, e ele falava, essa coisa do Édipo é coisa de família burguesa que não considera a história, e eu ficava com essas coisas na cabeça assim, mas, não consigo rebater esse argumento, realmente, mas acho que quando eu comecei a ver o Lacan começa a ver a coisa de um jeito mais amplo, o Édipo não é baseado nas figuras, papai mãe filhinho, é nas estruturas, função materna, função paterna, falo, enfim...”(P2)

Pouco citado até aqui, mas não menos relevante, é o fato de que a psicologia não tem que se haver com disputas e pressões exclusivamente internas, por mais cindida (ou diversa?) que esteja. Já vimos que P1 também reconhece uma disputa de mercado com instituições externas à psicologia, ou abordagens que às vezes pleiteiam o mesmo espaço interno à psicologia e são adotadas e defendidas por alguns psicólogos. A partir disso, traz reflexões

sobre o que seriam critérios para incluir ou excluir técnicas e teorias na psicologia, o que para ela passa por uma ética e um critério de embasamento teórico e experiência prática:

“Eu acho que tem aquela, é, o que a gente, né, meio que se pauta ali até na ética, mas, se é algo que a gente sabe que vai prejudicar o paciente, né, enfim, claro que isso principalmente se a gente já trabalhou um bom tempo a gente sabe logo de cara, olha, acho que isso não vai ser bom, mas tirando isso, tirando a ética, o que mais? Não sei, é uma teoria, alguém que estudou sobre, as vezes é um psicólogo né, que sei lá, escreveu, estudou sobre aquilo, tudo bem, algumas das vezes você vê que falta ali uma, teorico tecnico, vamos dizer assim, não sabe o que falta, e às vezes é só uma ideia por cima ali, mas, não sei o que realmente precisa para ter um critério de exclusão, isso é psicologia ou não é”

...

“Eu sei como surgiu o teórico, tem muita coisa que faz sentido sim, baseado em filosofia e em psicologia, mas quando algo se expande para muita diversidade, né, aí eu já me preocupo, claro, se tem o exemplo da constelação (familiar) que eu lembrei agora porque tá na moda mesmo, né, já acredito que faz uns bons anos, mas acredito que entra na questão do coach que a gente se preocupa assim que não tem tanta certeza que elas vão ter experiência profissional, ou elas não sabem o raciocínio, né, clínico, né, do que é uma questão, problema, ou que seja, que a pessoa traz, então a gente sabe que isso tem uma implicação grave“ (P1)

Levando em conta a dinamicidade do que se abstrai de todas essas falas anteriores selecionadas, vamos então expor algumas das reflexões que estas possibilitam e voltar a reconstruir, a partir do diálogo com os participantes e com demais autores, seletivamente interpretados, considerações sobre o que temos estudado.

4. Reflexões

4.1: Redefinições e novas questões

Ao discutir o desenho metodológico do presente trabalho, aponte algumas tantas características que ao mesmo tempo estabeleçam os limites e ofereçam potencialidades de construção e entendimento de nossos dados. Temos agora uma a mais, que é a existência de características em comum entre os entrevistados.

Ambos fazem parte de algumas mesmas tradições, em um mesmo momento histórico, país, e, mesmo que ocupando papéis e posições diferentes dentro de diversos espaços, entre eles a psicologia, fazem parte do que esses espaços apresentam como possível. Ambos lidam com expectativas difusas da sociedade e dos pacientes do que deve ser capaz de fazer uma psicóloga, e com o que se propõem nossas colegas, mesmo aquelas a quem nos contrapomos.

Uma outra semelhança a notarmos que é consideravelmente específica daqueles que foram entrevistados é que não apenas acessam os conteúdos de seu trabalho através da fala, mas entendem em sua abordagem o “simbólico” e o “narrativo” como uma parte daquilo que é o conteúdo primário deste trabalho. Talvez isso gere algumas convergências no modo de observar a própria trajetória, e fica em aberto aqui como seria a entrevista de psicólogos que, ainda que trabalhando através da fala e dando alguma ênfase para o simbólico, se baseiam em visões das descritas como mais “materialistas” na literatura trazida na introdução do presente estudo. Será que, se partissem de tradições diferentes da psicologia em como observar e compreender o humano, apresentariam uma observação e compreensão essencialmente diferente de si? Justificariam de modos diferentes sua trajetória?

Do mesmo modo, a rotina de ambos os entrevistados preserva algumas características comuns entre eles, como por exemplo um trabalho que é visto por eles primariamente como aliado à demanda de um atendido, e não no jogo de prioridades e demandas de um grupo de pessoas que está negociando internamente suas questões, e também não declaram um compromisso a um contratante para que opere serviços com interesses diversos dos daqueles com quem trabalha diretamente.

Porém, não são apenas semelhanças que percebemos: no descrever de seus posicionamentos, e, mais importante, das trajetórias até tais posicionamentos, os entrevistados trazem cenários em que algumas diferenças se sobressaem através da comparação. Concomitantemente, existirem essas diferenças explicita também existir algum território em comum para que sequer possa haver tais comparações.

Através dessas comparações, podemos trazer agora alguns novos modos de questionar e entender o que estamos estudando.

No início, este projeto centralizava majoritariamente o direcionamento entre uma linha teórica e outra, e a relação desse direcionamento com demais direcionamentos na vida profissional, incluídas aí as psicólogas que não se reconhecessem em uma abordagem específica. Ainda na revisão bibliográfica e no diálogo com os autores trazidos para nossa contextualização, essa relação já estava consideravelmente mais complexa do que pode parecer quando colocado nestes termos, mas ainda majoritariamente dentro de linhas de pensamento que davam por certas as separações da psicologia através de fronteiras compreensíveis e bem delimitadas. Ambos entrevistados trouxeram em suas falas considerações que, para serem entendidas com mais profundidade, necessitam sair ao menos um pouco dessa lógica, e alguns “pontos-cegos” do que estávamos esperando se tornam evidentes, trazendo questionamentos previamente ignorados, e que levam a respostas diferentes mesmo quanto a essa relação entre teoria e vida profissional.

Ter encontrado resultados inesperados não é ruim. As entrevistas foram concebidas como modos de trazer aos participantes uma demanda, a ser aceita ou não, por reflexões e respostas novas e inesperadas que não ocorreriam em outro contexto, e, do lado de quem faz a pesquisa, as entrevistas também só fazem sentido se trouxerem ideias novas e inesperadas que não seriam tidas em outro contexto: na metodologia adotada, não estávamos tentando trazer uma resposta pré-programada e já prevista como sinal de “sucesso” de um experimento. Nada mais natural que essa relação ocorra para ambos os lados de uma troca.

Os primeiros pontos de novidade foram incorporados na definição do movimento das seções anteriores:

- Mesmo entre aquelas abordagens que são bem estabelecidas e entendidas pelas psicólogas como um sistema teórico fechado em si, o estabelecimento de quais são essas abordagens, e como entender essa divisão, o que é próprio ou não de cada abordagem, pode variar consideravelmente. Podemos entender as linhas entre as abordagens como absolutamente ou relativamente permeáveis, como conjunto de ferramentas, como um compromisso ético manter-se apenas em uma, ou como o que separa a “ciência de qualidade” de um “erro”, por exemplo.
- Reconhecer-se em uma abordagem não é um ato puramente mental e individual, mas requer uma constante negociação entre possibilidades e vontades, imposições e requerimentos dos demais, o que diz a teoria e o que encontramos na prática. Cada negociação requer alguns critérios de resolução.

Como dito antes, a consecução do presente projeto focou naquilo que está além do conteúdo declarativo de cada teoria como justificativa para a adoção de uma posição. Ao dizer que uma teoria nos parece a correta, seria interessante entender o “porque” ela parece correta. Para além de uma definição ampla de “tudo aquilo que precede o posicionamento”, a questão que me parece igualmente relevante é aquilo que torna válido para cada um esse posicionamento.

Foi proposto na introdução, e ilustrado com trechos das entrevistas, que, à maneira em que se organiza a psicologia, estar em uma abordagem reconhecível está interconectado com o direcionamento das trocas com colegas, escolhas profissionais, repertório de práticas e teorias aprendidas, entre tantos outros direcionamentos. Ambos trouxeram em diferentes momentos a necessidade de estar confortáveis com suas escolhas, ainda que o conforto em si seja relativo a desconfortos diferentes. Enquanto P1 relata um movimento para suprir uma lacuna na amplitude de sua formação e justamente através disso a expansão para algo que sua abordagem anterior não abarcava, P2 relata um movimento de aprofundar-se em sua abordagem atual a fim de alcançar uma identidade aceita.

O que antes trouxemos como a experiência inquietante (Simão, 2020) que leva a mudança, redirecionamentos e escolhas, mas as “inquietudes” são diversas, e frequentemente simultâneas. Tendo em vista o conceito de “indeterminação restringida”, que trouxemos de Valsiner(1996) na seção 1.4, pensemos nas próximas duas seções (4.2 e 4.3), em dimensões diferentes de direcionamentos e balizas que o contexto dá para a formação em psicologia de cada profissional, trazendo similaridades e divergências nas trajetórias de cada.

4.2 Aderir, recriar, reconhecer, declarar

A questão sobre o que valida a escolha da abordagem de cada uma implica outras questões novas, não nomeadas antes: quando nos damos por satisfeitos em ter escolhido uma abordagem, o que dá essa satisfação? O que dá a alguém o direito frente aos demais dizer-se de uma abordagem ou outra? A quem é importante dizermo-nos em tal abordagem? Como é necessário agir para conquistar esse direito, e de que jeito tenta-se agir para se adequar a tais exigências?

Pensando nessas perguntas com base nas diferenças entre os entrevistados, existe ainda outra questão com que podemos pensar nosso tema, e que precede as demais: o que sequer é o processo de “adotar” uma opção teórica propriamente dito?

Esta última podemos expandir em mais algumas questões relevantes, a serem tidas em conta em análises posteriores sobre a identificação com teorias psicológicas. Em que medida estamos estudando a maneira em que as psicólogas optam por se posicionar, aprender e performar algo já construído, e, em que medida estamos estudando como em cada interação são agregadas as práticas e crenças de uma profissional sob um rótulo unificado, atribuindo valores a essa amálgama e empregando-a na resposta a demandas que tocam ao indivíduo? A primeira possibilidade ressalta o caráter de diálogo do presente com a continuidade e transmissão de uma tradição, enquanto a segunda ressalta a miríade de dinâmicas individuais que são vistas sob um único rótulo, por vezes perdendo nuances importantes à definição do fenômeno maior, e até mesmo dando sentido para que sua reprodução social ocorra. Elas não são, resalto, uma dicotomia da realidade. Do contrário, são modos diferentes de se enquadrar em nossos estudos um fenômeno que tem ambas as dimensões, entre outras não previstas aqui, culminando no ato de “identificar-se” como aderente a uma abordagem da psicologia.

De maneira análoga, podemos centrar nosso entendimento de um mesmo ato de “identificar-se” em um processo que podemos descrever aqui como um “reconhecer-se” ou em um processo descritível como “declarar-se”. Ambos ocorrendo simultaneamente, como dois vetores de um mesmo movimento, mas que podem passar despercebidos.

Por um lado, estamos reconhecendo-nos em categorias prévias à nossa ação, tipificadas ou não, e percebendo nossas características na comparação com as demais. Essa comparação pode até mesmo vir de forma indireta: como exemplo pessoal, não estou acostumado a ver o trabalho de atendimento individual de muitas colegas, porém algumas tantas pacientes já apontaram particularidades em minha forma de atender comparando às demais profissionais com quem já passaram, sejam particularidades teóricas ou de personalidade pessoal. Assim,

tenho uma noção de que em atendimento costumo fazer mais perguntas durante cada atendimento do que muitas pacientes estavam acostumadas, mas costumo demorar mais para oferecer interpretações e teorias, em geral na forma de interrogação sobre sua coerência e explicando sua base de raciocínio. Estranhamente, não sei dizer se essa característica vem primariamente de uma posição teórica, pois há linhas que prezam por momentos adequados para se fornecer ou não questionamentos e interpretações e estas podem ser parte do que compõe a diferença em relação a outras, ou se é uma característica que apenas reflete um traço de minha personalidade que se dá também assim em outros contextos. O que não pode ser perdido de vista é que esse “reconhecer-se” só faz sentido socialmente, e, na psicologia, no contexto da diversidade que esta tem. Nosso reconhecimento profissional seria outro se houvesse apenas uma única abordagem concebível.

Por outro lado, o “declarar-se” que contrapôs ao “reconhecer-se” passa por atribuir um nome socialmente compreendido, é um modo de conferir previsibilidade a si e aos outros sobre seu modo de atuar, sobre trajetórias pessoais e profissionais esperadas, e atribuir significados estáveis à sua narrativa de vida. A adoção de uma abordagem é parte de nosso contexto, e agimos como se ela estivesse adotada. Na medida em que essa identidade é validada, nos explicamos acreditando fazer parte dessa abordagem, e, os demais, acreditando que fazemos parte dessa abordagem, agem de acordo com essa crença compartilhada, coordenando as ações de ambos os lados em relação a ela, mesmo que na crença de que há uma discordância teórica entre as partes por ambos fazerem parte de abordagens diferentes. “Declarar-se” também só tem seu sentido no contexto de uma sociedade em que tal declaração faça sentido, mas seus critérios e valores podem mudar, como vimos anteriormente. Trazendo novamente um exemplo pessoal: apesar de reconhecer em mim influências de diferentes linhas, nomear ou identificar uma abordagem como a minha orientação não faz parte de meu modo de habitar os espaços e trocar com colegas. Ao contrário, estabeleço melhor minha posição tentando justificá-la como um tipo de ecletismo com direcionamentos e limites. Como comparativo, as eventuais psicólogas que se dizem fenomenólogas com influência da psicanálise, por exemplo, têm também sua parcela de ecletismo, mas assumem uma posição mediada pelo declararem-se fenomenólogas. Para uma profissional que esteja consciente de suas tendências, a pergunta sobre se esta se percebe psicanalista, fenomenóloga, sem abordagem definida, realizando uma mistura de abordagens, entre outros, pode ter diversos parâmetros diferentes para o modo adequado de respondê-la em diversos contextos diferentes, e, se encontra alguma resposta, e ainda mais uma resposta que permanece constante em vários contextos, pressupõe também o ato de declarar-se, ativamente assumir-se.

A ideia de que o movimento de declarar-se só faz sentido enquanto mediação com o campo no qual existimos, nos traz também uma hipótese a mais para contemplarmos. Na psicologia, temos incontáveis teorias e práticas concorrentes na busca frequente por resultados que não são imediatamente perceptíveis ou pouco mensuráveis, junto à dificuldade de explicar com exatidão qual nossa forma de trabalho e diferenciá-la da de demais colegas para alguém que não esteja diretamente envolvido nos processos, e, ainda por cima, muitas das áreas de trabalho proporcionam pouco contato com colegas ou a possibilidade de observar diretamente sua atuação. A área para incertezas e inseguranças quanto a o que nós mesmos fazemos ou deveríamos fazer é grande. Essas características da psicologia podem aumentar o valor para aquilo que nos ajuda a encontrar alguma previsibilidade e explicação sobre nosso trabalho que seja socialmente compreendida pelo menos nas suas linhas gerais, e, quem sabe, até um modo de garantir um grupo identificável com quem trocas mais aprofundadas sejam possíveis. Posicionar-se em grandes linhas pode ser útil justamente por definir um pouco de quem somos em uma área em que muito do que se faz é indefinível e de difícil tipificação, observação ou comprovação.

Não acho que reconhecer-se em uma linha seja nem pré-requisito e muito menos garantia de nenhuma dessas seguranças ou confortos, porém, acho coerente a hipótese que essa definição de tipos nos dê ao menos a sensação de previsibilidade e o conforto de encontrarmos alguma prescrição que possibilite ou valide nossos planos. Talvez a divisão da psicologia em sistemas teóricos seja, em alguma dimensão, uma maneira de alcançarmos um pouco da sensação de conforto de que necessitamos. Mas, como aponta o P2, saber que alguém é psicanalista não é o bastante, e talvez precisemos de uma visão mais refinada para essa descrição trazer a informação que precisamos. Uma reflexão extra que deriva destas anteriores, é que quando falamos de identificar comportamentos humanos complexos, como a adoção de abordagens teóricas, a fluidez e imprecisão desse objeto e suas condições é uma parte daquilo que precisamos definir como observar e declarar.

4.3: Estruturas, critérios de validação, intuição.

Uma das questões a que vale voltar a observar, agora que temos o material das entrevistas analisado, é: qual o ponto exato em que surgem as diferenças daqueles que estão já posicionados diferentemente?

Por exemplo: podemos concordar com as behavioristas quanto a o que é o behaviorismo, ou pelo menos podemos ambos chegar a um consenso de que concordamos, mas isso não significa que seremos behavioristas. Porque não? Discordamos por algo a mais que nos afasta do behaviorismo, ou através de bases anteriores que nos direcionam para caminhos diferentes ao encontrar um mesmo behaviorismo?

Do mesmo modo, nos é interessante entender porque para uns é imprescindível permanecer nos limites das fronteiras já estabelecidas, enquanto para outros isto pode ser um detalhe, e, para mais alguns, algo que se justifica a depender de fatores que não estão inclusos nas linhas mesmas.

Ambos participantes apontam para si a possibilidade que a resposta para como se posicionaram não esteja apenas na teorização em si, mas em eixos como a ética e o reconhecimento mútuo com demais profissionais. E ainda a ética de ambos pode apresentar eixos comuns: ao expandir os seus estudos, P1 se descreve como beneficiando o interesse daqueles que atende; ao evitar misturas incongruentes e abordagens diretivas, P2 também se descreve beneficiando o interesse daqueles que atende. E ainda que encontre-se duas psicólogas adotando nominalmente um mesmo enfoque, baseado no mesmo entendimento de suas teorias e práticas declaradas, existem diversas relações possíveis com o saber, o acreditar, como lidar com suas preferências pessoais, com a dúvida, uma noção do que significa beneficiar o interesse daqueles que atende, etc...

Nas falas trazidas, ambos criticaram em algum momento a possibilidade de tudo caber no que chamamos psicologia ou existirem misturas incongruentes (seja com terapias cognitivo-comportamentais, seja com constelações familiares⁴), mas o modo de lidar com o campo já cindido é diferente. Ambos reconhecem bases comuns importantes para as diferentes práticas na psicologia (seja o estudo de outras áreas do conhecimento

⁴A constelação familiar sistêmica, trazida pelos participantes às entrevistas como exemplo de dúvida quanto à validade da inserção na psicologia, são um sistema de teorias e técnicas adotadas por diversas profissionais, psicólogas ou não, e que pouco antes da finalização dessa dissertação foram foco de estudo do CFP que emitiu nota sobre sua incongruência ética e de conduta profissional enquanto método ou técnica da psicologia (Brasil, 2023)

complementares, ou a capacidade de escuta), e talvez alguns critérios comuns que reconhecem para o trabalho (como um conhecimento aprofundado), mas o próprio ecletismo teórico é valorado diferenciadamente entre eles.

Por um lado, P1 não constrói o repertório de sua prática baseada em um objetivo de unidade teórica, e os teóricos são vistos como algo a se compreender e utilizar, e a importância de entendê-los se torna válida na gama de situações e modos em que serão utilizados. Mesmo ela liga a mudança em sua relação com o campo teórico com a mudança de lugar institucional que ocupa.

Pensando nesse movimento, o aspecto que imediatamente se sobressai comparando minhas experiências na clínica particular e no SUS, é que a gama de situações no SUS é comumente muito maior do que a diversidade da clínica particular, seja do público atendido, seja da quantidade de afazeres ainda dentro da psicologia que se tem além de atendimentos individuais (por exemplo, em minha própria experiência em diferentes serviços, era comum a reunião com outros serviços e categorias profissionais, a realização de grupos terapêuticos de diferentes configurações, o trabalho conjunto com escolas, com equipamentos da assistência social, visitas a espaços do território, entre outros). Outra diferença considerável do trabalho em serviços públicos, é que as condições da rede pública tornam mais propenso que os profissionais precisem expandir seu repertório para abarcar demandas que em outros momentos não assumiriam. Na clínica particular, podemos encaminhar para alguma colega mais especializada um atendimento que não nos sentimos confortáveis a realizar, como frequentemente acontece com base em idade ou diagnóstico, o que em algumas abordagens requer até percursos formativos específicos.

De todo modo, ambos trazem momentos em que é necessário inovar frente ao inesperado ou desconhecido, incluindo nisso algum nível de reestruturação de seus objetivos e valores. Precisam se haver com a necessidade de coexistência em instituições, com a negociação, com formas de trabalho junto ao público, e com o quanto explicações e prescrições realmente respondem ou deixam de responder àquilo que necessitam e valorizam. Assim, a auto-adequação não deixa em momento nenhum de ser uma necessidade, mas uma adequação que vai ser validada de modos diferentes, seja pelo percurso formativo, pelas demandas trazidas pelos casos atendidos, ou pelos colegas de trabalho.

Pensando por esse lado, escolher diferentes linhas teóricas e diferentes percursos profissionais não precisa se restringir a uma identidade já construída quanto à atividade, mas também um direcionamento quanto a quais adequações são cabíveis ou não, e até mesmo quais são almejadas. Igualmente, o tema do conforto está de fundo em dinâmicas apresentadas

como importantes para ambos, mas conforto em relação a questões e dificuldades diferentes, objetivos e métricas diferentes. Pode ser um conforto com diferentes tipos de conhecimento, com diferentes formas de trabalho, e diferentes modos de se relacionar teoricamente com a psicologia. A busca por espaços em que a negociação em torno desse conforto seja vantajosa não deve deixar de ser uma parte importante da figura geral que temos visto.

De todas essas observações anteriores sobre negociação, conforto e adequação, uma forma para mim parece sobressair quando pensamos sobre o critério de validação que buscamos para as decisões que tomamos em áreas onde não será possível encontrar uma certeza. Não há como separar critérios “individuais” de critérios “sociais”. Ambos só fazem sentido no contexto um do outro.

Explico: o reconhecimento externo de psicólogo analítico pode vir de um centro formado por outros psicólogos analíticos, mas o desejo e as decisões pelo reconhecimento desse centro se insere em uma trajetória que lhe é própria e anterior, e que se estende como projeção futura para além de sua obtenção. Optar pela forma de atuação que beneficie o público com quem trabalha é um movimento pessoal em detrimento de optar por uma forma de atuação que possa parecer mais lucrativa em dado contexto, mas efetivamente responder às demandas ou lucrar são ambas validações externas que outros trarão ou não. Até mesmo entender a demanda tópica e observável que o atendido traz é um processo construído em conjunto e pode supor questioná-la e elaborá-la (como cita P2), e assim, mesmo nesses casos, pode-se questionar quanto os resultados mensuráveis alcançados são qualitativamente melhores.

Isso nos leva à próxima observação, sobre a mudança de posicionamentos: quando se muda em relação a uma teoria ou prática porque esta não se enquadra no que considera comprovado, vantajoso, confortável ou ético, esse próprio processo pressupõe uma estrutura anterior que ao menos em parte permanece, e define o que é comprovação, vantagem, conforto ou ética. Mesmo quando se muda por uma imposição prática do ambiente, isso pressupõe uma estrutura de prioridades que tem em lugar mais rígido certas características desse ambiente do que os compromissos teóricos anteriores. Não quer dizer que não possamos mudar também nossos conceitos e direcionamentos anteriores, mas quer dizer que eles são chamados para compor a construção do presente, às vezes sendo priorizados em detrimento de algo mais que precisa se adequar.

No percurso entre ser estudante de ensino médio e declarar-se behaviorista, o behaviorismo precisa se unir a estruturas que o precedem.

A pergunta do que torna os critérios válidos num primeiro momento, se não levar a mais critérios para definir critérios, pode incurrir em uma tautologia na qual uma escolha justifica a outra mutuamente ou, se conduzida de outro modo, chegar a um nível a partir do qual não temos mais como justificar, em que não se encontra explicação racional. É como dizer em alguns casos que certa visão de humano justifica uma metodologia de pesquisa, e tal metodologia é somente capaz de trazer resultados que reforcem a mesma visão de humano por operar nela, enquanto ambos não conseguem ser explicados fora dessa cadeia e sua adoção parece simplesmente óbvia. Pode-se defender uma abordagem por considerá-la mais lógica, mais racional, mais científica, mais ética... Mas, além de questionar o que significa ser lógico, científico ou ético, e porque cada linha se enquadra melhor ou pior (e já nisso caímos em pressupostos muito mais assumidos do que testados no dia a dia), há a questão anterior já pressuposta nesta: porque queremos uma abordagem mais ética, mais científica, lógica, ou seja lá qual for o outro critério primário que elegermos? Até mesmo uma eventual resposta de procurar por uma abordagem “que a faça feliz” chegaria ao fatídico próximo passo da cadeia teleológica, de “e para que ser feliz?”.

Essas escolhas precisarem ser inevitavelmente assumidas não significa que sejam o único modo possível, que não devam ser repensadas ou que sejam intercambiáveis. Elas acontecem para pessoas em posições específicas em contextos específicos, espaços e momentos determinados, e poderiam se dar de outro modo. Uma característica própria da psicologia que torna esse caráter mais evidente é justamente o processo no qual entramos em sistemas teóricos e, com eles, em uma ética, critérios de validação científica, um direcionamento da prática, e até uma perspectiva de futuros profissionais possíveis.

Por fim, se estamos nessa reflexão investigando diferentes modos de lidar com as características comuns à, e se a intuição é uma característica inescapável ao entendimento e à escolha como um todo, diferentes modos de lidar com a intuição desembocam em diferentes modos de lidar com nossa área pressupor compromissos que não podem ser comprovadamente melhores ou corretos sem compromissos anteriores.

Nesta dimensão dos compromissos “de base” que assumimos, a discussão talvez não seja sobre qual abordagem é intuitiva ou racional. Em algum nível, todas se acreditam e efetivamente são racionais no quesito de que constroem uma própria lógica para aquilo que pregam (ao invés de apenas afirmar dogmas e regras a serem seguidas a partir de argumento de autoridade sem justificá-los), mas, além de todas chegarem aos compromissos de difícil justificativa de que falamos, quando pregam o uso instrumentalizado da intuição, é dentro de uma explicação racionalizada que a abarca ao objetivo a que se propõe, como as abordagens

que defendem um momento de escuta flutuante para com o paciente ou que a interpretação de qualquer discurso tem uma dimensão necessariamente intuitiva. Não obstante, os compromissos e pressupostos intuitivamente por uns podem parecer abjetos quando contemplados por outros.

A escolha da abordagem mesma ser vista como racional ou intuitiva talvez seja mais difícil de separar daquilo que a própria abordagem justifica como os processos de escolha (e a meta-referencialidade é também um dos dilemas iniciais deste trabalho).

Como exemplo mais explícito e externo à psicologia dessa lógica que liga o que chamamos de racionalidade e intuição como partes de um mesmo processo na construção do conhecimento: até mesmo em outras áreas com propostas diferentes, como a teologia, que (nem sempre, porém muitas vezes) se percebe apoiada em dogmas e em uma ideia de “fé” que escapa à racionalidade, entende-se (muitas vezes) como utilizando da lógica e da racionalidade para construir conhecimentos e direcionamentos.

Esse tema da intuição, não por acaso, é também mais um limite e um potencial de nosso método de pesquisa. O dado construído com os entrevistados se restringe a um pouco do que lhes será intuitivo perceber e responder das perguntas, porém, ao mesmo tempo, se propõe em trazer à consciência justamente aquilo que não seria intuído de outro modo.

O mesmo poderia ser dito das justificativas para a existência de uma pesquisa como esta. Não podemos nos livrar da condição de existirem aspectos de nossas ideias que nos sejam inquestionáveis sequer como possibilidade, e, de uma parte daquilo que é questionável, ainda haverão idéias e crenças que são inexplicáveis, e, das que possam ser explicadas, grande parte ocorrerá independente de explicações e justificativas posteriores que possamos criar. Todavia, o ganho de construir reflexões como essas é precisamente perceber limites e potenciais de tal modo de ser, como esse modo afeta e se faz presente em nosso cotidiano, e, se possível, até redesenhar as condições que o determinam.

4.4: Unificação ou redesenho?

Tendo em conta o exposto anteriormente, considero válido trazer uma breve reflexão sobre uma das questões que permeia diferentes momentos do projeto. Diferentes psicólogas, com diferentes motivos, se perguntam sobre a possibilidade de unificação da psicologia ao menos em torno de uma mesma linha, ainda que isso não exclua divergências (assim como os humanistas têm suas divergências entre si, mas não deixam de ser humanistas). Apesar de não ser propriamente a questão sobre como se direcionam entre uma abordagem e outra, essa questão me parece perpassar pelo que tenho visto como a relação da profissional com o cenário teórico como um todo. Algumas esperam que sua abordagem um dia seja reconhecida como inerentemente superior em detrimento das demais, algumas esperam que um movimento institucional por priorização de um modo de criar a psicologia (como a baseada em evidências) nos leve a isso, e outras esperam que o progresso leve a convergências que acabem se sedimentando. Esses cenários anteriores não precisam ser apresentados como mutuamente excludentes. Quanto ao meu próprio modo de ver a questão, percebo agora que os resultados anteriores influenciaram meu atual modo de respondê-la.

Temos material para pensar nas diferenças entre as linhas ocorrendo devido aos diferentes contextos em que se desenvolvem, de figuras emblemáticas até as contradições próprias de cada tempo e sociedade. Não deve causar espanto que no Brasil atual temos várias linhas de tempos e contextos que nos pareceriam alheios concorrendo entre si, ao invés de uma única abordagem brasileira, pois o Brasil é um país plural, e comporta diversas mentalidades e modos de vida, e autores locais e atuais das muitas linhas que importamos tem tentado adaptá-las ao nosso tempo e região. Nada disso precisa estar errado ao analisarmos as características que levam cada tradição teórica a tomar a cara com que a conhecemos, mas, ao tentar entender suas diferenças através do que houve de diferente em sua composição, ignoramos que essas diferenças só são possíveis por reforçarem também características comuns.

Se organizar em linhas é a essa altura um modo próprio da institucionalização da psicologia. As linhas, mesmo que se amparando em novas materialidades dos fatos e respondendo a novas questões, são hoje feitas no conhecimento de estarem sendo forjadas em resposta, influência ou contraposição uma à outra. Existirem diferentes linhas não é só um efeito agregado dos diferentes modos em que se produz psicologia, mas também um efeito que emerge de uma sinergia entre as formas de nos relacionarmos com o conhecimento

acadêmico em todos esses contextos, incluída uma tradição que nos conecta a universidades da Europa e Estados Unidos na passagem entre séculos XIX e XX.

Com isso podemos retomar a aceção de que as linhas que separam as diferentes abordagens da psicologia são entendidas como fronteiras processuais, em que a fronteira em si é vista como um lugar, com seu simbolismo e suas dinâmicas de ação previstas, e novamente trazendo a contribuição de Marsico & Tateo (2017), pensar na dinâmica de tensegridade em que, no nosso caso, diferentes abordagens da psicologia se repelem mutuamente e sublinham o dever de ser respeitada uma separação, mas, ao mesmo tempo, mantém-se coesas em uma instituição unificada da psicologia, que repele outras possibilidades que lhe são externas, ao mesmo tempo que mantém em seus modos de produção cultural mais de uma possibilidade teórica, sublinhando algumas necessidades de aceitação e coexistência interna entre correntes teóricas, que por sua vez até aqui continuam com motivos para permanecer dentro da instituição da psicologia. Ainda que alguns psicanalistas tenham sua formação externa e rejeitem a formação em psicologia como necessária ou complementar, isso não impede que aqueles que se propõe a estudar psicologia continuem optando por uma corrente psicanalítica, o que por sua vez não impede o surgimento de colegas humanistas.

Talvez não seja possível unificarmos as linhas da psicologia, porque talvez não haja como conciliar tudo que elas pressupõem como base inegociável, e as linhas como as conhecemos hoje só se tornam reconhecíveis através de no mínimo uma interligação entre teorias, metodologias, definições e pressupostos interligados. Se mudássemos a definição de inconsciente, retirássemos todas as menções ao complexo de Édipo, reinterpretássemos radicalmente as pulsões, diminuíssemos a relevância da transferência e alterássemos os percursos formativos para unificar a psicanálise com a análise do comportamento, simplesmente teríamos falhado, pois o que unificamos deixaria de ser reconhecível como a instituição e a visão de mundo da psicanálise em si, tornando a psicanálise quando muito uma influência de onde tiramos elementos precedentes.

Por outro lado, não ser possível “unificar as linhas” não quer dizer que seja impossível um dia a psicologia se organizar de modos que não pressupõem linhas como as concebemos. Como seria a psicologia nesse dia, se ele em algum momento vier? Isto não poderia prever, e nem se seus efeitos seriam preponderantemente positivos ou negativos. As próximas reflexões, por outro lado, indicam algumas dificuldades e possibilidades que me parecem inerentes ao nosso modo de organização institucional.

4.5: Instituições para a Incerteza e a Divergência

Voltando a enquadrar o entendimento de psicologia como um conhecimento que não é simplesmente cumulativo, neutro e linear, mas uma produção cultural (ver Simão, 2015), vamos focar agora onde e por quem esse conhecimento é feito, em que condições.

Surgiu reiteradamente como tema nas entrevistas os modos em que os caminhos e dinâmicas institucionais fizeram parte da construção da posição dos participantes. Para ambos os participantes há um impacto considerável dos ambientes em que transitam e das pessoas em específico com que cada um convive (sejam professores, colegas, amigos, pacientes...).

Algo que não pode ser perdido de vista é que esse impacto não se restringe a apresentar casos difíceis que cabem ou não no enfoque adotado fazendo com que o enfoque seja revisto. A presença do outro possibilita que conseqüentemente enxerguemos alternativas diversas das que seríamos capazes de enxergar de outro modo, possibilidades que até então faziam parte do horizonte do outro e não do nosso, e que às vezes precisam ser levadas em conta, inclusive no âmbito afetivo, mesmo que para rejeitá-las. As possibilidades de atuação, e até mesmo de percepção do campo, ainda que variadas, ocorrem dentro das restrições daquilo que efetivamente propiciam a ocorrer as instituições e trajetórias existentes, mesmo que às vezes de modos muito pouco usuais ou prováveis.

Justamente por isso achei necessário dedicar uma das reflexões finais deste trabalho para pensar a institucionalização da psicologia, questionar como podemos tanto entender quanto redesenhar nossas dinâmicas, concebendo que interações e resultados obtidos sejam propensos a ocorrer devido a elas e não dependam da boa vontade ou da sorte. Assim, não estou focando no que seria a decisão ou preferência apenas individual, mas uma base comum compartilhada na qual ocorrem as trocas no campo. Novos modos de redesenhar as nossas instituições talvez não saibamos, e pressupor qual psicologia surgiria desses modos é predizer ideias que por definição ainda nem sequer tem as condições de ocorrerem. Mas podemos refletir sobre o que precisamos desses modos.

As primeiras perguntas para pensar por esse ponto de vista poderiam ser através das funções que exercem as cisões na psicologia, por exemplo: das eventuais separações e prescrições de campos na psicologia, seja de atuação, de áreas de estudo ou de linhas teóricas, quais operam a favor de uma celeridade e especialização, e quais constroem espaços de concordância e reservas de mercado? Essas separações preservam espaços em que se possam expandir e conhecer as diferenças que já existem e aquelas que precisam ser criadas? Preservamos espaços de comparação para nossa própria posição?

As perguntas do último parágrafo refletem um esforço dirigido à ideia de que é preciso proporcionar mais trocas como parte integral de nosso próprio método de conhecer. Mas ainda podemos refinar esse ponto de vista, pois, afinal, haverem trocas não significa que seriam automaticamente vantajosas independentemente do jeito em que ocorrerão. Às vezes podemos até mesmo concordar quanto às maneiras de lidar com discordância, e diferentes instituições no tempo encontraram diferentes respostas históricas: a definição de um lado com precedência sobre o outro, a guerra, a votação por voto paritário, a separação total, a procura por um mediador externo. Às vezes, a resposta institucional ao desentendimento é negá-lo ou proibi-lo. Na psicologia, de que modos nos seria melhor discordar?

Não acho que seja um problema a psicologia ter suas dúvidas, incertezas, teorias paralelas ou conflitantes e dados incongruentes, e, para uma área que se propõe ser também uma ciência, se não for um mérito, é uma condição existencial tê-las. Como lidar com todas essas ocorrências, no entanto, me pergunto se fazemos do melhor modo que poderíamos encontrar atualmente.

Se em nossas instituições temos relações que pressupõem uma assimetria nos papéis de quem define o que está certo ou errado, estas estabelecem algumas possibilidades e limites para como lidar com as discordâncias. Aquela que corrige a prova, aquela que paga o salário e aquela que contrata o serviço podem ter um peso maior ao definir os critérios de validação daquilo que é dito e feito, por caminhos diferentes. Porém, ainda esses casos podem ser motivo de discussão e precisamos decidir a que lado nos aliamos e em que pontos de vista confiamos mais e por que. Um profissional recém formado, ao encontrar discordâncias e diferentes pressões, pode ter que decidir com quem irá se aliar e qual palavra terá mais peso: o que pede e afirma o usuário do posto de saúde em que trabalha, a opinião de seus colegas com mais experiência, ou o que diz um supervisor institucional reconhecido pelo campo?

Mas aquilo que precisa ser negociado com uma comunidade de pares, aquelas que reconhecemos como outras psicólogas iguais em direitos e deveres, para chegar a conclusões que sejam comuns, deixa uma área de indefinição maior sobre como serão resolvidos os impasses.

Termos títulos idênticos não impede a competição, e às vezes até agrava dentro de uma competição por promoções no trabalho ou garantia em reservas de mercado. Mesmo em instituições democráticas, o fato de estarem desenhadas “para a democracia” não prediz totalmente suas dinâmicas internas.

É preciso aprender a lidar com discordar da maioria e ser voto vencido, ao mesmo tempo em que é preciso uma dinâmica abarque que aqueles que são voto vencido sem uma

pura e simples imposição da maioria; essa solução proibiria a discordância, mas manteria todas as cisões internas proibidas mesmo que alguns deixassem de praticá-las, e até diminuiria nossos espaços de troca.

Também outras dinâmicas aparentemente mais “cuidadas” podem cortar a possibilidade de trocas significativas. Tratar o outro como alguém que simplesmente não sabe o que nos é óbvio e colocar em perspectiva o porque comete esse erro, sem incluir a nós mesmos nessa perspectiva, é tratá-lo como menos capaz, e assim o fecha para negociações, mesmo que o outro precise ser levado em conta devido a seu poder dentro da instituição.

Um risco parecido vem ao assumir que olhamos o ponto de vista do outro e estamos abertos a isso, e, ao não encontrar da parte do outro a mesma disposição, constatar que podemos não ter uma base para o trabalho colaborativo. Nesse movimento, nos pregarmos mais democráticos e inclusivos, concluindo que portanto somos também mais evoluídos ou superiores, pode se converter em outro caminho apenas mais complicado de operar a mesma separação.

Outro “pretenso cuidado” excludente poderia ser assumir que não vamos impor conhecimentos a aqueles que não os querem, mas, nesse processo, deixar de oferecer nosso ponto de vista, ou deixar de defendê-lo com a profundidade que julgamos necessária para que seja compreendido; isso seria impor ao outro um posicionamento diferente do nosso por retirar a possibilidade de assumi-lo. Quando penso nessa possibilidade, me surge uma preocupação sobre tratarmos as diferentes abordagens como “a mesma coisa em linguagens diferentes” ou “igualmente capazes e válidas”, por que isso pode significar simplesmente parar de ouvir sobre o que tem a dizer essas abordagens toda vez que o que tem a dizer é a explicitação da diferença em si.

Olhando para movimentos mais coletivos, a definição de grupos com seus caminhos próprios, como as formações em psicanálise e especializações em análise do comportamento, citadas anteriormente, estabelecem uma competição por lugares institucionais e reconhecimento do campo em áreas de atuação.

No entanto, com toda a gama de linhas aceitas na psicologia, e entre todas as rejeitadas, o que faz com que umas caibam em nossos critérios e outras não? Algumas linhas e teorias são rejeitadas pelo campo, e, mesmo aqueles de diferentes abordagens eventualmente chegam a um consenso mútuo quais não devem tomar espaço. Algumas, são reconhecidas pelos demais, ainda que para serem reconhecidas como antagonistas.

Esse movimento se dá pela falta de uma base comum mínima a todas as que agora se incluem? Por ter características que o campo atualmente rejeita? É um movimento de força e

representação em espaços institucionais? Essas hipóteses abrem o questionamento do que mantém aquelas atualmente dentro da psicologia: entre as que hoje são aceitas na psicologia, quais seriam excluídas pelos critérios que atualmente excluem outras, se não tivessem uma quantidade suficiente de apoiadores ou preservassem espaços institucionais?

Deixar de existir uma diversidade teórica na psicologia talvez seja negar a natureza daquilo que entendemos por conhecimento. Mas, nos organizarmos de modo diferente dentro dessa diversidade, e organizarmos a própria diversidade de modo diferente que não pressuponha a divisão em sistemas teóricos como ocorre atualmente, talvez dependa de contextos maiores do que somente os da psicologia, como o modo em que construímos nossas próprias instituições de prática e formação e a relação que é ensinada com o conhecer.

Na relação entre níveis individuais e coletivos, podemos pensar que os modos de lidar com a discordância e incerteza são também passíveis de aprendizado, e, muito possivelmente, de prática.

Vimos nas entrevistas, na construção da relação de cada um com o repertório conceitual e prático da psicologia, um grande peso na escolha de critérios (às vezes intuitivos) para suas decisões, das trocas com colegas e experiências práticas. Mas como as nossas instituições levam em conta as experiências afetivas, a postura frente ao conhecer, o contato com colegas, os modos de inserção nas experiências práticas, etc... Como poderiam ser repensadas e previstas na formação profissional a troca, a introdução nas experiências que serão relevantes, e a discussão e percepção de cada um sobre seus critérios de escolha e direcionamento na psicologia? Como poderíamos levar em conta também aquelas relações que são externas às nossas instituições ou que ao menos fogem de nosso controle, mas que ainda assim são importantes na formação?

A psicologia enquanto instituição está constantemente fazendo e refazendo os critérios e respostas do que lhe é próprio e o que não é. O que frequentemente é uma imagem de fundo, que nunca deixa de servir de contexto mas dificilmente é focada, é o modo em que negociamos ou poderíamos negociar os critérios do que é próprio da psicologia ou não.

Assim como a questão sobre os “critérios de validação” da reflexão anterior não poder ser respondida com um “internos ao indivíduo” ou “externos ao indivíduo”, porque esses critérios só tomam forma na relação entre o interno e o externo, também não respondemos sobre os fluxos institucionais moldarem ou serem moldados pelas maneiras como lidamos com as dificuldades próprias de se organizar uma ciência, porque frequentemente um está pressuposto no outro e apenas observamos seus movimentos de lados diferentes.

Há muitos modos rebuscados de impedir a troca, entre eles está apenas torná-la

improvável ou menos propícia, e o efeito de desenharmos instituições para que não haja tais oportunidades já foi apontado antes, até mesmo com exemplos de nossos entrevistados sobre suas trajetórias. As ausências também desenharam o percurso.

Precisamos, de algum modo, ter instituições que reconheçam, assumam e tenham em conta a impossibilidade de sua própria completude, que se dá na incompletude de seu conhecimento e na certeza não definitiva de suas prescrições.

4.6: Educação e produção do conhecimento

A presente pesquisa como um todo admitidamente dialoga também com mais experiências pessoais, e não só com os estudos direcionados ativamente a essa dissertação ou das entrevistas realizadas. Assim ocorre a formação, e, como já dito anteriormente algumas vezes, os estudos e mesmo dados teóricos empíricos só fazem sentido se o fizerem para alguém em relação a determinada posição, com suas experiências e valores.

Durante o processo de realização do presente curso de mestrado, atuei como monitor em um semestre da disciplina de História e Filosofia da Psicologia no curso de graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, que é parte do currículo do primeiro ano da graduação. Não citarei diretamente o que foi dito por nenhuma das alunas dessa disciplina, mas estou reconhecendo o papel dessas trocas para a elaboração desse texto e suas perspectivas. A sexta reflexão que trago foca justamente no processo de formação e disseminação da psicologia e suas práticas.

Não deixa de aparecer às alunas de hoje uma questão que aparecia às de 2010, quando eu também estava no primeiro ano da graduação e tentava decidir sobre as mesmas perguntas: porque estudar história e filosofia da psicologia? Porque isso é um requisito para obter o direito de atuar na profissão? O que aprendemos de útil para a vida prática? Isso é uma questão prática para as psicólogas, uma curiosidade histórica, ou material para historiadoras e filósofas da ciência?

Há também mais uma outra questão que não foi mencionada, mas creio que parte de e desemboca em lugares comuns com as anteriores: por que ensinar psicologia a partir de fontes históricas? Até onde saibamos, não se costuma estudar engenharia a partir de toda a história da engenharia, e não é tradição aprender medicina a partir de tratados de autores da antiguidade clássica. Porque não podemos estudar psicanálise através de conceitos e práticas psicanalíticas, sem com isso saber quem foi Freud, por exemplo, e qual a importância do contexto histórico de John Watson para entendermos o que é a quarta geração de terapias comportamentais?

Com efeito, muitas estudantes de hoje e antigamente admitem que irão se esquecer dos conteúdos dessas disciplinas imediatamente após serem cumpridos os créditos. De que vale o esforço?

Como os demais debates abertos na psicologia, existem algumas tantas respostas disponíveis na literatura, e podemos nem mesmo ter um consenso sobre quando se inicia a história da psicologia e o que incluir nessa história. Entre todos os motivos possíveis para ser necessário se estudar história e filosofia da psicologia no início da graduação, gostaria de

apresentar aqui aquele que me parece o principal.

Mas antes, um paralelismo que ainda podemos encontrar mesmo com cursos como engenharia ou medicina, por exemplo, é a de que graduandas nesses cursos (em tese) não costumam memorizar apenas leis e fenômenos observados com a devida interpretação dada, mas, também estudam os processos de pesquisa, a lógica, o instrumental e até em algum nível a discussão sobre o que é ou não método científico, para compreender aquilo que tem estudado e, no futuro, poderem também construir o conhecimento.

O que ocorre na psicologia, e em certo nível nas demais ciências humanas, é que dada a variedade de linhas, práticas, modos de se pensar e a disputa por espaço entre as instituições internas à psicologia, é mais evidente nessa área um fator que acredito estar mais encoberto em muitas outras: não podemos confiar em estarmos apenas recebendo e replicando nem sequer uma psicologia já instituída quando a aprendermos. Ao contrário, em cada decisão tomada, e até mesmo nas indecisões, estamos em um nível produzindo a nossa própria psicologia, e, naquilo que é análogo a posições adotadas por nossos colegas e antecessores, que nos é passado como uma tradição, não estamos “reproduzindo”, mas “re-produzindo”. Até a psicologia que nós mesmos passamos adiante enquanto tradição depende daquilo que incorporamos e depois levamos a ser passado adiante. Não podemos apenas confiar nos dados e na interpretação dada, mas temos que aprender a alcançar dados e interpretá-los.

Não dispensamos estudos sobre os diferentes tipos de metodologia e modos de validação defendidos por cada linha teórica. Mas entender onde nos encontramos depende de ainda mais pontos de vista sobre um conjunto de preocupações maiores.

Dessa perspectiva, ensinar bem as fontes históricas não serve para construir a imagem de semideuses e muito menos um argumento de autoridade para conferir credibilidade àquilo que nós mesmos defendemos nos dias de hoje. Ao menos não deveria servir a isso, creio. Não estamos citando heróis, mas contextualizando a origem humana de nosso conhecimento, reconhecendo seu contexto e apontando um caminho para quem queira compreendê-lo a fundo mesmo que para reelaborar de modo diferente.

O que aprendi a defender com essa experiência é um modelo de ensino específico, voltado a um determinado modo de inserção na psicologia baseado em uma visão sobre o conhecimento e a prática. Nomear uma abordagem não é, ou não deveria ser, decidir qual mestre seguir, Perls ou Rodgers por exemplo, para aí recebermos esse conhecimento em doses cada vez maiores. Nos aprofundar na obra de autores relevantes é também necessário, mas não queremos formar profissionais que apenas decoram conteúdos, porque precisamos de profissionais que detenham os meios para produzir o conhecimento de que dispõe.

Frequentemente em nossas trajetórias, a separação de instituições ou práticas por abordagem ou área de especialização deixará a desejar, e, na aplicação prática da psicologia, a vida que se impõe não respeita separações didáticas: ainda que o plano seja restringir-se a uma área de especialização em uma abordagem, como, por exemplo, o estudo de transtorno do espectro autista de acordo com o cognitivismo, ao nos depararmos com casos reais, frequentemente precisamos articular essa especialização com conhecimentos e discussões sobre outros temas, como educação, desigualdade social, luto, teorias da comunicação, entre tantos outros, e um mesmo atendimento demanda diversos saberes.

Um modo prático no qual podemos lidar com isso é planejar a inclusão de mais saberes e técnicas nos percursos formativos, para que ao menos sejam previstos os cenários mais prováveis de que sentimos falta. Algo mais que sinto falta, porém, é aprendermos uma prática que abarque também o conhecimento acerca de nosso próprio conhecimento, e nos prepare para a possibilidade de às vezes não sabermos o necessário, de termos dúvidas, de termos certezas que nos conduzem a erros, de nos depararmos com o desconhecido, com diferenças profundas para com os outros que encontraremos e não poderemos compreender.

Essa visão sobre o conhecimento e como nos relacionamos com ele não é uma questão apenas da graduação, e talvez nosso problema venha de muito antes, em nossas trocas cotidianas, em nossas escolas. No modo como aprendemos a lidar com uma informação que veio “da ciência”, ou um profissional que detém o conhecimento porque “estudou”, ou ainda alguém que nos diz para decorar algo porque está na posição de professor, isso se conecta até mesmo à ideia de que o conhecimento se direciona cumulativamente ao progresso, presente em muitas ideologias políticas e sociológicas, como o positivismo (ideia essa que rejeito aqui), e que uma vez alcançado deve ser aceito e reproduzido pelos estudantes para que estes o implementem ou quando muito o acrescentem de algo mais.

Ainda em contextos mais amplos, acredito, a ideia de que o conhecimento é algo que pertence a um grupo especial produtor do conhecimento e aqueles que estão de fora apenas o aceitam ou replicam, pode servir de base tanto a aqueles que aceitam atos dos mais antiéticos em nome de um conhecimento que não compreendem e creem não serem capazes de compreender, quanto a aqueles que rejeitam totalmente tudo o que provém da academia, às vezes com contornos de teoria conspiratória. Esse último não é um exagero. Durante o processo de realização dessa pesquisa, para exemplificar, tivemos ministros em nosso governo federal (e posteriormente pessoas de meu convívio) defendendo a ideia de que nas universidades públicas se produz drogas ilícitas em larga escala (UOL, 2019) e se doutrina a ideologia marxista (Exame, 2019), mas não existe pesquisa “de verdade” ou de qualidade. Da

mesma gestão, neste mesmo período, houveram ministros usando de seu lugar institucional para contrariar especialistas de todo o mundo para afirmar que a COVID-19 não era ou não viria a ser grave (BBC News Brasil, 2021), além do próprio presidente da república se assomando para afirmar que as vacinas contra mesma doença eram ineficazes na sua prevenção, ou ainda defendendo tratamentos apontados por cientistas como ineficazes (Poder360, 2022), além de ministro em exercício difundindo a teoria conspiratória de que o planeta Terra na verdade é plano (Revista Fórum, 2022). Dentre objetos mais diretamente centrados pela psicologia, entre as acusações conspiratórias mais populares estão atualmente as ligadas a uma suposta “ideologia de gênero” e a existência de uma “cura gay”(CFP, 2018). Essas são algumas das facetas da relação com o conhecimento durante um momento histórico em que um dos ministros da educação do governo federal defendia abertamente que as universidades deveriam seguir uma linha tecnicista e para poucos(G1, 2021).

Penso que se entendermos a produção do conhecimento como algo que nos é totalmente alheio, a confiança absoluta ou desconfiança absoluta depende da confiança que temos na autoridade a quem o atribuímos. O que defendo com essa penúltima reflexão é que a produção do conhecimento da psicologia não nos deve ser alheia, porque seus impactos também não o são.

Ter uma boa relação com a história e a filosofia da psicologia é parte dos cuidados para com uma relação com o conhecimento, junto a seus contextos sociais, sua epistemologia, seus pressupostos, e nisso os seus limites; é um jeito de entender mais a fundo como se fez a psicologia, apostando em assim entendermos como se faz, e, o mais importante, pensar como e por quem poderia ter sido ou ainda poderá vir a ser feita.

Os cientistas, ainda que entendam bem o processo no qual se inserem, também não são neutros. Ainda que haja uma certeza em uma teoria no nível individual, é necessário reconhecer a incerteza no nível coletivo. Deixar explícito o processo é um compromisso para com a qualidade do que fazemos, porque não somos capazes de entender e recriar toda a psicologia individualmente e nem deveríamos impô-la através de autoridade. Por esse viés, nomear que há um jogo complexo para a construção do conhecimento da psicologia pressupõe explicitar que o jogo tem suas regras. Entre as regras do jogo, na relação que temos com nosso conhecimento, sustento que cada um deveria participar reconhecendo e se responsabilizando pela psicologia que recria para si e para os outros.

Sendo assim, discutir metodologia, ética, história, filosofia da psicologia e seu próprio processo de posicionamento em todas essas áreas, é parte de uma educação que ensina a produzir coletivamente o conhecimento.

4.7: Jogo de perspectiva: A figura toda

Quando se está pintando, especialmente se estamos a muito tempo focados em pedaços menores de uma mesma pintura, como as mãos de um personagem, as árvores no fundo, ou a sombra de um prédio, de tempos em tempos precisamos dar alguns passos para trás, respirar fundo e olhar a imagem inteira de uma vez para não perdermos de vista o que estamos fazendo. Nesse momento de ver o todo em que se percebe grandes erros de perspectiva e cores que destoam, mas também é quando se faz evidente o fruto de planejamentos prévios, do esforço em detalhes complicados ou de golpes de sorte e experimentos intuitivos.

O que desenhamos com o agregado desse trabalho?

Nos últimos meses, nos diferentes momentos em que foi oportuno apresentar essa pesquisa a outras pesquisadoras, descobri que tenho uma dificuldade prática para resumir, descrever ou explicar o que tenho feito. Ao descrever o objeto e os objetivos a que nos referimos, estou tentando descrever algo cuja definição e entendimento mudou durante o próprio processo. Apontar simplesmente o que já possuíamos no começo parece inadequado ou falso, pois não se trata mais apenas disto, e apresentar o que temos no final seria ou impossível de justificar sem explicitar a pesquisa, ou faria parecer que apenas descrevemos um objeto já dado para um estudo em potencial. Contudo, houve uma pesquisa, e talvez precisamente essa mudança de entendimento sobre o que e como esta estuda seja o resultado do trabalho, que tem seu processo descrito nas páginas desta dissertação.

Vamos rever o caminho feito até aqui. A partir da questão de “como as psicólogas se posicionam entre uma abordagem e outra”, já pressupondo que algumas ficariam de fora do que tradicionalmente se define como uma abordagem, ao começar o planejamento do projeto inicial precisamos incluir questões complementares que entendemos serem essenciais para entendê-la, que incluíssem estudar “qual a relação tem com o cenário teórico da psicologia”, “como essa escolha se relaciona com sua prática” e “essa escolha afeta a maneira como se vê enquanto psicóloga, e vice-versa?”. Isso por entendermos que o posicionamento entre abordagens não acontece de maneira completamente consciente de tudo que o envolve, mas acontece em um entendimento compartilhado com as demais de que nosso campo teórico está dividido em diferentes linhas.

Ainda antes de realizarmos as entrevistas, já precisávamos levar em conta, em diálogo com a literatura, de que o posicionamento entre as abordagens da psicologia ocorre no contexto da percepção de seu meio, dos outros, e sobre si mesma e sua atuação, através de

narrativas, categorias e tipificações, com conceitos e valores constituídos socialmente, muitas vezes incongruentes e conflitantes entre si. A adoção de uma abordagem tem um caráter identitário tanto no que tange ao narrativo, quanto ao modo de nos diferenciarmos dos demais, e ao que se performa. Ao mesmo tempo, a separação da psicologia em diferentes abordagens está já prevista no modo como estão desenhadas as atuais instituições da psicologia, e esse desenho ajuda a manter a separação como está.

Em diálogo com o trazido pelos entrevistados, construíram-se algumas reflexões, que tentei, da melhor forma possível, expor com um senso de continuidade e pressupondo uma ideia geral daquilo trazido antes. Vamos retomá-las nos próximos parágrafos.

Começamos pela noção de que a própria definição da psicologia em diferentes sistemas teóricos, e o que separa um sistema do outro, é um modo de nos relacionarmos com o nosso conhecimento e compreendê-lo enquanto tal. Existirem psicólogas fora das abordagens prescritas não é uma novidade, mas o foco na fronteira entre essas abordagens se dar de modo processual, e sua consequente zona de incerteza ter um significado próprio, nos possibilita uma concepção do campo que expande suas possibilidades. Nem sequer necessitamos concordar com os modos em que as fronteiras estão desenhadas (como bem aponta o resultado do censo da psicologia brasileira, quanto à junção de diferentes abordagens como complementares ou não), e somos guiados por significados próprios tanto de nos atermos a elas quanto de cruzá-las.

Ao lidar com as fronteiras da psicologia, estamos não só nos direcionando entre espaços, mas elegendo entre manter ou alterar nossa posição, respeitando ou não as linhas. Em cada momento que agimos na psicologia, estamos atualizando, mantendo ou alterando, nossa relação com as linhas instituídas até o momento. Entender o que está dentro dos limites de uma abordagem ou outra, e como nos direcionamos entre esses limites, tem seus próprios parâmetros, que não deixam de precisar ser negociados socialmente. Até mesmo agir através das linhas que separam as abordagens têm seus próprios critérios que o valida para cada uma. Uma característica própria do trabalho construído (apesar de reconhecidos os precedentes), é entender que, uma vez que não estamos estudando a relação com uma ciência que entendemos como puramente racional, não encerramos o significado do posicionamento entre linhas teóricas apenas na lógica interna a cada uma ou na comparação do que defendem no campo ideológico. Encontrar-se em uma teoria requer um direcionamento não só pelo que declara essa teoria, mas pelo encontrado em sua aplicação prática e por como lidar com a atual divisão das linhas da psicologia em nosso cenário institucional. Para compreender nosso posicionamento teórico, precisamos perceber que temos nossos próprios motivos e

direcionamentos pessoais que muitas vezes precedem o que está interno em cada linha, e, às vezes, frente a novos fatos, nos alteramos quanto a um aspecto priorizando a coerência com outros.

Assim como aprendemos a interpretar a prática a partir da teoria, aquilo que aprendemos teoricamente tem que se haver com a realidade que encontramos na prática. Em nosso direcionamento teórico, haverá compromissos intuitivos e difíceis de justificar, o que não é motivo para deixar a intuição como critério último ou único. Ao contrário, ao chegar nesse ponto, entendo que boa parte do trabalho que necessitamos para esta pesquisa é ressaltar e buscar consciência sobre aquilo que realizamos, mesmo aquilo que realizamos intuitivamente, para assim termos melhores ferramentas para questionar e possivelmente redesenhar as condições que nos encontramos e seus resultados. Quanto adotamos uma abordagem, há um processo tanto de estarmos atentos para reparar em nós mesmos através de um repertório conceitual, quanto um processo de nomear que pressupõe uma classificação que nos leva a generalizações e previsões. A troca com o outro expande nossa percepção e o repertório de possibilidades de ação, o que indica a necessidade de desenhar as instituições da psicologia para que essas propiciem o tipo de relação que queremos com o conhecimento; uma relação que reconheça a incompletude e as incertezas, e possibilite uma construção coletiva de seu conhecimento.

Juntando tudo isto, então, o que aparece de novo que é próprio da dinamicidade da figura geral que desenhamos?

Acredito que o processo trilhado reforça a ideia de que a psicologia é uma construção ao mesmo tempo individual e coletiva, porque o que tem de individual o é em uma coletividade, e aquilo que é coletivo ocorre através da negociação de posições individuais relacionadas ao todo. Mas então, a relação com cada conteúdo teórico se dá como algo a mais que vem a se somar em nossa relação com a psicologia, ou como um direcionador global que altera a equação por completo? Justamente esse movimento pode ser apresentado e vivido de formas diferentes. Podemos dizer que as teorias da psicologia descrevem um modo de interpretarmos o que encontramos na prática e prescrevem o que buscar com esta. Ao mesmo tempo, podemos dizer que o que encontramos na prática dá vida e direciona como entender aquilo que pregam as teorias, ou como selecionar entre uma teoria e outra. Às vezes construímos nossa visão a partir da orientação global de uma linha, mas, ao mesmo tempo, encontramos semelhanças em nossas interpretações para com pessoas de perspectivas supostamente opostas. Outras vezes, frente a um mesmo ocorrido, utilizamos de uma mesma teoria para construir interpretações antagônicas às de nossos colegas. Em ambos os casos é

difícil determinar uma primazia entre teoria ou prática na definição do que é a psicologia que praticamos, porque uma coisa é parte do contexto da outra.

O momento histórico em que está sendo escrita esta pesquisa evidenciou para muito de nossa classe a possibilidade de atritos entre o que nos preparamos para encontrar, o que de fato encontramos, como agimos frente ao inesperado e como teorizamos nossa própria ação.

A pandemia de COVID-19 se impôs enquanto condição de mundo, e o que se teorizava e opinava sobre setting terapêutico e cobrança de valores na clínica particular teve que se haver com o fato de que mesmo em contexto de distanciamento físico continuou havendo uma demanda por atendimentos psicológicos, e terapeutas continuaram necessitando e se dispondo a experimentar dentro das novas limitações e possibilidades. Se antes seria necessário um espaço físico, o que por si só necessitava ser embutido nos valores cobrados, restringindo o poder econômico e distância física de seus atendidos e muito frequentemente das psicólogas mesmas, agora, novas profissionais constroem outros percursos para acessar junto a sua categoria as demandas de novos públicos. O aumento no conhecimento, acesso e aceitação da realização de atendimentos online e da divulgação do trabalho na internet redirecionou práticas e discussões e quem participa destas.

Isso quer dizer que foi de todo excluído o que se pensava antes sobre o setting terapêutico? Não, assim como muito das ideias atuais já estavam sendo postas em prática, mas a imposição de novos limites e o evidenciamento de novas possibilidades mudou o equilíbrio de forças e as trocas a que estávamos abertos. Muito dos conhecimentos se dá no contexto dos demais, e muitos debates só fazem sentido enquanto parte das contradições internas da psicologia. As linhas que são aceitas como parte da psicologia são aceitas institucionalmente através de alguma base comum, seja epistemológica ou política, junto a outras que lhe são diferentes.

Contudo, como defendido algumas vezes antes, não só do conteúdo declarativo se fazem contribuições intelectuais. Com todas essas considerações, podemos olhar novamente para algumas das tantas questões colocadas ao longo do texto, ainda que estivessem anteriormente endereçadas a outras interlocutoras, e a redação de algumas tenha sido readaptada para uma estrutura de tópicos abaixo. Podemos agora assumi-las como questões à toda a classe da psicologia, assim como questões individuais para cada psicóloga, e, porque não, à leitora que queira tomá-las para si. Foi dito anteriormente que muitas delas não teriam uma resposta imediata, mas, um dos resultados esperados do presente trabalho é que ao final tenhamos novos subsídios para pensar essas questões:

- Você se considera exercendo a psicologia desde uma perspectiva teórica específica? Se sim, qual? Se não, por que?
- No que essa posição atende ao que você busca? No que não atende?
- Você pode dizer algo sobre como chegou até essa abordagem, como começou a se interessar por ela?
- O que é importante para a qualidade do trabalho da psicóloga?
- O que deve estudar a psicologia?
- Para que serve a psicologia?
- Como deve ser construído o conhecimento e aperfeiçoadas as práticas na psicologia?
- Se fosse contratar uma psicóloga, que características procuraria nessa profissional?
- Se fosse realizar um curso para se aperfeiçoar em uma prática (ex: clínica, AT, neuropsicologia, psicologia escolar e da educação....), que características procuraria nesse curso? Como o selecionaria?
- O que você acha da diversidade teórica da psicologia?
- O que acha que causa essa diversidade?
- Quais são os efeitos dessa diversidade?
- Como você acha que a maioria das psicólogas escolhem a abordagem teórica?
- Acha que existe uma diferença na qualidade do trabalho entre psicólogas de diferentes abordagens? Se sim, qual?
- Considera que perfil ou personalidade geralmente influenciam a escolha das abordagens? Como?
- Você se sente diretamente influenciada por diversas abordagens, ou apenas uma de preferência?
- Sente que essa escolha costuma ser repensada e aprofundada com frequência no cotidiano?
- Já se identificou com outras abordagens? Se sim, o que motivou suas escolhas anteriores? O que motivou a mudança?
- Para que serve a opção por uma abordagem teórica?
- Qual relação as psicólogas atuantes têm com o cenário teórico da psicologia?
- Como se posicionam entre uma linha teórica e outra?
- Como essa escolha se relaciona com sua prática?
- Essa escolha afeta a maneira como se vê enquanto psicóloga? A maneira como se vê

enquanto psicóloga afeta essa escolha?

- Quando nos damos por satisfeitos em ter escolhido uma abordagem, o que dá essa satisfação?
- O que dá a alguém o direito frente aos demais dizer-se de uma abordagem ou outra?
- A quem é importante dizermo-nos em uma abordagem?
- Como é necessário agir para conquistar esse direito, e de que jeito tenta-se agir para se adequar a tais exigências?
- Como se dá a construção do conhecimento em contexto em que há várias abordagens paralelas?
- O que é efetivamente um “entendimento comum” com colegas sobre uma teoria? O que valida em nossa experiência de que houve de fato um entendimento compartilhado de modo satisfatório?
- Quando uma behaviorista pode dizer que compreendeu ideias trazidas por psicólogas humanistas, e até mesmo, quando pode dizer que compreendeu uma teoria behaviorista de que falam suas colegas?
- Quais dimensões são usadas para entender que há compartilhamento de entendimentos, e quais deixam de ser? É a concordância mútua de que houve tal entendimento? É, não só declararmos um ao outro de que nos entendemos, mas agir visivelmente de acordo com as expectativas mútuas criadas por esse entendimento?
- Em que nível de entendimento é possível entendermos uma informação ou ideia e discordar em como a julgamos?
- A maneira como a separação em linhas se dá é devida a uma característica do objeto da psicologia mesma, ou da maneira como aprendemos a nos organizar e organizar nossas instituições, ou ambas?
- O que a diversidade teórica representa sobre a maneira como nos organizamos em nossas instituições?
- Como se conectam as produções da psicologia com a maneira em que são formadas suas instituições?
- Como conceber o progresso da psicologia na qual se inserem? Depende de uma condição inevitável dada pelo objeto de estudo? Do insight de grandes gênios? Da possibilidade que as condições sejam dadas para que o potencial seja melhor aproveitado? Do modo como estão construídas as instituições e o investimento dado?
- Quem reconhecemos como ídolos, e que características atribuímos a esses ídolos?
- A psicologia é uma instituição recente, uma longa acumulação de saberes, um

conjunto de tradições?

- O que esperamos para o futuro da disciplina?
- Como avaliamos as causas para o atual funcionamento da psicologia?
- Que hábitos institucionais reconhecemos como importantes?
- A quem reconhecemos o direito definir títulos, valores e funções na psicologia?
- Quais entendemos que são os espaços e posições privilegiados e mais importantes da psicologia (não apenas físicos, mas posições hierárquicas, trabalhos, funções, instituições)?
- Aonde está a ênfase daquilo que trazemos ao pensar a psicologia?
- Onde vemos o foco ou o fator determinante: na psicóloga capaz de realizar a tarefa, ou na tarefa à qual a psicóloga se presta?
- Para falar como somos profissionalmente, precisamos trazer a relação com a abordagem teórica?
- Como nos vemos em relação ao resto do corpo de psicólogas?
- Estamos em um lugar mais central ou periférico de onde são tomadas as grandes decisões, mais central ou periférico quanto à atenção de seus colegas?
- Onde se exerce o que pretendemos exercer ou onde se pratica psicologia com qualidade?
- Que tipo de relação construímos com a diversidade teórica da psicologia?
- Com tantas linhas a se escolher na psicologia, o foco dessa escolha está na opção pessoal por uma em específico, ou na exclusão de tantas outras?
- Como nos relacionamos com o que desconhecemos ou não temos certeza?
- Como lidamos com os pressupostos das linhas teóricas? Os assumimos como dados? Entendemos como resolvidos dentro de cada abordagem de escolha? Assumimos como passíveis de serem resolvidos um dia?
- Quais são os motivadores por nossas escolhas teóricas? São fatores majoritariamente internos das teorias, externos a essas, experiência pessoal, aplicação prática?
- Em que medida estamos estudando a maneira em que as psicólogas optam por se posicionar, aprender e performar algo já construído, e, em que medida estamos estudando como em cada iteração são agregadas as práticas e crenças de uma profissional sob um rótulo unificado, atribuindo valores a esse agregado e empregando-o na resposta a demandas que tocam ao indivíduo?
- Como justificar a escolha de um sistema conceitual para o trabalho de estudar a escolha sobre sistemas conceituais?

E com todas as considerações, retomo agora a minha pergunta ao final da graduação: porque em minha turma os behavioristas eram desproporcionalmente de gênero masculino? Porque ao menos eu estava lá? Não sou capaz de responder totalmente. Acredito que ninguém seria. Talvez houvesse uma identificação do que diz o behaviorismo ou dos percursos dos behavioristas com o que se esperava performar como masculinidade? Talvez através de alguns grupos de homens que tendiam a ser amigos de pessoas do mesmo gênero, e migraram em conjunto para dentro dessa abordagem? Havia um caminho ressaltado pela presença de muitos outros homens já atuantes na abordagem? Talvez a modelação de professores homens e jovens recém contratados enquanto estávamos no primeiro ano? Quem sabe ser homem tivesse nos exposto a uma criação que reforçava alguns interesses, prioridades e habilidades, com os quais encontramos uma base de apoio maior no behaviorismo? É um processo dinâmico e complicado, e eu mesmo estive fora do behaviorismo antes e depois desta época, ainda que mantendo a mesma identidade de gênero. No que eu mesmo reconheço quando olho para meu percurso, está a constante atualização da experiência prática e do diálogo com colegas de diferentes abordagens.

Por fim, com tudo o que aprendemos aqui, poderia dar uma resposta, algum direcionamento ou pelo menos conselhos pessoais para alguém que está por escolher/definir/construir sua abordagem? Talvez não, o que saberia eu sobre o que os outros precisam, querem ou aceitam? Mas saberia ressaltar deste estudo algumas percepções a que gostaria de ter chegado muito antes quando eu mesmo entrei neste processo, e que considero importantes que todas considerem como um cuidado para consigo e, não menos importante, todas as demais. A primeira é que entrei neste processo ao ingressar na psicologia, porém o processo só termina ao sair da psicologia. No mais, ele pode estar apenas menos visível porém sempre presente, e, uma vez agindo a partir de uma perspectiva, estamos sempre atualizando nossas escolhas conforme nos mantemos atuantes, assim como essas escolhas continua tendo consequências que a tornam relevante. A segunda, retomando o texto de Simão(2007) que nos aproximou e iniciou nosso trabalho juntos: a entrada (e digo, a constante manutenção da posição) na psicologia requer uma abertura para a troca com aqueles que a compõem, e a responsabilidade das partes em tornar essa troca significativa.

4.8: Jogo de perspectiva: A unidade com o lado de fora da imagem

Na oitava e última reflexão, cabe novamente uma mudança da perspectiva adotada para nosso tema. Mudaram os questionamentos e entendimentos sobre o tema, sobre a relação que as psicólogas têm com ele, sobre as instituições que o determinam e ao mesmo tempo são desenhadas por ele. As reflexões anteriores apontam alguns aspectos do tema que eu gostaria de ter tido em mente antes de iniciar o trabalho, uma parte dos quais eu nem sabia que gostaria de ter em mente. Alguns, em retrospecto, poderia ter me sido melhor saber ao ingressar na psicologia. No agregado até aqui, cheguei a uma nova certeza? Não saberia dizer mais do que certamente cheguei a algumas dúvidas novas, decorrentes em parte de novos jeitos de olhar para aquilo que elas questionam. De fato, este trabalho está repleto de perguntas que não são respondidas. Mas “ele”, o tema, era o posicionamento em um campo de práticas, teorias, éticas, incertezas, priorizações e negociações na psicologia. Do material construído com os entrevistados, nossa análise se voltou a como se percebem, como se posicionam, como percebem se posicionando, e, como dito no início do texto e antes de aprofundar a metodologia, esse é um movimento no qual eu também me insiro. Me insiro não só por ser psicólogo e utilizar da psicologia, mas porque realizar o presente trabalho pressupõe esse exato movimento como uma característica do próprio movimento maior de realizar o trabalho.

Elaborar novas dúvidas incluiu sempre questionar como respondê-las. Metodologicamente foi necessário observar o processo de encontrar uma metodologia, e, ao optar por certas respostas, esteve sempre em xeque o processo de responder o porque elas respondem adequadamente. É então justo dar novamente um passo atrás na nossa perspectiva para olhar esse aspecto do trabalho, que é o aspecto justamente de ele estar sendo feito.

O que percebo melhor apenas depois de muito tentar escrever sobre o estudo é que, para justificar a metodologia de construção e análise dos dados em um trabalho como esse, estava implicitamente respondendo às mesmas perguntas deixadas para os participantes nas entrevistas. Para realizar o presente estudo, no que a abordagem adotada atende a o que buscamos? No que não atende? Como chegamos até essa abordagem? Como explicar e justificá-la para os demais?

Olhar assim significa que, ao mesmo tempo em que fazia um trabalho sobre o posicionamento das psicólogas com o campo da psicologia, implicitamente fazia um meta-trabalho paralelo sobre metodologia, ainda que esse seja um trabalho pesquisando a metodologia de fazer a si mesmo, e qualquer resultado generalizável que saia disso a outros

trabalhos é um subproduto, ainda que desejável. Não acho que a presente dissertação seja tão única quanto a esse aspecto. Menos comum talvez seja tentar fazê-lo conscientemente como parte do trabalho e incorporar ao texto. Se na introdução apenas apontasse os questionamentos das reflexões anteriores, e nas páginas posteriores os direcionasse aos conceitos teóricos utilizados para responder a cada um dentro das entrevistas que os suscitaram, esse “meta-trabalho metodológico” ficaria escondido. Chegar a essa reflexão foi parte não só de passar por esse processo, mas de observar-se passando por esse processo à luz das reflexões outras na troca com autores, professores e participantes.

Esse texto é primariamente acadêmico; se volta a compartilhar e possibilitar usos. A figura pode ter detalhes que focamos, e às vezes reparamos neles de forma diferente após reparar em outros, mudando até a percepção total. Nem por isso deixa de adquirir seu sentido sempre a partir de nossa percepção do “todo”. Trazer às leitoras um pouco do percurso de como se constrói o trabalho “central” é torná-lo um pouco mais significativo através de apontar também esse “trabalho de fundo”, ainda que com isso abrindo a possibilidade de uma rejeição muito mais completa e aprofundada.

Todos os dados e reflexões construídas foram um diálogo com o que diziam autores, professores e minha orientadora, e, depois, sob a luz desses, um diálogo direto com os participantes, para por fim construir minhas próprias reflexões em diálogo com o que trouxeram os participantes e com o que havia aprendido nos demais contextos. Mas esse foi o entendimento que eu criei para mim. Agora é o momento de perceber que a leitura que será feita desse texto, será através de um diálogo que cada leitora puder criar para si com esse texto, a partir de suas próprias experiências e expectativas.

Assim como as autoras consultadas e os entrevistados trazem o melhor que podem para o que entendem que necessito saber, tento trazer à leitora os melhores subsídios que poderia disponibilizar para uma compreensão, seja uma para aceitar ou rejeitar a totalidade do que está escrito aqui. Através daquilo que me pareceu importante da linha de pensamento seguida até chegarmos nesta última reflexão, quis deixar explícito que sou uma pessoa produzindo em seu dado contexto e localidade, no que tem em comum ou incomum com cada leitora, e que quem fala não é a voz imaterial da ciência,

Sendo coerente com as reflexões sobre as entrevistas, e depois sobre profissionais da psicologia em geral, admito que esse movimento da última reflexão se lastreia pela capacidade de convencer a mim mesmo para mirar na capacidade de convencer aos demais. Se me perguntassem no exato momento em que escrevo como deveria ter sido feita a dissertação, teria argumentos que me convencem que deveria ser feita da exata maneira como

de fato foi. No início, todavia, não era assim que faria ou argumentaria. Será que a mudança em cada etapa e re-direcionamento tomado foi só lógica?

Me é intuitivo dizer que sim; que é completamente lógico, eu estive do ponto de vista de minha própria consciência pensando cada um de meus pensamentos. Muitas das reflexões trazidas aqui, em retrospecto, me parecem até intuitivamente óbvias, ainda que eu não as tivesse antes e talvez não viesse a ter se não fosse toda a experiência de realização do estudo. Mas ser intuitivo aqui significa não saber explicar mais aprofundadamente. No fundo, o que estudamos foi o caminho geralmente encoberto até o momento em que percebemos e declaramos ao mundo e a nós mesmos a aliança com uma posição teórica, metodológica, prática, ética. Aí sim, no culminar deste caminho encoberto, entendendo que é assim que se faz, que poderia começar e fazer.

Uma vez que fizemos esse percurso, os últimos parágrafos do último capítulo parecem comportar ainda mais uma mudança de perspectiva. Retomando analogias anteriores: uma pintura só tem esse sentido no momento em que alguém (mesmo que a pintora) a olhe do lado de fora e reconheça como uma pintura. A tela e a tinta não sabem que são uma pintura, e os personagens retratados também não estão contemplando essa possibilidade a não ser em nossa representação deles. Pensando de maneira semelhante, acredito que o sentido de um texto é construído a partir do que encontramos nele, mas não está interno no texto mesmo.

O texto dessa dissertação busca sua lógica e coerência interna tanto quanto possível e razoável, mas do ponto de vista externo ao texto mesmo, esse só faz qualquer sentido no momento em que alguém pára para lê-lo e encontra a partir de si o sentido. Isso inclui alguém que pule todos os capítulos anteriores para ler somente “como termina” e entende que isso é o que precisam ler. Inclui também alguém que, ao chegar na análise das entrevistas, considere que já sabe tudo o que precisava saber e para por aí. Inclui até alguém que, instigada, resolva fazer suas próprias pesquisas, e com isso decida que precisa repensar o texto, abrindo novamente o processo que pode culminar em um novo “declarar ter entendido”, às vezes até necessitando de releitura conforme muda o contexto e base de entendimento de quem lê.

Antes deste momento, tudo vai ser sentido como preparação para chegarmos ao objetivo de internamente considerar que o conteúdo é lido e conhecido (e esse objetivo não precisa ser alcançado), até o momento em que o fazemos. Até o momento em que entendemos haver entendido, ou chegado a *um dos* entendimentos possíveis, ou ainda o momento em que entendemos ser incompreensível. Pensar assim no processo de leitura ajuda a expor o processo de criação do trabalho. Desse ponto de vista, todo o “meta-trabalho” de que fala essa reflexão, que ocorre em cada nova versão nos muitos momentos de fazer, desfazer, refazer,

mudar ideias de acordo umas com as mudanças anteriores das outras, parece sempre um trabalho de preparar as condições iniciais para que o trabalho verdadeiro fosse posteriormente feito. A cada nova versão, de novo questionar qual o jeito de escrever, justificar, qual método de interpretação. Todo esse processo geralmente não descrito é vivido como pré-trabalho, como a procura pela maneira válida de fazê-lo, até o momento de olhar para o trabalho acumulado e declará-lo terminado.

O presente texto termina aqui.

5. Referências

- ABPBE(2022). Manifesto em Defesa da Psicologia Baseada em Evidências. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=Km6GQINkqi4>
Acessado em 29/06/2023, às 20:53
- *Arquivos cura gay*. CFP. (2018, 12 de setembro)
<https://site.cfp.org.br/tag/cura-gay/>
- Associação Brasileira de Psicologia Baseada em Evidências(2021-2022). *1º Congresso Brasileiro de Psicologia Baseada em Evidências*. O presente e o futuro da psicologia científica. Disponível em: <https://abpbe.org/congressoapbe/>
- Austin, J. L. (1975). *How to do things with words*. Oxford university press.
- Bamberg, M., De Fina, A., & Schiffrin, D. (2011). *Discourse and identity construction*. Handbook of identity theory and research, 177-199.
- Barthes, R. (2004). *Aula*. Editora Cultrix.
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (1967). *The social construction of reality: A treatise in the sociology of knowledge*. Anchor.
- Berger, P., & Luckman, T. (1966). *The social construction of knowledge*. New York: Doubleday.
- Blase, J.(1986). Socialization as Humanization: One Side of Becoming a Teacher. *Sociology of Education*, 59, 100–101.
- Bermúdez, A.C. *Sem provas, Weintraub diz que federais têm plantações extensivas de maconha* [22/11/2019]. [Educacao.uol.com.br](http://educacao.uol.com.br). Disponível em:
<https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/11/22/weintraub-ha-plantacoes-extensivas-de-maconha-em-universidades-federais.htm>
- Bettoi, W., & Simão, L. M. (2002). *Entrevistas com profissionais como atividade de ensino-aprendizagem desejável na formação do psicólogo*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(3), 613–624.
- Binet, A. (1890). *The Immortality of Infusoria*. *The Monist*, 21–37.
- Boesch, E. E. (1979). *Action et Objet: deux sources de l'identité du Moi. Identité individuelle et personnalisation*, Paris: Privat, 23-37.

- Boesch, E. E. (1997). *Reasons for a symbolic concept of action*. *Culture & Psychology*, 3(3), 423-431.
- Boesch, E. E. (2012). *Symbolic action theory and cultural psychology*. Springer Science & Business Media.
- Bourdieu, P. (2004). *Coisas Ditas* (Brasiliense (ed.); 1st ed.).
- Borges Florsheim, D., & Simão, L. M. (2021). *Towards rethinking the primacy of foundationalism: Epistemology, dialogue, and ethics in psychopathology*. *Theory & Psychology*, 31(2), 161-178.
- Bourdieu, P. (1987). *Choses dites*. Paris: Editions de minuit.
- BRASIL(2022). Câmara dos Deputados. Projeto de Lei 3081/2022. Revoga e altera Leis, Decretos-Leis e um Decreto, a fim de desregulamentar profissões e atividades que não ofereçam risco à segurança, à saúde, à ordem pública, à incolumidade individual e patrimonial. AUTOR. Tiago Mitraud (NOVO-MG). Proposta apresentada em: 22/12/2022
- Brockmeier, J., & Press, O. U. (2015). *Beyond the Archive: Memory, Narrative, and the Autobiographical Process*. Oxford University Press.
- Castro-Tejerina, J. (2014). “Psytizens”: The co-construction of the professional identity of psychology students in the postmodern world. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 48(4), 393–417.
- Christian Dunker (2021a): *Psicanálise baseada em evidências* | Christian Dunker | *Falando nlso* 324. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CZe1Y-4VunA&t=3s>
- Christian Dunker (2021b): *Resposta - Psicanálise baseada em evidências - parte 1* | Christian Dunker | *Falando nlso* 328 - . disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oPvcKTLirzI&t=1431s>
- Christian Dunker (2021c): *Resposta - Psicanálise baseada em evidências - parte 2* | Christian Dunker | *Falando nlso* 329 - . disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oiphctK5ZCc>
- Conselho Federal de Psicologia (Brasil, 2022) . Quem faz a psicologia brasileira? : um olhar sobre o presente: para construir o futuro : formação e inserção no mundo do trabalho : volume I : formação e

inserção no mundo do trabalho / Conselho Federal de Psicologia. — 1. ed.— Brasília : CFP , 2022.

- Conselho Federal de Psicologia (Brasil, 2023). Nota Técnica 1/2023 – Visa a orientar psicólogas e psicólogos sobre a prática da Constelação Familiar, também denominada Constelações Familiares Sistêmicas. Disponível em:
<https://site.cfp.org.br/documentos/nota-tecnica-1-2023-visa-a-orientar-psicologas-e-psicologos-sobre-a-pratica-da-constelacao-familiar-tambem-denominada-constelacoes-familiares-sistemicas/>
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. (2013). *Contribuições do Conselho Federal de Psicologia à discussão sobre a formação da(o) psicóloga(o)*. XV PLENÁRIO – GESTÃO 2011/2013.
- Drob, S. L. (2003). *Fragmentation in Contemporary Psychology: A Dialectical Solution*. *Journal of Humanistic Psychology*, 43(4).
- Falgares, G., Venza, G., & Guarnaccia, C. (2017). *Learning psychology and becoming psychologists: Developing professional identity through group experiential learning*. *Psychology Learning & Teaching*, 16(2), 232–247.
- Ferrarini, N. da L., Camargo, D. de, Albanese, L., Pan, M. A. G. de S., & Bulgacov, Y. L. M. (2016). *Formação do psicólogo brasileiro: impasses e desafios*.
- Figueiredo, L. C. (1991). *Matrizes do pensamento psicológico* (Petrópolis (ed.)). Vozes.
- Figuerêdo, R. B. de, & Cruz, F. M. L. (2017). *Psicologia: profissão feminina? A visão dos estudantes de Psicologia*. *Revista Estudos Feministas*, 25(2), 803–828.
- FREIRE, P. (1968). *Pedagogia do Oprimido. Saberes necessários à prática Educativa*. Editora paz e Terra, coleção primeiros passos. São Paulo, 1998
- Gadamer, H. G. (2013). *Truth and method*. A&C Black.
- Goertzen, J. R. (2010). *Dialectical pluralism: A theoretical conceptualization of pluralism in psychology*. *New Ideas in Psychology*, 28(2).
- Grice, H. P. (1975). *Logic and conversation*. In *Speech acts*

- Guimarães, Danilo Silva, e Simão, Livia Mathias, (2021) - *Dialogical Metapsychology in Semiotic-Cultural Constructivism: Open Perspectives for an Indigenous Psychology*; Human Arenas, p. 1-14, 2021 Tradução . . Disponível em:
<https://doi.org/10.1007/s42087-021-00246-7>. Acesso em: 07 jul. 2023.
- Hall, S. (1996). Who needs identity. *Questions of Cultural Identity*, 16(2), 1–17.
- Hammack, P. L. (2008). Narrative and the cultural psychology of identity. *Personality and social psychology review*, 12(3), 222-247.
- Jakobson, R. (1985). *Verbal art, verbal sign, verbal time*. U of Minnesota Press.
- Lee, J. A., Neimeyer, G. J., & Rice, K. G. (2013). The relationship between therapist epistemology, therapy style, working alliance, and interventions use. *American Journal of Psychotherapy*, 67(4), 323–345.
<https://doi.org/10.1176/appi.psychotherapy.2013.67.4.323>
- Longo, I. *Nazista, terraplanista, pastor evangélico: as figuras obscuras da Educação e Cultura de Bolsonaro*. (2022, March 23). Revista Fórum.
<https://revistaforum.com.br/opiniao/2022/3/23/nazista-terraplanista-pastor-evangelico-as-figuras-obscuras-da-educacao-cultura-de-bolsonaro-111962.html>
- Lopes, A. J. *Relembre declarações de Bolsonaro sobre a vacinação*. Poder360. (2022, 17.jan.) (segunda-feira) - 6h00. Disponível em:
<https://www.poder360.com.br/governo/relembre-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-a-vacinacao/>
- Marsico, G. (2012). The double uncertainty: Trajectories and professional identity in changing contexts. *Culture & Psychology*, 18(1), 121–132.
- Marsico, G. (2016). The borderland. *Culture & Psychology*, 22(2), 206-215.
- Marsico, G., & Tateo, L. (2017). Borders, tensegrity and development in dialogue. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 51, 536-556.

- Mengal, P. (1988). Pour une histoire de la psychologie. *Revue de synthèse*, 109(3), 485-497.
- Ministro da Educação defende combate a “marxismo cultural” em universidade. (2019, Abril, 8). Exame.
<https://exame.com/brasil/ministro-da-educacao-defende-combate-a-marxismo-cultural-em-universidade/>
- Mori, L. *CPI da Covid: as previsões erradas de Osmar Terra sobre a pandemia*. BBC News Brasil. (2021, 21. jun) Retrieved July 4, 2023, from <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57535494>
- Palma, E. M. S., Gondim, S. M. G., & Aguiar, C. V. N. (2018). Epistemic Orientation Short Scale: Development and Validity Evidence in a Sample of Psychotherapists . In *Paidéia* (Ribeirão Preto) (Vol. 28). scielo .
- Prestrelo, E. T. (2003). Da diversidade na psicologia. *Estudos e Pesquisas Em Psicologia*, 3(2), 1–3.
- Reed, E. S. (1997). *From Soul to Mind*. Yale University Press.
- Romaioli, D., & Faccio, E. (2012). When therapists do not know what to do: informal types of eclecticism in psychotherapy. *Research in Psychotherapy: Psychopathology, Process and Outcome*, 15(1), 10-21.
- Romanes, G. J. (1889). Psychology of Protozoa. *Nature*, 40(1040), 541–542.
- Sherif, C. W. (1998). Bias in psychology. *Feminism & Psychology*, 8(1), 58-75.
- Simão, L. M. (1989). Interação pesquisador-sujeito: a perspectiva de ação social na construção do conhecimento. *Ciênc. cult.*(São Paulo), 1195-202.
- Simão, L. M. (2004). Semiose e diálogo: para onde aponta o construtivismo semiótico-cultural. In: M. T. C. C. Souza (Ed.), *Os sentidos de construção: o si-mesmo e o outro*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 13-24.
- Simão, L. M. (2007). Entrar na Psicologia, encontrar os outros. *Revista Do Departamento de Psicologia*. UFF, 19(2), 481–485.
- Simão, L. M. (2010). *Ensaio Dialógicos: compartilhamento e diferença nas relações eu-outro*. Hucitec.

- Simão, L. M. (2015). The contemporary perspective of semiotic cultural constructivism: For a hermeneutical reflexivity in psychology. In G. Marsico, R. A. Ruggieri, & S. Salvatore (Eds.), *Reflexivity and psychology* (pp. 65–85). Information Age.
- Simão, L. M. (2016). Culture as a moving symbolic border. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 50(1), 14–28.
- Simão, L. M. (2020). Disquieting experiences and conversation. *Theory & Psychology*, 30(6), 864–877.
<https://doi.org/10.1177/0959354320957402>
- Stam, H. J. (2004). Unifying psychology: Epistemological act or disciplinary maneuver? *Journal of Clinical Psychology*, 60(12), 1259–1262. <https://doi.org/10.1002/jclp.20069>
- Stam, H. J. (2004). Unifying psychology: Epistemological act or disciplinary maneuver? *Journal of Clinical Psychology*, 60(12), 1259–1262. <https://doi.org/10.1002/jclp.20069>
- Tenente, L. Milton Ribeiro: veja 6 frases do ministro da Educação e entenda por que elas foram questionadas. (2021, August 23). G1. <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/08/23/milton-ribeiro-veja-frases-do-ministro-da-educacao-e-entenda-por-que-elas-foram-questionadas.ghtml>
- Uninter (2021) *Uninter lança primeira graduação em Psicanálise do Brasil*. Disponível em: [https://www.uninter.com/noticias/uninter-lanca-primeira-graduacao-em-psicanalise-do-brasil#:~:text=Por%20iniciativa%20da%20Uninter%2C%20o,Educa%C3%A7%C3%A3o%20a%20Dist%C3%A2ncia%20\(EAD\)](https://www.uninter.com/noticias/uninter-lanca-primeira-graduacao-em-psicanalise-do-brasil#:~:text=Por%20iniciativa%20da%20Uninter%2C%20o,Educa%C3%A7%C3%A3o%20a%20Dist%C3%A2ncia%20(EAD)).
- Valsiner, J. (1996). Co-constructionism and development: A socio-historic tradition. *Anuario de psicología/The UB Journal of psychology*, 63-82.
- Veiga, L. M. (2019). Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal: Revista de Psicologia*, 31(SPE), 244–248.
- Vygotsky, L. S. (1997). *The historical meaning of the crisis in psychology: A methodological investigation*. The Collected Works of LS Vygotsky, 3, 233–343.

- Watson, R. I. (1967). Psychology: A prescriptive science. *American Psychologist*, 22(6), 435–443.
- Wittgenstein.(1991) Investigações filosóficas. *São Paulo: Nova Cultural*, 1991. (Pensadores, Os).
- Zagaria, A., Ando', A., & Zennaro, A. (2020). Psychology: a Giant with Feet of Clay. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 54(3), 521–562. <https://doi.org/10.1007/s12124-020-09524-5>

ANEXO A

Transcrição de Entrevista - Participante 1 (P1)

P1 = mulher, negra, 40 anos, formada há 11 anos, dos quais exercendo a atual atividade há 7.

M = Pesquisador

M: Você se considera exercendo a psicologia desde uma perspectiva teórica específica?

P1: Essa é uma pergunta que cabe o mundo como resposta, né, porque eu acho que quando o psicólogo tá na clínica ali, né, no trabalho clássico, vamos dizer assim, isso fica um pouco mais evidente, mas, é, quando a gente trabalha no, na institucional, que é o meu caso, e que é também a maior parte da minha experiência profissional como psicóloga, eu percebo que isso fica um pouco mais, um pouco mais desvanecido eu diria assim, né, sem tantos limites, e eu penso que, não só por conta do teórico em si, né, da área, mas porque na instituição se acaba exercendo também vários papéis né, que até te tiram desse lugar de o psicólogo, então eu penso que entra tudo isso aí. Mas, voltando à pergunta especificamente, eu penso que sim, em alguns momentos mais ali voltados à atendimento em si, de algum usuário ou um cliente, como preferir, né, chamar, eu penso que fica mais evidente, né, esse, se colocar a teoria para funcionar, vamos pensar assim né, tá?

M: Tá. Qual que é, quando fica mais evidente nesses momentos?

P1: Como fica ou quando?

M: Também, essa era a próxima pergunta também...(risos) mas assim, tem alguma teoria específica? Aí eu fiquei curioso qual seria essa teoria, se você reconh...ou quais?

P1: Ah, sim, bom, eu me oriento né, o que eu estudei mais foi a psicanálise, e psicanálise francesa é a formação que eu tenho, lá no campus, na universidade onde eu estudei, é, porque eu também tenho uma experiência um pouquinho maior no atendimento, na orientação a pais e na psicologia escolar, tá? Mas quando eu fui trabalhar no SUS, eu percebi que, que isso um pouco pelo menos na minha experiência... (inaudível)

P1?

...(passam alguns segundos sem conexão eletrônica entre as partes)

P1: Oi, caiu?

M: Acho que caiu um pouquinho, desculpa.

P1: Não tem problema, onde que você ouviu, até onde você conseguiu ouvir?

ANEXO A

M: Você tava falando assim: porém quando no SUS.

P1: Ah tá, eu percebi que isso mudou bastante, né, porque a complexidade dos casos e a variedade é tão grande que realmente exige que a gente acabe buscando referências também, não sei se para dar conta, né, acho difícil falar isso, porque acho que nosso trabalho não é dar conta, né. A gente sabe disso, mas a gente é cobrado, né, para que a gente dê conta. Mas, eu penso que a própria complexidade, do que chega pra gente das pessoas exige que a gente também saia desse lugar de só ter dois ou três teóricos e ter uma única referência, eu vou dizer assim. Eu penso que, pra mim, orientação psicanalítica é o que eu me sinto mais confortável, mas não tem como a gente tá no SUS, trabalhando com famílias, e não recorrer à psicologia social, estudar outras coisas, né, conversar com colegas e aprender com eles também. É assim que eu vejo, desde quando eu me formei eu percebi logo de cara, para falar a verdade, eu não ia ser essa psicóloga assim, “ah, eu sou isso”, até gostaria e acho que eu fiquei um bom tempo aí tentando ter uma base assim específica, mas, não é como eu me vejo, não é como eu me sinto confortável também, e eu gosto muito de estudar outros, vários autores da psicologia né, então nunca consegui assim, ter poucos, eu diria, como referência, mas também não consigo ter muitos, né, eu tenho alguns. Tá?

M: Tá. É...quer falar um pouquinho dos outros que você também vê como referência?

P1: Olha, assim, hoje eu tenho...acho que 11 anos? Formada? 10 ou 11? Eu comecei na área como segunda profissão, tá, e 10 anos depois eu percebo que assim eu tenho, eu me identifico muito mais por exemplo, com, a fenomenologia, eu já lia muito também antes da faculdade sobre existencialismo, e hoje eu percebo muito isso, né. Às vezes a gente tem poucas oportunidades, né, no curso, embora a gente tenha o mundo de autores na psicologia, mas a gente vê alguns, a verdade é essa. Aí depois com a sua prática, no tempo que você tem experiência de profissional e pessoal você vai se identificando com o outro. Acho que, bom, que a gente tem essa possibilidade de se deixar também. Não acho que mudar, acho que mudar é meio complicado, mas você conseguir agregar outros ao seu trabalho, e, assim, acho que eu, eu penso que pra mim faz muito mais sentido a fenomenologia por exemplo pra muitos casos que eu atendo dos usuários, até porque a gente não atende toda semana. A ideia não é essa, a gente atende por um tempo, aí eles vão embora e voltam, eu penso que fica muito mais...eu consigo ajudá-los muito melhor nessa proposta, mais fenomenológica, eu diria...Eu penso que é isso, eu tenho estudado mais psicanálise, mas, eu acho que também a questão da atenção básica faz com que a gente estude muito mais de saúde pública e o profissional psicólogo de saúde pública, então a gente acaba, alguns autores a gente não aprofunda tão mais quando mais velhos de profissão. A gente acaba se apegando às questões

ANEXO A

técnicas do trabalho. Então acho que os autores clássicos confesso que, não é que a gente deixa de lado, mas surgem outras demandas pra gente se atentar mais que isso, mas tenho muitas saudades de pegar um livro assim do cara teórico e, deixa eu estudar, deixa eu lembrar o que é isso aqui. Acho que é isso.

M: Acho que o outro ponto que você falou, não é nem que você deixou de ter a psicanálise francesa como referência, mas você foi agregando outras coisas, e foi agregando um pouco também por causa da experiência diferente, certo?

P1: Certo, é isso

M: No que que você sente que a fenô, o existencialismo, a psicanálise francesa, dão conta do que você precisa, no que você sente que não?

P1: Olha, às vezes eu sinto que, é, a gente leva, né, tudo que a gente é enquanto profissional, são esses autores que vão formando a gente ao longo do tempo, né, mas muitas vezes, é, essa escuta mesmo que a gente precisa ter, né, dos usuários e, eles na simplicidade do que eles trazem, e na complexidade também, nas situações difíceis, muitas vezes precisa de duas ou três semanas para a gente só ouvir e entender o que que tá acontecendo, tá? Eu acho que às vezes não são os autores logo de cara que vão fazer a gente pensar ali ou na, logo de cara né o que a gente tá ouvindo mas, eu acho que às vezes, não gostaria de usar a palavra atrapalha, mas eu acho que às vezes a gente tenta esquecer um pouco. Inicialmente a gente tem que até esquecer até a nossa orientação mesmo teórica, enfim, penso que, eu não pensaria que não daria conta, eu não sei, não vejo assim, mas, eu acho que, é, com o tempo a gente vai percebendo que esses autores eles ajudam e contribuem muito para nossa prática ali com famílias, né, no trabalho mesmo, na porta de entrada, né, que a gente chama na atenção básica mas, as vezes eu acho que você tem que fazer também a sua micro-teoria de início assim, antes de você repensar, né, e trazer todo, a bagagem que você tem teórica para discutir ou refletir sobre um caso, tá? É assim que eu vejo.

M: Tá, é, você sabe especificar mais ou menos, não precisa ser um sistema necessariamente muito formalizado, nem tão sistematizado, mas como que é esse processo de você acabar criando uma teoria pros atendimentos...

P1: Eu acho que eu quis dizer microteoria porque todo caso novo vai ser uma novidade né, não sei se de repente usando a palavra microteoria fica parecendo que todo caso que aparece você é o psicólogo da colcha de retalho igual a gente brinca, né? Esse aqui é Skinner, esse aqui não é isso, tá. Mas acho que é justamente você se esvaziar um pouco de todos esses mecanismos o que a gente aprende da ordem do que as pessoas falam, sobre o que elas tão falando, acho que às vezes, quando a gente tem isso muito forte assim, eu sou, exemplo, eu

ANEXO A

sou lacaniano, é assim que eu vejo, tá, então eu já vou com essa perspectiva no atendimento das pessoas. Mas não, com o tempo eu fui realmente me esvaziando, esqueço até o que eu gosto como psicologia, eu só escuto, depois eu penso, muitas vezes eu penso duas três semanas o que as pessoas estão me trazendo ali, claro que não é que você vai também só ouvir e não vai ajudar a pessoa né, refletir o que está acontecendo com ela, a ideia não é essa, mas a gente não se colocar nesse lugar muito delimitado, porque eu penso que às vezes acaba passando o que a pessoa tá te colocando como mais urgente quando tem essa coisa do teórico urgente antes do profissional ou antes da pessoa que vai ajudar o usuário. Eu acho que é essa a ideia da microteoria, não é que eu penso coisas diferentes sobre os casos, diferentes assim teoricamente falando.

M: Com tudo, o que você acha que é importante para a qualidade do trabalho do psicólogo?

P1: Eu penso que muita coisa, tá, inclusive você conhecer o trabalho dos colegas de outras profissões que trabalham com você, e aí quando eu digo isso to querendo dizer uma questão mais interprofissional, eu penso que quando o psicólogo que trabalha numa instituição, eu vejo quanto isso ainda é difícil para a gente, porque podem ter 5 profissionais diferentes, mas a questão do psicólogo sempre vai ter aí porque a sala, porque a escuta, porque é diferente do psicólogo, a gente ainda carrega muito né esse estereotípico e as pessoas também atribuem isso, né, a nosso trabalho, então se a gente lida com isso até hoje a gente ainda não conseguiu superar, é assim que eu vejo, então eu vejo que o que é importante é você conhecer bem o trabalho de seus colegas, você saber um pouco ou muito como eles ajudam também, porque muitas vezes os nossos colegas de outras profissões não sabem como nós psicólogos ajudamos. Às vezes eles acham que a gente tem uma escuta também a princípio muitíssimo diferente. Não, de repente uma pessoa que é enfermeira vai sentar ali, vai ouvir, muitas vezes vai compor também nas mesmas questões, e eu penso que é importante, psicólogo tem sim que estudar muito, tá, estudar sobre não só teóricos mas propostas diferentes, como lidar com família, como lidar com na escola, como trabalhar junto da assistência social, então é um mundo de coisas que a gente precisa sempre estar envolvido, por isso que eu acho que é bem difícil, é um trabalho difícil e sempre é necessário você estar se reinventando, por isso eu acredito muito nisso também

M: Deu uma leve travadinha em alguns exemplos, você falou de família, escola, assistência social, perdi algum?

P1: Não, eu acho que eu falei assim que é importante a gente estar estudando sempre sobre isso, envolvido, eu devo ter falado que a gente precisa também sempre se reinventar, quando

ANEXO A

eu digo reinventar, pensar em propostas novas também, ou até mesmo estudar assuntos que não são tanto do seu interesse, tá, exemplo, nunca achei que eu fosse trabalhar assim tão em conjunto com assistentes sociais, por exemplo, nunca foi tanto meu interesse, mas no trabalho percebi o quanto é necessário e fui ali entender um pouco mais, um trabalho que não é o meu, não depende do delas, mas é necessário, eu preciso saber orientar os usuários às vezes. Então por isso que o trabalho do psicólogo é difícil. É o profissional que mais tem o lugar estereotipado, mas mais precisaria sair desse lugar, acho que é isso.

M: Fiquei curioso, você fala um pouco desse entendimento da profissão do outro para trabalhar numa equipe inter-profissional, certo? Se você precisar se explicar para alguém que não é psicólogo, imaginando que alguém que conhece de saúde pública, imagine talvez até colegas: o que faz um psicólogo? Ou, para que serve a psicologia? Que explicação você daria?

P1: Do porquê é necessário saber do trabalho do outro, seria essa a ideia?

M: Não, não, é...assim...

P1: É explicar para alguém que não é psicólogo sobre...

M: O que é a psicologia, para que serve a psicologia, o que faz um psicólogo?

P1: Bom, eu sempre tenho que explicar para crianças, né? Eu lembrei agora dessa situação. Às vezes é um nome meio estranho né, são muitos psis né, então eles acabam confundindo também...

... (seguem-se alguns segundos sem conexão entre as partes)

M: P1?

P1: O psicólogo, você faz o quê? Oi, tá me ouvindo, tá me ouvindo?

M: Para evitar que caia de novo, vou desligar o meu vídeo, que aí a plataforma fica mais leve, pode ser?

P1: Ah, tá bom, tudo bem.

M: Você estava falando, eles confundem, às vezes, as crianças...

P1: Confundem, e também às vezes não sabem mesmo, às vezes nunca estive com um especialista, aí pergunta "ah, psicólogo", eles sabem falar muitas vezes, mas o que que é psicólogo, né, eu sempre procuro explicar que é um profissional que vai ouvir o que ele tem para me falar, seja um problema ou uma opinião, eu falo assim, opinião para não ficar só focado no problema, tá, então vou ouvir de um jeito diferente de como a família escuta e a escola escuta, um exemplo, tá? Porque às vezes não, o psicólogo escuta da mesma forma, né. Eu tento mostrar pras crianças assim, eu sou um profissional, que eu vou pensar junto com você o que tá acontecendo contigo, mas eu vou pensar junto e eu tenho que pensar de um jeito

ANEXO A

diferente de todo mundo. É assim que eu explico, tá? Agora, pensando para um adulto, porque os adultos também, até nós, né, nós temos muita dúvida do que um psicólogo realmente faz, a gente tá estudando até hoje no final de contas, eu penso que também é por aí, eu sou uma profissional e a gente vai pensar as questões que você tá trazendo, o problema, ou enfim, o que aconteceu com você, a gente vai pensar juntos, eu tenho uma teoria, eu tenho uma técnica, mas o que a gente vai fazer vai ser sempre junto, então eu tenho que pensar para além de uma técnica, porque afinal, preciso trazer o que a pessoa tá me trazendo, eu preciso escutar de uma forma que atinja a ela. Não é só por uma técnica. Eu acho que é por aí que eu explico.

M: Se você fosse contratar uma profissional, uma psicóloga, como você faria essa seleção, ou que características você ia procurar nesta profissional?

P1: Bom, eu já, uma psicóloga em si, já precisei fazer isso duas vezes, e mais estagiários, né, que é a experiência que eu tenho, tá? Sempre pergunto se elas conhecem aquela instituição que eu estou. Elas sabem o que se faz ali, o que ela pensou previamente sobre o trabalho de um psicólogo naquele espaço, então, dependendo da experiência dela ou do ano da faculdade, ah... quais disciplinas você já estudou até então? Você consegue pensar, raciocinar sobre o que você já aprendeu até então no que poderia contribuir nesse espaço? E também na visão que esse profissional tem sobre a própria profissão? O que que ele vê trabalhando como psicólogo? O que ele já imaginou, idealiza, porque sempre passa né, quando alguém está em busca de um estágio, sempre passa por uma idealização de o que ele vai fazer. Então sempre pergunto por aí, o que você já sabe, como você se vê nesse espaço, o que nos fazemos, como você vai ajudar ou contribuir... eu penso que é por aí.

M: Se você fosse escolher um curso para se aperfeiçoar em uma prática da psicologia. O que você ia procurar nesse curso, como você ia selecionar quais características são importantes?

P1: Bom, atualmente né, to bem envolvida com neuropsicologia, porque eu trabalho no centro de convivência onde a maior parte das pessoas tem deficiência intelectual, esse espaço ele vai se transformar num centro de reabilitação, e, a uns cinco anos, eu também atuo como psicóloga escolar, mas, qual que é a ideia, né, é justamente o contrário, é pensar como muitas vezes a escola, os médicos, nós psicólogos, adoecemos as crianças, então eu fui fazer neuropsicologia para tentar desconstruir isso, justamente pela via contrária eu fui atrás da especialização, e gostei muito, acho que tenho muitas contribuições aí especialmente num centro de reabilitação, e eu buscaria que é o que vai acontecer a partir do mês que vem, o curso de reabilitação cognitiva, eu ali, é mais uma técnica, o conhecimento mais técnico da psicologia que eu percebi que faltou muito na minha formação, e que é muito útil, pelo menos

ANEXO A

nos espaços onde estou hoje. Seria isso, buscaria por um conhecimento um pouco mais técnico, tá?

M: Tá. É... assim, escolhendo entre diferentes cursos de neuropsi, você tem alguma outra característica ou alguma outra coisa que você busca no curso, ou iria mais por esse lado da técnica? Entre diferentes cursos de uma mesma área, por exemplo?

P1: Quando você perguntou o que eu buscava, ou se eu fosse para buscar algo para além da teoria, você está se referindo à própria neuropsicologia ou outros campos, outras áreas da psicologia, eu não entendi muito bem.

M: Podem ser também outros campos e outras áreas, mas, por exemplo, se você fosse escolher entre 3 ou 4 opções de curso em neuropsicologia, o que pesaria para escolher entre um ou outro

P1: Bom, sempre gostei de neurociências em geral, né, acho que a neuropsicologia foi uma forma e trazer o conhecimento das neurociências para o meu trabalho prático. Mas, eu gosto muito de estudar sobre memória, tentar entender um pouco mais ali e tornar um pouco mais, acho que possível, a questão da variação psicológica e neuropsicológica também no serviço público, tá, porque eu, bom, vejo que é extremamente necessário mas, a gente sabe que são avaliações caras, a gente sabe também no grande problema que é, o quanto isso tem em outros espaços, né, tem prejudicado também pacientes, crianças, e, ser muito taxativo, né, essa criança tem uma deficiência intelectual, a gente sabe disso, então penso que também com a minha experiência posso contribuir a não cair nesse lugar, né, de rotular, então eu acho que avaliação neuropsicológica, ah, a questão da reabilitação para mim é bem importante também, porque, legal a gente avalia, o que que a gente faz para esse usuário depois, e... qual foi o primeiro que falei, já esqueci... ah tá, estudar sobre memória, é isso....

M: É...como você acha que as pessoas deveriam construir o conhecimento, ou aperfeiçoar as práticas na psicologia, e a gente tá, na psicologia de um modo mais geral, não necessariamente só na neuropsicologia...

P1: Como a gente poderia? É. Olha, eu tenho, eu gosto muito dos espaços né, quando eu falo espaço não só físico como virtual também, coletivo, então, o, não muito com essa ideia ou cara de curso, mas onde profissionais possam, é, discutir juntos ali, né, e trazer um profissional diferente para liderar, sei lá, que seja uma discussão de caso né, enfim, eu acho que estar sempre em contato com outros profissionais, isso ajuda muito. Cursos, cursos a gente tá sempre fazendo, mas eu não acho que é o curso que vai fazer com que a gente cresça profissionalmente, eu pelo menos conheço profissionais que tão sempre fazendo muitos cursos, estudando, mas muitas vezes não conseguem mudar muito a prática né. Então acho

ANEXO A

que são esses espaços coletivos em que a gente consegue estar com outros profissionais e, trocando experiências, penso assim.

M: Meio ficou um pouco uma curiosidade, e a parte mais teórica, mais formal, que não é essa parte prática, não passa por estágios, grupos de discussão, é... você imagina algum direcionamento de como ela devia ser construída, como a gente poderia aperfeiçoar a parte teórica da psicologia de modo geral?

P1: Ah, eu penso que sim, a gente poderia se possível né, formar uma política pública, e aí eu vou confessar a minha ignorância porque até onde eu sei não existe uma específica pra isso, mas posso tá errada, tá? Uma política pública para as supervisões, né, dos profissionais psicólogos, que seja no SUS ou nos serviços públicos, porque, a gente não tem supervisão, isso não é algo comum, poucas prefeituras ou localidades dispõe de um profissional, né, de um supervisor. Então, penso que assim, profissionalmente, e aí tô me referindo a esfera pública, tá, eu penso que a supervisão, e isso poderia ajudar muito, porque a gente também não pode esquecer de uma teoria, óbvio, a gente tem ali um saber específico, mas agora profissionais que atuam, são autônomos, que seja, na clinica, acaba ficando muito individualizada essa busca também, e aí eu também acho que acaba sendo espaços coletivos. Porque não núcleos de estudo e grupos de estudo que podem ser formados por profissionais mesmo, colegas que se conhecem, que fazem esse trabalho, é... o problema assim que eu vejo também, é que isso acaba tendo um ônus, acaba sendo difícil pagar, muitos grupos de estudo exigem que você pague como um curso, e muitos profissionais também não dispõe desse valor, então eu penso que talvez propostas assim meio que, sem ter essa ideia do pagamento, que seja gratuito, enfim... bom, essas são ideias. Talvez tenham melhores, mas foi o que eu pensei agora.

M: Como você acha que os outros profissionais ou outras psicólogas, como se posicionam e acabam decidindo e formando a atuação profissional e principalmente essa escolha por uma abordagem, e essa situação no campo teórico?

P1: Como os profissionais acabam escolhendo? Olha, eu tenho visto assim... Eu, eu penso que... muitos acabam realmente se identificando com algumas teorias e não com uma, com o tempo, com a experiência profissional, tá? É, muitas vezes a gente sai da faculdade também muito determinado a seguir um, sei lá, um arcabouço teórico que você com a sua prática vê que não é aquilo, famoso “a teoria é uma coisa, na pratica é outra”, a gente vê assim, que acaba sendo um pouco isso, a gente não é tão diferente dos outros profissionais nesse ponto, mas eu penso que com a experiência profissional, a experiência profissional ela ajuda muito você a se identificar com outras teorias que você não teve oportunidade de ver seja na

ANEXO A

faculdade ou aqueles que já terminam a faculdade e começam um curso de pós graduação. Muitas vezes você precisa de um tempo um pouco maior para perceber se é aquilo mesmo, ou se identificar com outras teorias, ou, não que você precise substituir, né, tem psicólogos que preferem não dizer que tem uma teoria específica. O que na minha opinião no institucional, por exemplo, isso é bem cabível, viu, é bem possível eu diria, em alguns momentos vai dar problema, é bem possível, e eu penso que é isso, não é a teoria que vai fazer o profissional psicólogo, né?

M: De algum jeito alguns profissionais, nessas escolhas que são identificadas com o tempo, a partir da experiência, alguns acabam se situando entre uma teoria e outra, certo?

P1: Certo.

M: O que você acha que leva estes a se situarem de um jeito ou de outro, ou, mesmo aqueles que acabam se reconhecendo como não tendo uma teoria específica, o que leva esses a se reconhecer como não tendo uma teoria específica, o que diferencia entre um e outro?

P1: Mas aí, se referindo ao que eu disse em relação à experiência profissional?

M: Sim.

P1: Desses que têm uma experiência profissional maior, então, o que diferencia o que mantém e outros que mudam, é isso?

M: Sim, também, é uma boa pergunta intermediária...

P1: Olha, eu acho que, eu vou voltar nas microteorias, as narrativas que as pessoas trazem, e da diversidade mesmo da vida, tá, eu acho que ela acaba fazendo com que os profissionais repensem sobre qual perspectiva que ele escolheu inicialmente, eu penso que justamente ouvir dessas pessoas, porque, dos usuários, né, que sejam dos clientes ou dos pacientes, porque a gente lê um caso clínico, proposto por um teórico, é extremamente importante, e acho que se eu pudesse fazer, se não tivesse outras questões como trabalho, pós-graduação, eu faria isso toda semana, que eu adoro, mas você ouvir esse mesmo caso da pessoa que chegou ali na sua frente, você vai repensar muita coisa, você vai imprimir ali também a sua percepção, que é algo que não é só, o se valer do, de quantos casos clínicos você já leu de tal teórico, né, ouvir sempre vai mudar tudo, na minha opinião.

M: Bom, já que a gente fez essa separação, e no outro momento anterior, por exemplo, quando as pessoas estão saindo da faculdade ou quando elas tão na faculdade, mas antes de ter uma experiência mais prática, o que que faz com que algumas se sintam mais tentadas para alguma abordagem ou outra?

ANEXO A

P1: Ah, não consigo pensar em algo diferente do se sentir confortável, se você não tem muita experiência, afinal o que faz a gente se sentir seguro no trabalho, acaba sendo uma teoria, é o que você sabe, se o como, sei lá, que seja, né, o que você sabe é a teoria, eu penso que você vai se valer, né, enfim, para conseguir atender alguém, conseguir fazer um trabalho que você pelo menos tenha a intenção de ajudar. Muitas vezes a gente não sabe nem como, né, como ajudar, e ainda mais quando você é recém formado, você não sabe nem como aquela teoria vai ajudar, foi feito estágio, supervisão, tudo, mas muitas vezes a gente não sabe exatamente como, como fazer isso, como faço aquela transposição, muitas vezes pode até saber, mas exatamente como em cada caso não sei fazer, né, então penso que é um lugar um pouco mais confortável, né, uma teoria, um saber teórico que seja. Acho que é isso.

M: A gente tem falado bastante sobre os modos de transitar entre uma e outra... o que você acha como um todo do fato de ter essa diversidade teórica na psicologia?

P1: Olha, eu acho, eu gosto, tá, as vezes acho um pouco arriscado, eu acho arriscado no seguinte sentido, porque quando tem novos teóricos, e, principalmente quando estão mais evidentes, ou, sei lá, não queria falar moda, mas como se fosse...

M: Pode falar, sintá-se...

P1: Eu acho um pouco complicado, tá? Ai eu também penso que exige um pouco ... (inaudível)...a proposta, será que ela faz parte da psicologia, sim ou não? Vou dar um exemplo, constelação familiar, que assim, os usuários, os clientes, as pessoas perguntam, as pessoas adoram, mas a gente não sabe ainda se isso faz parte da psicologia. Vão ter varios teóricos que vão falar “não, um absurdo, é, não, não faz sentido” mas eu não sei, não sei, estudei pouco ainda, não tenho essa certeza, né. Esse, desses pontos que eu queria falar, muitas vezes é bom ter uma diversidade mas ao mesmo tempo acho bem arriscado.

M: O que que precisaria preencher ou o que não poderia ter uma abordagem para ela fazer ou não fazer parte da psicologia?

P1: Não sei... aí é que tá, a gente não sabe, não sei. Eu acho que tem aquela, é, o que a gente, né, meio que se pauta ali até na ética, mas, se é algo que a gente sabe que vai prejudicar o paciente, né, enfim, claro que isso principalmente se a gente já trabalhou um bom tempo a gente sabe logo de cara, olha, acho que isso não vai ser bom, mas tirando isso, tirando a ética, o que mais? Não sei, é uma teoria, alguém que estudou sobre, as vezes é um psicólogo né, que sei lá, escreveu, estudou sobre aquilo, tudo bem, algumas das vezes você vê que falta ali uma, teórico técnico, vamos dizer assim, não sabe o que falta, e às vezes é só uma ideia por cima ali, mas, não sei o que realmente precisa para ter um critério de exclusão, isso é psicologia ou não é.

ANEXO A

M: Ou de inclusão?

P1: Ou de inclusão... Né, não saberia dizer, não sei, eu gosto muito de saber sobre, de estudar sobre para eu entender exatamente o que que é, todas as pessoas torcem o nariz logo de cara, peraí, eu vou entender sobre, depois eu vejo se eu vou gostar ou não vou gostar.

M: Bom, você citou pelo menos um exemplo e talvez tenha dado a entender que tem alguns outros exemplos...você tem alguma ressalva que você consiga imaginar, por exemplo, com a constelação familiar ou outros exemplos, que você diz com outras abordagens que entram na moda?

P1: Olha, tenho sim algumas preocupações, ressalvas, quando algumas teorias ou técnicas, tá, quando elas tem alguma outra variabilidade, desculpe peraí...por exemplo, de você conversar com a pessoa ali presencialmente para depois se transformar em bonecos, eu sei que tem isso, e fazer alguma variação de bonecos para pessoa. Não sei, vou falar como psicóloga eu realmente ficaria preocupada: será que isso realmente, né, vai traduzir ali a questão exposta pelo usuário, paciente, que seja, não sei, tá? E, eu acho que essa outra, né, variabilidade, né, muita diversidade começa a se estender para algo que é o que a pessoa tá sentindo no momento, não é uma técnica, não é algo baseado num estudo por exemplo, ao longo de anos ou uma pesquisa que seja para saber que com bonecos faz sentido, não sei. Eu sei como surgiu o teórico, tem muita coisa que faz sentido sim, baseado em filosofia e em psicologia, mas quando algo se expande para muita diversidade, né, aí eu já me preocupo, claro, se tem o exemplo da constelação que eu lembrei agora porque tá na moda mesmo, né, já acredito que faz uns bons anos, mas acredito que entra na questão do coach que a gente se preocupa assim que não tem tanta certeza que elas vão ter experiência profissional, ou elas não sabem o raciocínio, né, clínico, né, do que é uma questão, problema, ou que seja, que a pessoa traz, então a gente sabe que isso tem uma implicação grave, né, na vida de alguém, pode ter... É nesse sentido que eu digo, quando as coisas ficam muito diversas, então eu me preocupo... praticamente para criar uma necessidade, igual o marketing, né... É assim que eu vejo.

M: É... Você gostaria de explicitar talvez que necessidades você sente sendo criadas ou instigadas?

P1: Ah, olha, logo de cara, eu penso muito que a gente, né, os profissionais psicólogos muitas vezes, hoje eu vejo menos, ok, mas a gente sabe que tem essa questão, da extensão das terapias, de ficar muito tempo com o paciente, as pessoas querem resultado mais rápido, né, enfim, então eu penso que os coachs eles vieram aí para preencher, né, essa lacuna, que as pessoas veem que pode né, resolver rápido. Eu não acho que a gente tinha, a gente, digo, psicólogos, teria que propor terapias mais rápidas, mas será que a gente não fica um pouco

ANEXO A

distante dos pacientes quando a gente explica como funciona, ou então, será que de repente a gente não demora muito mesmo? Será que tem essa necessidade? Eu penso que é por aí né, então essas terapias diversas, elas vão encontrando nichos, elas vão encontrando nichos não só mais ali na questão do capital, sim, obviamente tem isso, mas também tem do nosso lugar como psicólogo que ainda a gente tem sim uma distancia das pessoas, a gente não explica pra elas como funciona, o que é nosso trabalho, muitas vezes a gente quer ficar nessa coisa de racionalizar a questão que eles trazem sem também nem propor nem falar o que você acha, porque eu não posso falar o que eu acho também, sobre alguma questão que o paciente tá trazendo? As vezes é só o que ele precisa. Às vezes ele precisa de alguém que não é da família dele falando a mesma coisa. Acontece, sabemos que acontece. Então eu penso que essas terapias aí, diversas, elas foram encontrando aí as principais críticas da própria população, né, sobre a nossa própria profissão, o nosso próprio fazer, eu penso que sim.

M: A gente falou um pouquinho dos efeitos, e talvez o espaço que tenham ocupado algumas das novas terapias ou propostas que tem surgido principalmente, né... Mas o que que você acha que causa existir uma diversidade na psicologia, do jeito que existe? E isso às vezes pode incluir tanto essas novas abordagens que não vem necessariamente da psicologia, né, mas também as abordagens já clássicas, consagradas, desses autores que a gente estuda na faculdade.

P1: Olha, eu já acho que essa pergunta eu acho que eu já teria que pensar um pouco melhor assim... Não sei se eu tenho uma resposta o que que causa, não sei, eu acho que a gente já vem de uma profissão, um saber teórico que tem muita diversidade, não sei se é tão diferente disso, mas... Será que são, não é o desejo das pessoas de ter teorias que elas se identifiquem mais, não sei, pensando aqui, não sei se é também uma falha, fragilidade da nossa profissão, nosso saber teórico, penso que são varias coisas tá, não acho que é uma só não, mas eu precisaria pensar um pouco melhor, não saberia te responder um pouco de cara o que eu acho..

M: Lembrando também que assim, a pesquisa é anônima e não tem uma resposta certa ou resposta errada, então, você pode arriscar, falar suas opiniões...

P1: Tá bom

M: Tem mais alguma coisa que você sentiu que faltou falar, é importante sobre o jeito que é construída essa diversidade teórica, ou sobre o cenário mesmo como ele é, como ele funciona?

P1: Olha, eu penso que aquela questão lá que a gente colocou, quer dizer, que eu coloquei, né, da supervisão, as vezes eu penso que, os psicólogos, muitas vezes em equipe já mais de um

ANEXO A

psicólogo, né, a gente tem uma, talvez a gente tenha um pouco de dificuldade ainda de conversar com os outros profissionais, mas a gente tem muita dificuldade de conversar com a gente mesmo, né, da nossa área. Porque vem dessa coisa de formação de “ah, eu vejo dessa forma, vejo daquela”, e acaba com que a gente também se afaste, então a gente teria que pensar em possibilidades de como esses profissionais podem, mesmo tendo orientações teóricas diferentes, diversas, como eles poderiam conversar mais né, e aí quando eu falo com a gente, eu também me incluo né, muitas vezes não sei qual que tem, vem de uma formação, sei lá... Deixa eu pensar, aí a análise do comportamento clássica pra mim muitas vezes acaba sendo um pouco difícil, e eu sei que o que ele estuda é extremamente importante, necessário, eu posso saber de tudo isso, mas como que eu trago também o que ele sabe para a gente construir junto, então eu vejo essa dificuldade dos próprios psicólogos, no trabalho em conjunto né, e... bom, enfim... Talvez seria até mesmo uma supervisão que fizesse essa ligação aí, né, eu pensei nisso a princípio, tá, no que você falou.

M: Você imagina um jeito que funcionaria essa supervisão, ou algo que precisa acontecer ou não acontecer?

P1: Eu só vejo pela via de estudos de grupos, porque eu não consigo conversar com esse outro psicólogo. Eu falei análise do comportamento como exemplo, tá. É muito pelo contrário, não é exatamente a minha dificuldade, mas assim, eu acho que, se eu não compreendo muito bem como é o trabalho do próprio profissional da minha área, será que eu não tenho que entender mais, estudar o que ele faz? Porque não? De onde vem esse distanciamento? Como se fosse o famoso grupo, né, são os partidos, é o partido político. Claro, tô colocando como exemplo porque eu não vejo assim quando se refere à política exatamente, tá? Mas eu penso que essas dificuldades aí, porque eu sou daqui e você é daí, porque? Eu acho que isso afasta, né, acaba atrapalhando também quando a gente tá ali com os usuários, porque também na instituição a gente tem que saber quando determinada família ou o paciente, que seja, não é pra, você não vai conseguir ajudar da melhor forma possível... Não é só na clínica, né, que a gente tem que encaminhar pra um colega, quando a gente vê que não é o nosso trabalho que vai conseguir ajudar... Na instituição também, mas é que muitas vezes acontece, por isso eu acho que estudos é o que poderia ajudar.

M: Você entende que essa opção por uma abordagem, ou algum jeito de se posicionar no cenário teórico, eles atendem alguma demanda? Pode ser sua, ou pode ser dos outros profissionais que você tá falando que atuam desses outros jeitos que a gente foi discutindo...

ANEXO A

P1: Você diz assim, em relação aos profissionais assumirem que não sabem exatamente? Não entendi.

M: Também, mas também aqueles que se dizem colocando uma abordagem, então, quem diz “eu sou psicanalista, analista do comportamento...”, todos esses são jeitos de se colocar.

P1: Muitas vezes as pessoas falam “sou psicanalista”, e, tá, eu sou psicanalista, né, mas qual exatamente sua linha, enfim... a gente sabe das diferenças, que não é tudo igual, mas eu não.. eu acho que eu me perdi na sua pergunta, desculpa, aí, você poderia repetir? Eu acho que eu não entendi o que você quis dizer...

M: Para que serve a opção por uma abordagem teórica?

P1: Eu acho que serve para esse profissional se compreender e se orientar no espaço, né, que você vem de uma perspectiva, né, sei lá, teórica da psicanálise, você tem uma forma de raciocinar sobre os casos, uma forma de orientar esses casos, você tem uma... diferente de compreender os fenômenos, eu penso que serve para você ter uma reorientação global eu diria, mas enquanto profissão o que você vai fazer em relação ao seu colega não é muito diferente, tá, não, porque assim, exemplo, eu sou psicóloga escolar, ou assim, eu tenho uma perspectiva teórica, mas eu vou continuar visitando escolas, eu vou orientar pais, né, devolutiva. É atendimento para criança, o que é feito acaba sendo igual. Mas isso aí, né, e como a gente compreende ele, mas o meu trabalho em si, a prática, é igual.

M: Tá, é... Eu perdi um pouquinho dessa resposta.

P1: Oi? eu acho que agora eu perdi você... Ah que pena, eu acho que agora.

M: Ta me ouvindo...

P1: Agora... To ouvindo...

M: O que aconteceu é que agora a gente tá com um delay grande, eu acho.

P1: Ahhh, que pena, tá, aonde que você perdeu, agora eu to... To ouvindo. Ah tá, perai, deixa eu... Aqui...O sinal também não é muito bom, deixa eu mudar de posição que eu sei que o sinal é melhor um pouquinho. O que você ouviu?

M: Eu prefiro que você repita um pouco, pela pesquisa, para eu não induzir se eu tiver entendido errado.

P1: Tudo bem, tudo bom... Tá, eu respondi assim: ter uma teoria ajuda o profissional a se reorientar, se reorientar globalmente como ele enxerga o fenômeno, certo? Mas, na prática, eu, sei lá, tendo uma perspectiva, não referencial teórico, ou um colega que é referencial teórico, vamos dizer radicalmente diferente, o nosso trabalho na prática ele vai ter que ser o mesmo, e aí eu dei o exemplo do psicólogo escolar, mas poderia também ser no SUS porque

ANEXO A

eu trabalho nos dois. Poderia, mas eu dei mais o de psicólogo escolar pela lógica que a gente tem que seguir, de orientar pais, de atender os alunos, de conversar com... Tô resumindo e usando termos menos complexos, tá. Mas de ir até a escola, visitar a escola, conversar com a professora, né, entender onde a escola não tá escutando esse aluno, onde os pais não tão ouvindo a escola, onde a escola não tá ouvindo... então meu trabalho na prática em si não tem que ser diferente do meu colega, nós temos que fazer a mesma coisa, é essa ideia, tá, deu pra ouvir?

M: Deu.

P1: Tá.

M: Bom, acho que a gente sempre poderia ir mais longe, mas a gente já tem um tanto de material colhido e já passou pelos pontos principais do roteiro... Você sente que ficou alguma coisa que você gostaria de colocar ou que você gostaria de levantar?

P1: Eu penso que não, eu já falei como eu vejo essas questões que você colocou, acredito que não.

ANEXO B

Transcrição de Entrevista - Participante 2 (P2)

P2, homem cis, branco, 30 anos, formado e exercendo a atividade atual há 7 anos.

M = Pesquisador

M: Então acho que está sendo gravado, a gente pode começar a pesquisa, tá bom?

P2: Beleza.

M: Você se considera exercendo a psicologia desde uma perspectiva teórica específica?

P2: Sim, é, discorrer sobre isso?

M: Sim, é, pode considerar suas respostas livres, pode ir tão fundo quanto você quiser, se for o caso eu faço mais perguntas sobre, tá?

P2: Tá, então, eu considero sim, eu sou psicanalista lacaniano, né? Eu acho que assim, você falou pra eu falar livremente, assim, eu me considero psicanalista lacaniano, só que eu não me sinto confortável para dizer assim, expressamente assim, né, como alguns colegas meus eu percebo que tem essa dificuldade também porque eu percebo que é muito difícil nos canais lacanianos, não sei se essa é sua área também, né, mas, é uma área bem difícil né, acho que é difícil falar psicanálise lacaniana porque tem muita coisa para eu saber ainda, muita coisa para conhecer, é uma área bastante complexa. Então psicanalista eu me sinto mais confortável. Para mim mesmo eu sei que não é psicanálise de uma maneira geral, é uma psicanálise lacaniana, né? É, eu até falo psicanálise freudiana/lacaniana, porque acho que com Freud eu me sinto mais confortável, assim, eu sei que eu tenho um conhecimento, eu acredito que o bastante assim, né. Mas é, respondendo a pergunta, sim, mais, a, sou mais voltado para a psicanálise lacaniana. E Freudiana também.

M: É, eu fiquei com uma dúvida, mas assim, pode até parecer que eu faça algumas perguntas óbvias as vezes, tá, mas é importante eu saber o jeito em que você responde.

P2: Sim, sim.

M: Isso pressupõe que existe uma diferença entre você ser uma diferença entre você ser um psicanalista que gosta da obra do Lacan, por exemplo, e se guia principalmente pela obra do Lacan, e você ser de vez um Lacaniano? Tem uma diferença por exemplo, entre você ser e se guiar?

P2: eu acho que tem uma diferença aí, mas eu me considero um vir-a-ser Lacaniano, não é que eu simpatizo, eu quero me tornar, mas eu não me sinto confortável para dizer que eu sou ainda, né? Mas assim, por dentro eu sou, acho que não é uma simpatia, eu realmente, é algo

ANEXO B

que eu visou, né? Ser lacaniano de fato. Digo, ser Lacaniano quando eu quero dizer isso, é ter um conhecimento suficiente para poder afirmar, entendeu?

M: Acho que eu já até faço umas perguntas a mais sobre esse processo, mas...porque?

Porque a psicanálise, e porque a psicanálise lacaniana?

P2: Então, eu achei até interessante assim o tema da pesquisa assim né, porque eu era bastante eclético na faculdade, no começo, né? No começo não, até quase o fim da faculdade, eu fiz no Mackenzie, né, a formação, e, lá no Mackenzie a gente faz os estágios no final, né, os estágios mais assim estágios mesmo, a gente faz, a gente tem que escolher ou, são outras áreas, né, que tem que escolher de estágio, ou você escolhe duas institucionais e uma clínica, ou duas clínicas e uma institucional, né? Ai eu escolhi duas clínicas, que assim, é bem interessante porque eu gostava das duas coisas bem diferentes assim, né, tipo, as que eu mais gostava, né, eu gostava muito de psicologia social, da análise do comportamento e da psicanálise, são bem diferentes mas eu gostava das 3, né, e meio que eu botei as 3, assim, é, psicologia comunitária na institucional, é, psicoterapia cognitivo comportamental, e psicoterapia breve com base psicanalítica, eu consegui as 3 para fazer o estágio, meio que para decidir o que eu gostava mesmo, essa era a minha ideia, né. E, acho que foi nesse processo que eu decidi mesmo pela psicanálise, é, porque o que que acontecia assim...é...eu sempre gostei muito da teoria comportamental, assim, a comunitária, né, deixa eu falar comunitária primeiro, né, acabei nem falando, já tinha descartado já, mas acho que é pq eu não tive uma experiência muito boa assim com a comunitária, porque cada aluno ia para uma instituição fazer o trabalho de psicologia comunitária, né, então, sei lá, um abrigo, uma outra pessoa aí pra um lugar que acolhe idosos né, e eu fui para um, eu já tinha visto esse tema das cooperativas né, ai eu, ai eu achei interessante, peguei esse tema e fui para uma instituição que era uma incubadora de cooperativas, né, só que não era uma instituição com cara de instituição, era um escritório que tinha lá o presidente da incubadora, e tinha tipo fotografo e alguns outros funcionários, bem poucos né, enquanto o pessoal ia realmente em instituições que recebiam os pacientes, que recebiam uma população, aí eles faziam o trabalho direto com essa população, enquanto o estágio que eu fiz com a minha...

(trecho inaudível)

Né, a gente, é, era um escritório assim basicamente o que a gente tinha que fazer era, é, era meio que levar a questão da cooperativa, ajudar pessoas que gostariam de montar cooperativas, a montar uma cooperativa, então basicamente a gente tinha que visitar lugares para saber mais sobre cooperativa, a gente, é, a gente pensou também em fazer, ajudar, é, ex-presidiários a montar uma cooperativa, a gente estudou toda a questão do preconceito, uma

ANEXO B

pessoa que sai do presídio enfrenta para arrumar emprego, e que seria uma boa alternativa montar uma cooperativa, então a gente fez uma palestra para alguns ex-presidiários para falar sobre a cooperativa, que eles não conheciam e tal, foi na, inclusive o Afroreggae que a gente fez essa intervenção, e é isso, aí tipo, a gente ficava divulgando a questão das cooperativas, né, então a gente montou uma página no facebook, então a gente saía para entender mais sobre as cooperativas, e também para divulgar essa questão, enquanto o pessoal realmente fazia um projeto mesmo, trabalho com os idosos, fazia projetos em grupo ali com os idosos, os abrigos faziam projetos em grupo também, então eu achava mais legal o estágio do outro pessoal assim, achava interessante ouvir deles, mas eu mesmo, não tive, não achei uma experiência, foi legal mas não foi legal como eu gostaria. Talvez, se eu tivesse tido uma experiência, eu teria tido outra visão, mas, pela experiência que eu tive no estágio eu num, num achei muito legal assim a, ai acabei me afastando um pouco da psicologia social assim, um pouco não, nunca mais vi assim, né. Ai na clínica, atendi na clínica da própria faculdade, cognitivo-comportamental e psicoterapia breve com base psicanalítica. Ai assim, o, eu sempre achei muito legal a teoria comportamental behaviorista, né, mas, só que eu acho que tinha um entrave ali na hora da prática, é, na questão de, não sei se você lembra da cognitivo-comportamental, na comportamental, tem aquela coisa das contingências, né, do estímulo antecedente, resposta, consequência, achava bem interessante a teoria da tríplice contingência, eu achava que se aplicava muito bem nos casos com os pacientes, achava bem legal. Só que eu lembro até uma vez que a própria professora falou pra mim assim, ah, tipo, olha paciente entendeu o que acontece antes, como ela se comporta e qual a consequência de como ela se comporta. Ela conseguiu descrever a contingência em que ela tá inserida, aí a professora virou pra mim e falou: não, mas não basta a pessoa ter consciência de como ela tá inserida, a gente tem que intervir para ela conseguir mudar isso daí. Ai que era o problema para mim, ai entrava exercicios, umas certas dinâmicas, ai eu já não achava muito legal que eu achava muito diretivo assim, é, enquanto na psicanálise não, bastava esse, né, não é tão simples assim, né, o sujeito tem consciência do que se passa com ele. Eu me sentia mais confortável com a psicanálise porque eu não me sentia nessa posição diretiva. Ai já confirmou o que eu gostei muito o que eu gostei no terceiro colegial de freud. Terceiro colegial, cometi um ato falho. No terceiro ano da faculdade eu achei interessante o... Foi ali que começaram de fato a gente ver teorias de fato psicológicas, a gente fez primeiro e segundo semestres com filosofia, método científico, biolo... Genética, estatística, aí a gente foi começar a ver teorias psicológicas mesmo no terceiro semestre, aí que entrou introdução a psicologia social, psicanálise 1, introdução a psicanálise, análise do comportamento, terceiro semestre, é o

ANEXO B

semestre que eu mais gostei, assim... achei muito interessante, e o Freud eu achei muito legal, e assim, aí no quarto semestre continuou psicanálise 2 só que já não era mais Freud. Melanie Klein, Winnicott e Bion, eu achei interessante só que o Freud eu achei mais legal, e, eu queria ter tido mais coisa do Freud, achei que foi pouco 6 meses do Freud só, e, não tinha nada de Lacan, zero assim né, e, aí, eu lembro que, o, acho que no oitavo semestre se não me engano tinha uma amiga que gostava bastante de psicanálise e ela mandou um link pra gente, um módulo de formação em psicanálise do instituto Langage, e, é, o instituto baseado na psicanálise lacaniana, então eu, eu junto com mais 3 colegas, a gente foi, né, nessa primeira aula, e, acho que eu já tinha visto uma coisa ou outra de Lacan assim, mas, aí, aí fomos nós 4 né, foram duas meninas, eu e mais um cara, aí essas meninas não foram, eram 4 aulas né, elas não foram na segunda, aí esse meu colega continuou junto comigo, aí acho que, a amizade foi um fator assim, né, tinha amizade com eles, só que, aí ele continuou alguns módulos, ele saiu e eu continuei fazendo outros módulos lá, aí, quando eu, quando teve a primeira aula, eu achei muito interessante, só que, eu sempre vi o Lacan, aquela coisa, o retorno ao Freud, eu queria muito ver o Freud de novo, e esses outros autores pós-freudianos eu via uma ruptura muito grande com o Freud, quando eu vi que Lacan pegava os conceitos do Freud e dava uma avançada eu achei interessante, só que, apesar de gostar do Freud eu tinha umas ressalvas com ele. A questão do Édipo achava muito rígida, assim, o, o jeito como ele falava, até, a teoria da psicologia social, tinha um professor muito crítico assim, e ele falava, essa coisa do Édipo é coisa de família burguesa que não considera a história, e eu ficava com essas coisas na cabeça assim, mas, não consigo rebater esse argumento, realmente, mas acho que quando eu comecei a ver o Lacan começa a ver a coisa de um jeito mais amplo, o Édipo não é baseado nas figuras, papai mamãe filhinho, é nas estruturas, função materna, função paterna, falo, enfim... Eu achei mais amplo assim, né, e, retomando o Freud, eu acho que ele pegou o supra-sumo do Freud e melhor parte do Freud e deu sequência assim, então acho que isso que me chamou atenção assim, aí eu fiz os módulos do instituto, só que eles eram pouco didáticos, assim, até no nome, instituto Langage, assim, eles focavam muito a questão da linguagem, eles tem a questão do inconsciente estruturado como a linguagem, né, então eles iam muito pra coisa da linguagem, mas eles não ficavam, eu acho legal assim, mas acho que eu não estava preparado, talvez hoje estivesse mais, então eles saíam bastante, não ficavam só no Lacan, então eles chamavam professores de linguística, professores de filosofia, eles tinham um espírito muito autoral, de não ficar só repetindo o que o Lacan falava, mas tentar avançar, né, a partir do, pegar os, os teóricos com quem ele se baseou para produzir, né, mais da psicanálise assim né, e, e eu não achava muito didático assim, mas eu gostava, eu fiquei tipo, fiquei, é, uns 3, 4

ANEXO B

anos indo lá, mesmo não entendendo muita coisa continuava frequentando que eu achava muito intrigante, né, e acho que também me dava a possibilidade de estudar outras ciências humanas também. Me parecia que outras abordagens da psicanálise ou da própria psicologia não eram tão abertas a outras ciências humanas assim como a psicanálise lacaniana. Eu falava “ah, que legal, posso estudar história, linguística, filosofia, né, utiliza muito disso assim ne,” e, enfim, aí, e também fazer análise com um psicanalista Lacaniano também. Aliás, é um ponto importante, né, acabei não falando. Desde 2011 eu comecei a fazer análise com um psicanalista lacaniano, né, e, ele, eu fiz de 2011 a 2016 análise com ele, né. E, eu acho que assim, uma outra coisa que me intrigava também, porque assim, o que eu sabia de psicanálise era mais a questão do Freud, psicanálise freudiana, outros autores também assim era mais o Freud. E eu achava muito diferente, tava estudando psicanálise freudiana e era atendido por ele, eu achava muito diferente o que o Freud propunha de atendimento e como eu era atendido por ele, aí eu ficava muito intrigado, acho que talvez por ele ser lacaniano tenham diferenças aí né, aí eu fiquei intrigado nisso assim, quais são essas diferenças, talvez, por eu fazer análise também... Eu to pensando isso agora na verdade... Por fazer análise, ver essas diferenças, eu achava legal porque ele me deixava falar, você percebeu que eu falo bastante, ele deixava eu falar livremente assim, né, e, ah, tem uma questão assim, interpessoal assim, porque eu fiz, antes de fazer análise com esse psicanalista, eu fiz uma outra terapia, eu não sei qual que era a abordagem do psicólogo, mas, acho que não era um psicólogo muito bom assim, mas, é, mas esse não é o ponto, o ponto é que eu, acho que talvez tenha um pouco de relação também, eu fiz essa terapia com ele, era um valor muito barato e era um lugar bem simples, nada contra, mas, parecia, eu fiz a primeira sessão com ele, ele fazia muitas perguntas assim, da minha família, do, achei até interessante primeiro, ia perguntando ia me fazendo pensar também, respondendo sobre minha família, aí na segunda sessão ele já, eu falei de uma dificuldade que eu tinha de ficar com meninas assim, de chegar nas meninas, e ele falou pra mim “cê já pensou em tocar violão?”, eu achei muito, extremamente diretivo, eu saí muito mal de lá, me sentindo culpado, porque que eu não fiz, e com o outro analista lacaniano, que foi minha segunda terapia, não sentia nem um pouco direcionado assim, e, eu ficava muito intrigado assim, porque ele falava muito pouco e fazia o corte das sessões, bem lacaniano, e eu não sabia o que que tava acontecendo ali mas eu queria voltar, tava me fazendo bem, e, acho que eu ficava intrigado com a minha análise, que falava tão pouco, corta a sessão de repente e eu sinto que faz um efeito bom em mim, não sei dizer o que mas, né, e, acho que tinha esse fator então, acho que assim, tem o fator da...do Freud que eu gostava e o Lacan retoma ele a partir de uma, de outras teorias, acho interessante que aí ele abre pra linguística, filosofia e outras

ANEXO B

ciências humanas, acho que tem a minha questão também como paciente q eu fui direcionado ali, no momento fiquei mal e na outra não senti esse direcionamento, então achei que a abordagem lacaniana achei mais interessante como paciente, enfim, ai depois, é, ai depois continuei estudando, fazendo análise com uma outra analista agora, mas não vem ao caso, como constituiu tem mais a ver com isso assim.

M: É...

P2: desculpa se eu falei demais.

M: Não não, é o lugar para isso, a gente tá numa entrevista, né. É, você foi falando quando você falou das outras abordagens um tanto o que elas não atendiam o que você precisava, e quando você falou da psicanálise você trouxe bastante experiências que foram te direcionando para a psicanálise. Tem algo em que você sente que a psicanálise atende o que você busca?

P2; É, nossa, difícil essa pergunta. Ah, acho que tem algo. Talvez a dificuldade esteja em dizer o que é esse algo... eu acho que... ah, eu acho que, eu tenho a impressão que a psicanálise, digo lacaniana que é a que eu conheço, a forma como eu atendo, as experiências como paciente, né? Claro, a gente lê muita coisa, mas acho que assim, o mais forte são as experiências mesmo, a forma como eu atendo e a forma como eu sou atendido, tanto por esse primeiro psicanalista quanto por essa segunda que eu to agora, acho que, eu tenho a impressão que essa psicanálise lacaniana, acho que ela abre pro novo, ela, assim é, vai deixando, a gente vai deixando o paciente falar, vão nos deixando falar, acho que surge algo que a gente nem esperava, acho que é muito mais rico o que surge de repente do que algo que foi, foi pensado antes, e, acho que também, acho que com, assim, os primeiros anos de psicologia a gente estuda muito antropologia, sociologia, acho que assim, o ponto, acho que é impossível a gente lembrar de tudo da graduação, é muita coisa, muita informação, né, mas acho q o espírito da coisa, o que mais ficou pra mim da formação em psicologia, o espírito de não ter preconceitos, não compreender tão rápido, ter um pé atrás, ter uma certa desconfiança, quando o outro fala nunca tirar conclusões precipitadas, pensar os nosso próprios preconceitos, acho que esse espírito que ficou pra mim da nossa formação e psicologia, e, acho que voltando, vou articular com o que a psicanálise me atende, né, mas o, voltando por exemplo para a cognitivo-comportamental né, eu acho que quando a gente faz tarefas para o paciente, enfim, essas coisas que propõe, né, a gente corre o risco de tá direcionando o paciente para um, eu acho que existe pouca crítica no que tá sendo feito, o que que a gente quer atingir, eu acho que quando se quer atingir um resultado muito claro, desconfio, eu sinto uma teoria pouco crítica assim, afinal, a gente deve atender a demanda que o paciente tá pedindo pra gente ou

ANEXO B

problematizar essa demanda. Eu acreditava, né, essa visão que eu tenho, né, ele chega e fala, “eu tenho problema pra dormir”, dormir não, acho que, um exemplo, “eu tenho um problema pra ir bem nas provas, né”, eu acho que tem pouca crítica em atender essa demanda e falar “tá bom, vamos trabalhar junto para você ir melhor nessas provas”. Eu acho que tem algo antes. Porque você precisa ir bem nessas provas, porque você escolheu esse curso, né, tem um questionamento antes assim, a gente não sai comprando a demanda do paciente e vamos atender essa demanda, a gente problematiza antes também, acho que a psicanálise faz muito isso, é, e, acho que o que me atende é isso, assim, é, eu me sinto confortável com a psicanálise, é, claro, a gente pode de repente dar um deslize e acabar direcionando o paciente, botar um pouco do nosso preconceito, mas acho que a psicanálise corre menos esse risco, corre o risco em tudo, mas, acho que de deixar o paciente falar, não direcionar ele, deixar o paciente livre para entender o que está acontecendo com ele, ele tomar alguma decisão do que vai ou não fazer com isso, acho que a gente corre menos risco de direcionar o paciente, e acho que essa é a lição que eu mais aprendi do curso de psicologia. Mais do que qualquer conhecimento específico.

M: Tá, vamos voltar um pouquinho com o que você tava falando lá no começo, acho que pode ter a ver com isso mas pode ter a ver com outras coisas também. Para você e por você, porque eu sei que existem outras definições por aí, o que é que caracteriza alguém como psicanalista lacaniano?

P2: é, acho que é um profundo conhecimento teórico, acho que não, é, acho que assim, já é interessante a gente ter uma orientação, já saber de alguns conhecimentos, e já muda bastante a forma como a gente atende o paciente, mas, é, eu sinto que um domínio teórico assim, as vezes eu acho que eu sou um pouco exagerado nisso, mas, não sei, para mim, bater no peito e falar “eu sou, eu sou direcionado a tal autor”, a gente tem que ter um conhecimento profundo daquele autor. Não assim, saber tudo, mas saber a essência. Por exemplo, Freud né, eu não li todos os textos do Freud, mas assim, a metapsicologia freudiana, o que falam a teoria dele, tem uma lista de textos que eu já li do Freud. São os 23 textos da metapsicologia freudiana eu li umas duas vezes assim, então assim, a essência do freud eu entendo, tudo que ele fala eu consigo associar com a metapsicologia, eu não fico perdido, “não, mas aqui, porque ele...?”, tem uma noção mais ou menos do todo da obra. Acho que é isso, a noção mais ou menos do todo. Não precisa saber tudo, mas saber a essência da coisa. Acho que ter mais ou menos a noção do todo. Acho que no Lacan não tem essa noção assim. No sentido de, dependendo do autor, tipo o Muller faz várias divisões do ensino do Lacan, né, então o primeiro lacan, o segundo, o último lacan, esse, eu sei do Lacan do simbólico, né, inconsciente estruturado

ANEXO B

como linguagem, só que o último Lacan, dependendo da teoria, clínica do real, eu não, tenho pouquíssimo conhecimento, então acho que é isso, não tenho conhecimento do todo, não tenho segurança para dizer que eu sou lacaniano. Freudiano eu já tenho ...mas não falo porque na verdade eu não sou, crítico, então eu estou no meio, freudiano querendo ser lacaniano, talvez isso defina mais. Quase freudiano tentando ser lacaniano. Quase porque tem noções do Freud que eu critico, não adoto, assim né, mas, tipo, talvez se eu quisesse falar freudiano eu conseguiria porque sei, mas, por criticar falo que é quase, mas aí não é igual o Lacan, que eu falo que é quase, é quase porque eu não aceito algumas teses do Freud, enquanto o lacan eu não, eu não, eu digo quase lacaniano por não saber mesmo. Uma falta de conhecimento.

M: Tá, você imagina alguma coisa que seja importante para o trabalho de psicólogos em geral, aí a gente não precisa estar falando só de psicanalistas lacanianos. Para além dessa denominação.

P2: Importante? Ah, acho que vou te dar uma resposta genérica, não consigo definir assim, mas acho que um bom conhecimento teórico, né? Ah, e eu acho também que o psicólogo ele tem que ter uma linha teórica assim, que oriente o trabalho dele, seja cognitivo, seja psicanalista lacaniano, psicanalista freudiano, tem que ter uma, um direcionamento, acho que, é, acho que não dá para a gente misturar perspectivas teóricas, acho que acaba confundindo assim, então, é, acho que assim, eu digo conhecimento, mas acho que, acho que tanto ter um conhecimento geral, assim, não tão, é, não tão profundo na psicologia de uma maneira geral, e quando eu falo psicologia de uma maneira geral, não no sentido por exemplo, eu não acho que o behaviorista tem que saber da psicanálise, ou o psicanalista tem que saber do behaviorismo, né, uma abordagem diferente tem que saber da outra, mas tem que saber de outras coisas. Por exemplo, conceito de atenção, conceito de percepção, conceito de memória, conceito de inteligência, de cognição, a psicologia, não sei definir né, mas, ah, questões básicas, psicologias, né. Talvez, conhecimento do DSM, dos, das classificações psiquiátricas, um pouco de medicações, e um conhecimento aprofundado, digo isso de uma maneira mais geral, não tão aprofundado, mas, ao mesmo tempo conhecimento aprofundado em alguma teoria específica, psicanálise lacaniana, cognitiva, gestalt, enfim, é, acho que elas, não precisam umas saber das outras, mas saber desse conhecimento que eu acho que se aplica a todas, importante saber, porque a memória, percepção, inteligência, acho que isso, todas as teorias vão falar de alguma forma, então é importante saber, e a prática também, acho que... acho que basicamente isso assim.

M: Assim, pelo que você tá falando, para além de um conhecimento geral, e algumas diretivas talvez para o funcionamento, como não ser muito diretivo na análise, é... Você

acha importante que a pessoa tenha uma escolha por uma abordagem teórica específica. Ai aqui a pergunta agora é, “porque, para que serve a opção por uma abordagem teórica específica”?

P2: É, eu acho que...é...é uma boa pergunta... Eu acho que assim, ah, para você ter uma lógica de raciocínio na sua cabeça, acho que uma lógica tão forte a ponto de ser quase que natural, espontâneo, essa forma de ver o mundo, de pensar, acho que, uma coisa q eu percebo na prática do psicólogo é que a gente tem que, não dá para a gente ficar pensando muito, às vezes a gente tem que, alguma coisa acontece, a situação é dada, o paciente fala uma coisa, a gente tem que dar alguma resposta, não no sentido de dizer “o paciente tem que fazer isso ou aquilo”, a gente tem que ter algum entendimento instantâneo da coisa, pra gente começar a fazer algum movimento assim, então, eu acho que tem uma visão de mundo já, da teoria que você adota ajuda nisso, como é colocado numa situação, cê já começa a ter um vislumbre do que tá se passando, e começa a pensar em intervenções, acho que se a gente não tem isso, acho que fica difícil assim, e, acho que, se a gente usa várias abordagens diferentes, uma vai entrar em contradição com a outra, e a gente não vai conseguir agir de maneira efetiva em uma direção, se a gente tem várias abordagens, a gente caminha numa direção com o paciente, mas não, por estar atravessado por outra abordagem, essa abordagem atravessa e, acho que ela bloqueia esse caminho que estava sendo percorrido com o paciente, com o tratamento, acho que talvez atrase o caminho que tava sendo percorrido, a gente vai numa direção, se usa outra teoria talvez, a gente interrompa esse caminho...não sei se eu fui claro, acho que...

M: Talvez, é claro que assim, não existe uma resposta certa, tá? Esse não é um teste, não é um exame, estou tentando entender qual sua opinião e o que que você pensa do assunto. É...mas você vê uma diferença intrínseca na diferença das teorias e das abordagens, entre o trabalho de um psicólogo de uma ou outra, ou você entende que assim, sendo cada um dentro da sua abordagem, tem uma qualidade possível que é mais ou menos a mesma? Talvez uma ou outra foque temas diferentes... Eu fiquei na dúvida quanto a isso.

P2: Então, se eu disse que todas têm a mesma qualidade eu vou estar mentindo, acho que, quando a gente começa a estudar uma abordagem, acho que naturalmente a gente acaba tendo críticas em relação a outra, né? E, por exemplo, estudando psicanálise não tem como a gente não ser crítico à cognitivo, mas é claro que partem de pressupostos diferentes...acho que, né, se eu entrasse na lógica, né, ah, acho que ver a teoria comportamental a partir da lógica psicanalítica é uma coisa, né, ver a teoria comportamental dentro da teoria comportamental, teoria da gestalt dentro da, da perspectiva, né, é diferente, né? Por exemplo, se eu não

ANEXO B

considero a existência do inconsciente, eu vou ver de um jeito a psicologia comportamental, o inconsciente como um lugar, enfim...mas... se eu considero.. se eu não considero, ai já vejo de um jeito diferente, se, né...é, mas, qual foi a pergunta mesmo? Acabei me perdendo. Se é você, se é melhor uma abordagem, ou se todas têm uma mesma qualidade?

M: É, se você vê uma diferença de qualidade ou uma diferença entre elas que justifique uma ser melhor do que a outra, ou se não, é mais uma questão de estilo pessoal, uma questão de área.

P2: Então, acho que, é eu to falando muito da comportamental, mas acho que é o que eu mais fora da psicanálise eu tenho mais conhecimento assim né, então assim, eu to falando da comportamental mas você pode estender isso para outras teorias que eu to dizendo assim, né, então por exemplo, acho que, acho que é muito complicado falar de efetividade assim, porque depende da onde a gente quer chegar, então por exemplo, um paciente pode vir dizer que ele vai mal nas provas, ele quer ajuda pra isso, de repente se eu fizer um trabalho com ele comportamental talvez, mudar o comportamento dele, passa a tirar boas notas, se a proposta é vai tirar boas notas, paciente traz um sintoma, e o que a gente quer e apenas se livrar do sintoma, a gente pode falar que é efetivo, cognitivo-comportamental, se a gente pensa que o objetivo não é se livrar do sintoma, mas entender que o sintoma serve alguma coisa ele tem algum sentido, e se o paciente entender esse sintoma vai trazer um bem ainda maior para ele, é, enfim, tem uma lógica o sintoma, mas se a gente se livrar de um sintoma ele vai pro, ele vai aparecer em outro, essa lógica de pensar do paciente, né, então, eu acho que assim, depende do que a gente tá considerando como o objetivo assim né, então, eu acho que, acho que cada uma pode ser efetiva no que tá se propondo, então acho que uma boa teoria comportamental é aquela que consegue modificar o comportamento, que é isso que ela se propõe, uma boa análise é aquela que consegue fazer o sujeito entender o seu sintoma, que isso que ela se propõe, então acho que torna uma teoria boa é conseguir atender o que ela se propõe. Então assim, os objetivos que a gente quer alcançar, passa por uma questão ética, uma visão de mundo também, é, no sentido de, agora eu vou dar uma viajada, tá?

M: A vontade

P2: Eu acho que assim, a minha visão, tá, eu acho que a ciência é capaz de dizer se algo é verdadeiro ou falso dependendo do que ela quer, é, ela consegue dizer o que é o verdadeiro, o que é o falso, né? mas ela não consegue dizer o que é o certo e o que é o errado. Eu acho que a ciência é descritiva, então ela simplesmente descreve uma situação, ah, tal coisa acontece por isso, isso e aquilo, agora, é certo isso? É errado? Então acho que minha questão é essa, por exemplo, comportamental, eu gosto da parte científica da comportamental, que é explicar

ANEXO B

porque que tal coisa acontece, agora, tentar intervir, a forma como se intervém nessa situação, aí é uma decisão ética, acho que não parte, não tem mais a ver com verdade e mentira, tem a ver com certo e errado, e aí o certo e o errado tem a ver com a questão ética, e acho que o Freud consegue de maneira muito interessante essa distinção assim, quando ele diz que a cura vem por consequência, quando ele diz que a gente não tem que ter compaixão do nosso paciente, a gente tá ali pra analisar, a cura vai vir por consequência. Acho que a gente não cai no erro da, acho que é uma questão ética assim, por exemplo, não pode se dizer, intervir para que o paciente tire notas melhores, se adapte melhor ao mundo, como ele tá se queixando, que isso é verdade ou mentira, é certo ou errado, aí já parte de uma escolha ética. E assim, eu acho que, por tudo que eu, a lógica do curso de psicologia, enfim, acho que é uma ética contrária a ética que se adota nessa coisa do bem para o paciente, acho que é muito complicado essa historia assim, então, é, não sei se eu respondi a pergunta assim

M: Sim, é...

P2: O que torna? Acabei me perdendo de novo.

M: Basicamente, eu acho que você respondeu na verdade, que é, eu estava perguntando da diferença de qualidade, entre uma abordagem e outra.

P2: Assim, é, eu acho que, deixa eu pensar a questão da qualidade. Acho que é isso, pensar o que a teoria se propõe. Assim, não to jogando fora, acho que em alguns casos a cognitivo se adapta melhor que a própria psicanálise assim, talvez em situações específicas. O sujeito quer parar de fumar, não tem nada, não, não quero saber porque eu fumo, só quero parar de fumar. Eu acho que é mais efetivo, é mais rápido. Tá bom, parei de fumar. Tem questões éticas que não são tão complicadas assim também. Tá bom, fumar faz mal à saúde, o sujeito falou que quer parar de fumar, tudo bem. Agora, quero ser melhor socialmente falando, quero me adaptar mais, acho que aí começa a ficar complicado assim, é, tipo ah, quero parar de ser tímido, quero me, enfim, me relacionar melhor com as pessoas, acho que aí já começa a ficar um pouco...mas assim, questões de saúde, quero emagrecer, quero parar de fumar, acho que.... da pra problematizar, mas não é tão problemático assim, então acho que.. é... acho que pensa no, questões, acho que assim, né, falei pra caramba, mas eu pensando agora né, eu acho que assim, é, tirando a parte ética, né, em circunstâncias em que a ética não é problematização ética não é tão grande assim, eu acho que todas as teorias podem ser efetivas. Agora, quando as questões éticas são mais complicadas, mas, eu acho que aí já, já começa a ver diferenças assim. Então por exemplo, se a coisa da adaptação à sociedade, da, como se relacionar com o outro, acho que aí já começa-se entrar uma coisa ética mais complicada assim, é, agora, é, talvez questões de saúde sejam mais tranquilas assim, agora, acho que assim, teria que fazer

ANEXO B

uma lista de, talvez questões estéticas, questões de como se relacionar com o outro, quando começa a ficar complicada a questão ética, acho que a psicanálise tem uma qualidade melhor do que, eu não conheço como as outras teorias pensam, né, mas eu tenho impressão que a psicanálise tem uma qualidade maior quando se trata de agir de maneira mais ética assim, é, de problematizar a questão ética assim. Acho que a psicanálise é bastante crítica assim.

M: É... a gente tem tempo para fazer mais uma pergunta ainda? Eu não sei, como a gente demorou um pouco para começar, não sei como você está de tempo, tá?

P2: Claro, sim. Não, pode. Se eu tiver falando demais pode me cortar também.

M: Não, não, sem problemas, daqui esse corte não vai acontecer

P2: (risos)

M: Com tudo isso, como você acha que deveria ser construído o conhecimento na psicologia, como a gente deveria aperfeiçoar as práticas, como a gente deveria construir psicologia como um todo?

P2: Então, não sei se tem a ver com sua pergunta, mas uma coisa que eu pensei, na, na formação do, na faculdade de psicologia, é pertinente?

M: É pertinente, pode falar

P2: Eu acho, eu sempre pensei, tem até uma teoria pra isso, acho que é, ah, não sei, resolução de problemas ou alguma coisa assim, mas é a percepção que eu tive assim. Que, assim, sempre tive um interesse razoável da, do curso, mas acho que o interesse por buscar a teoria, por, eu acho que aumentou muito mais quando eu entrei no estágio e começaram a surgir os problemas, então, é, como resolver esse problema que está se apresentando na prática, então, ah, vou recorrer à teoria, e antes sempre tive um interesse razoável, mas eu percebi que eu tinha colegas que, tinham um interesse muito, é, muito, pouco interesse assim na, em estudar teorias e buscar conhecimento na psicologia, mas eu percebi que no estágio, aumentou demais o conhecimen... o... o interesse geral das pessoas por estudar teoria, por discutir entre si as teorias da psicologia, realmente se interessavam, mas a partir do momento que surgiam problemas na prática e que, né, agora, não tem mais jeito, vou ter que resolver isso daqui, vou ter que recorrer a uma teoria. Então eu acho que desde o primeiro semestre já tivesse que ter alguma... não que o psicólogo... não que os alunos tivessem que intervir porque ainda não estão preparados, mas é, eu acho que talvez, trabalho de observação, assim, de observação e...e... chegar na sala de aula e problematizar, olha, aconteceu tal coisa, e aí, como é que a gente resolve isso daqui, como é que a gente pensa isso daqui, e o aluno ter que ir atrás da teoria pra explicar o que foi observado. Eu acho que foi muito mais efetivo do que estudar um monte de teoria e no final a gente vê os problemas. Se a gente vê os problemas desde o início,

ANEXO B

as teorias parecem algo real mesmo, mas enquanto as coisas não se ocorrem, parece que não faz tanto sentido a teoria, a gente tá falando de coisas que não existem, ou na, na pratica tá aí, as teorias fazem mais sentido, então assim, eu penso isso com relação à formação em psicologia, não sei se respondi sua pergunta, mas, imagino que, é, talvez a base seja o mais importante, né, nesse sentido de, como como desenvolver o conhecimento na psicologia assim, né, mas assim, é uma percepção que eu tenho do curso que eu fiz, né, que os estágios são feitos no final, né. É... então, não sei como são os outros cursos, mas, se eu pudesse propor uma, uma forma de...de formação acho que seria essa assim, e, acho que, é, também, não sei se é da minha formação, mas, eu acho que, a gente deveria se aprofundar muito mais nas teorias ao invés de ver essas teorias aplicadas em algum espaço, assim, então por exemplo. É... A psicologia hospitalar, psicologia do esporte, psicologia X, Y, né, específicas assim, né, eu acho que, talvez na formação a gente deveria ver bastante teoria e no final a gente ver essas outras áreas porque aí, digamos que a teoria aplicada, assim. Então, por exemplo, acho que ter 6 meses de Freud na faculdade é muito pouco. Ter dois semestres de cognitivo-comportamental é muito pouco, eu acho que talvez seria importante focar mais nessas áreas, nas teorias mesmo de uma maneira geral, visões de mundo, né, de, no final, a gente vê psicologia do esporte, psicologia hospitalar. É...eu acho que é mais isso assim, eu, no conhecimento da psicologia eu acho que, é... eu vejo isso, consigo responder mais na formação da faculdade mesmo, pela atuação.

M: Tá, eu fiquei com uma dúvida, tem algo que você acha que a psicanálise não atende, no que você busca, o que você precisa, aquilo que ela poderia pra você enquanto psicólogo

P2: Ah, eu acho que assim, a única coisa que eu diria é, acho que é a forma de transmissão da psicanálise, como se ensina, digo, psicanálise lacaniana, né, como se ensina psicanálise lacaniana, né. Eu acho que é muito complexo assim a forma como se ensina, né. Acho que assim, o Lacan já tem uma, um ensino muito complexo de se ler, de entender, né, e acho que muitas vezes os professores não facilitam muito também esse acesso a, acho que ser mais didático assim no ensino, ser mais acessível às pessoas assim, sabe? É, e isso, que assim, o que eu penso assim né, que, assim, pensando nos lacanianos assim, se eles acham que a psicanálise é algo interessante provavelmente eles acham que é a melhor abordagem que tem, por isso estão usando, obviamente mergulhados nela, né, se supõe que se chegar, se a psicanálise chegar ao maior número de pessoas melhor será. Mas eu acho que tem pouco acessibilidade assim, acho que tanto no ensino né, de formar novos psicanalistas, pra psicanálise atingir mais pessoas, quanto talvez uma elitização também da psicanálise assim,

ANEXO B

então, é, acho que tem até alguma resistência aí no começo do, pelo menos a escola brasileira de psicanálise, né, que eu to acompanhando mais né, é, em atendimentos online, né, tiveram muitas discussões em cima disso assim, e eu não achava que, achava que claro, atendimento presencial é diferente do online, não achava que era pra tanto assim, pra tanta discussão, achava que é uma maneira de muitas pessoas acessarem a psicanálise, e, é, eu, assim, eu to criticando mas ao mesmo tempo eu acho que houve uma mudança também com a questão da pandemia, ficou mais acessível assim, projetos novos surgiram, de atendimento online, gratuito, valor social, então, é, acho que assim, é questão do, da divulgação também da psicanálise de uma maneira que essas pessoas entendam também né, então o... Eu acho legal ter canais hoje, Christian Dunker, tem pessoas que conseguem divulgar a psicanálise assim, é, claro, tem que ter uma preocupação em manter o rigor teórico, mas, acho que assim, acessível a quem quer se formar como analista, e acessível aos pacientes também, acho que mais isso mesmo.

M: É, mais especificamente para exercer o seu trabalho e para por exemplo atender na clínica, que é o que a gente mais falou né, é... Você sente que a psicanálise deixa algo a desejar, para além da forma de transmissão, essa forma de chancela institucional?

P2: Ah, na clínica? Hm, acho que não, acho que atende bem assim, o, não consigo pensar em algo agora, provavelmente tem sim, mas eu não...é... deixa eu pensar... é, eu acho que, mas aí não é uma crítica assim, é algo, é algo que tá desenvolvendo assim, acho que, talvez, na minha visão né, acho que não chegou lá ainda, mas, tá tendo um trabalho para chegar nisso sempre, sempre está sendo discutido isso, sempre avança assim né. Acho que o tratamento de autistas, não é, mas assim, não por uma falha do... é... ah, tem algo que a gente sabe e a gente não está aplicando, a gente nunca...não, tem algo que a gente não sabe ainda, sobre os autistas, sobre os psicóticos, é...e... só que eu acho que, tá, sempre se corre atrás disso assim, acho que assim, a psicanálise funciona perfeitamente para quadros de neurose, né, mas, acho que o que tá fora da neurose ainda tem muita coisa pra desenvolver ainda. A própria perversão também, as estruturas clínicas, né, a perversão, e psicose, o autismo, acho que ainda, deixa a desejar mas...é...não sei se as outras abordagens também atendem assim, tá todo mundo correndo atrás de, disso assim. De, é, atender melhor quadros mais, quadros não tão convencionais de diagnóstico.

M: Você tem alguma opinião em específico ou algum pensamento sobre a diversidade teórica da psicologia em si? Sobre o fato de a psicologia ser separada em abordagens e ter diferentes abordagens?

ANEXO B

P2: Então, ah, eu fico pensando isso, é, eu acho que, a psicologia acho que é um termo extremamente amplo assim, é, então... Acho que assim, claro, que as outras, né, por exemplo, na fisioterapia, a medicina, né, é bastante amplo também, mas acho que psicologia é da água pro vinho assim, são até contraditórias assim, as...provavelmente no campo médico também, as outras áreas, mas... acho que na psicologia é muito gritante assim, a diferença que tem de uma teoria para outra assim, né... e...é, não sei assim, se talvez, algum dia, não seria bom a gente separar assim as... talvez as graduações assim. É, tipo, assim, acho que assim, o que a formação em psicologia mais me deixou foi a questão do... acho que até uma crítica minha assim, que assim, é tanta coisa que a gente vê, tão diferente uma coisa da outra que a gente reter isso é praticamente impossível assim, a gente sai com... eu percebo assim, pelo menos nos colegas que eu vejo assim, parece que todo mundo sai com uma teoria assim. Pega uma teoria, fala, “não, vou me aprofundar nessa”, e sai da faculdade com essa assim, né, e todo o resto, acho difícil encontrar alguém que consegue absorver de uma maneira geral assim o que. Acho que o que ficou pra mim é a questão ética de, vou... o que mais leva o espírito da psicologia. Acho que me formar em psicologia me mudou como pessoa assim, a forma de ver o mundo com menos preconceito e mais aceitação, é, enfim, não compreender as coisas tão rápido assim, ter um pouco pé atrás assim. E, talvez a gente possa caminhar para um dia talvez separar as teorias, assim, ou, não sei, pelo menos se aprofundar um pouco mais em cada uma, não sei se o curso de psicologia, do jeito que é hoje, ele... é...enfim, assim, acho que é muito diferente falar o psicólogo, psicanalista, o jeito de ver o mundo é muito diferente assim. De, o próprio cognitivo-comportamental, é... enfim, talvez, talvez seria interessante a gente deixar mais claro essas diferenças assim. O psicólogo não é o psicólogo, né, são mundos diferentes assim da, das abordagens assim, que acho que nem diálogo consegue ter as vezes. Enquanto as áreas de medicina dá mais pra conversar, jeitos diferentes de.... não sei, acho que fica muito socado numa coisa só assim, várias coisas extremamente diferentes socadas numa mesma... aglutinadas numa mesma coisa assim.. que dá a noção de unidade mas não tem a menor unidade assim. É... Não sei, eu tenho a impressão que talvez seria, né, ah, pra concluir assim, por favor, é, eu acho que, talvez, por exemplo, pudesse separar graduações, ah, acredito que já é assim na verdade, pelo menos na psicanálise é assim, né, é, percebo porque a formação em psicanálise não acaba na faculdade, né... muito pelo contrário, inclusive você pode se formar em outro curso e, dar sequência estudando psicanálise, é algo que já é à parte da psicologia. É, então, só que eu acho que, aí é que tá, talvez é a parte só que, aí se perde é... se perde essa coisa da psicologia de estudar antropologia, sociologia, a visão de mundo assim, de ter menos preconceitos, enfim, de... É, uma visão mais humanista de

ANEXO B

mundo acho que se perde quando se separa assim né, é, na na psicanálise a gente não vai estudar isso, antropologia, sociologia, enfim, talvez pudesse separar os cursos mas trazer essa questão da sociologia, da antropologia, junto com, é... e também, questão de memória, percepção, psicologia básica assim pra, pra cada um desses cursos isoladamente. Acho que colocar tudo no mesmo pacote acaba... a gente não se aprofundando em nenhuma teoria assim, e sendo obrigado a começar tudo de novo estudando aquela teoria isoladamente assim.

M: Ficou mais alguma coisa que você gostaria de ter dito, apontado, alguma opinião ou outra coisa que você sente que eu não perguntei e que seria importante?

P2: Acho que não, falei pra caramba...(risos)

(inaudível) Aonde você se formou, na USP?

M: Não, puc

P2: Mais curiosidade mesmo, ah, acho que, talvez, não sei se cabe mas, ah, é, não sei, eu falei muito do Mackenzie né, a experiência com o Mackenzie, não sei como é na PUC, por exemplo, se faz sentido as coisas que eu disse assim.

M: Assim, cada universidade vai ter seu jeito diferente de ensinar, e mesmo cada instituição da psicanálise, acho que a questão aqui eu to (...inaudível...) enquanto projeto de pesquisa, dentro da sua experiência, o que que você tem encontrado, e o que que foi importante, né, então é interessante que você diga “como o Mackenzie era assim, o efeito foi esse”.

P2: Então não tem problema eu falar da minha visão microscópica aqui da realidade?

M: Não, não, pode deixar, isso está sendo levado em conta. Dentro da sua perspectiva tem algo mais que você acha importante sobre esse tema da identidade teórica, de como a gente constrói essa identidade na psicologia?

P2: É...deixa eu pensar, ah eu, é que eu acho, eu acho complicada essa coisa, o termo psicólogo, acho que é muito complicado assim, porque, é...pode-se dizer, eu ia dizer é muita coisa. É tipo ce falar X, é uma coisa que, tem tanta coisa que pode ser, ah, eu sou psicólogo, falar mais 15 perguntas para saber exatamente do que tá sendo falado assim né, quando se diz que é psicólogo, né, e, eu acho que, talvez, não sei se tem alguma questão política assim, de a gente se definir como psicólogo, porque, não sei o quanto as teorias psicológicas, né, vamos botar assim né, psicanálise não considera psicologia, mas né, a gente estuda, enfim, não fala teorias psicológicas, né. Acho que elas não têm o alcance que elas deveriam ter na vida das pessoas assim, na mídia, acho que não é o suficiente, a forma como é disseminada assim. E acho que não tem uma valorização desses profissionais como deveria assim, e, de uma maneira geral, né... e acho que talvez a gente, talvez é juntar forças assim, talvez falar “somos

ANEXO B

psicólogos" é todo mundo dar a mão, não tem tanta valorização social desses profissionais, é como se todos esses dessem a mão dentro da psicologia para ganhar mais força, então eu, eu vejo mais como um movimento político do que como, "ah, isso é uma unidade mesmo", acho que não tem essa unidade assim, unidade ilusória assim, e eu acho que, talvez o caminho é, acho que tá acontecendo isso sim, acho que é primeiro, eu não acho, eu acho que o movimento que tá acontecendo não é algo errado, acho que talvez juntar forças e definir uma categoria somos psicólogos, isso vai criando uma força, até o ponto de que tá bom, cês entenderam mais ou menos o que é psicologia, criamos um respeito, uma consideração social, agora a gente pode se separar e cada um se afirmar no que já tem um campo legal, reconhecido, agora a gente pode cada um...é...defender o seu próprio ponto e se separar, porque acho que separar você inevitavelmente vai entrar em conflito com o outro, cê vai afirmar uma coisa o outro fala outra, cê acaba enfraquecendo os lados, então acho que é isso, um movimento assim, não sei se é, algo que vai mudar no futuro assim né, mas, o movimento necessário dizer somos psicólogos, né.

M: Bom, mais alguma coisa?

P2: Não, acho que é isso mesmo

M: Então eu vou encerrar a gravação e oficialmente a gente para a parte da pesquisa, tá bom?

P2: Tá bom, beleza.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezada(o) Participante:

Gostaria de convidá-la a participar da pesquisa “*A Construção da Identidade Teórica do Psicólogo: Um Estudo Exploratório*”. Os objetivos da pesquisa abarcam compreender a sua relação com o campo teórico da psicologia, e como esta se dá.

A sua participação é muito importante e se dará através de uma entrevista, na qual o pesquisador fará perguntas acerca da sua experiência com o tema. As perguntas e suas respostas serão gravadas através da plataforma na qual será realizada a entrevista e, depois, será feito download do arquivo para equipamento eletrônico próprio do pesquisador, suas falas serão transcritas em forma de texto, exatamente como foram ditas. Além disso, os arquivos de áudio serão descartados após sua utilização na dissertação de mestrado e eventual artigo científico a ser publicado e, portanto, ficarão em posse do pesquisador por aproximadamente 3 (três) anos até serem definitivamente eliminados.

É importante esclarecer que os dados serão utilizados somente para fins científicos e serão tratados com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Lembramos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, recusar-se a responder perguntas específicas, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

Informamos que você não pagará nem será remunerada (o) por sua participação. Este estudo declara riscos mínimos a sua integridade. Caso o tema da pesquisa gere algum desconforto, o pesquisador está apto e disposto a dar suporte psicológico para discutirmos sem a condição de coleta de dados, sendo possível inclusive marcar outro horário de comum acordo para tal apoio se necessário.

Em caso de maiores dúvidas, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP, no endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1.721, Bloco G, 2º Andar, sala 27, Cidade Universitária – São Paulo/SP – 05508-030, no telefone 3091-4182, ou pelo e-mail ceph.ip@usp.br; ou ainda com o pesquisador responsável, Mateus Elias Abumanssur, RG: 36.405.568-6, através do e-mail: mateus.abumanssur@usp.br ou do telefone (11) 9.4451-4321, ou através do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia Experimental, na Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Cidade Universitária, 05508-030, em São Paulo – SP – Brasil, e-mail: ip@usp.br.

Você receberá e assinará duas vias deste termo; uma das vias ficará com você e a outra ficará em posse do pesquisador responsável, que deverá arquivá-la.

Tendo em vista as informações acima, após ter recebido todas as informações necessárias e os esclarecimentos devidos, declaro consentir livremente em participar como voluntário desta pesquisa:

- Concordo
- Discordo

Nome: _____

Data de nascimento: _____

Cidade: _____

Data: _____